

Júlio César Gonçalves

**ANÁLISES DE NOTAS E DEMAIS CONTEXTOS NAS
TRADUÇÕES E DISSEMINAÇÕES DA
ESCRITA EM *PORTUGUÊS* DE JACQUES DERRIDA ENTRE
1968 E 1986**

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

**Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
Departamento de Lingüística Aplicada
Campinas – SP
2.006**

G	<p>Gonçalves, Júlio César. Análise de notas e demais contextos nas traduções e disseminações da escrita em português de Jacques Derrida entre 1968 e 1986 / Júlio César Gonçalves. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.</p>
586a	<p>Orientador : Paulo Roberto Ottoni. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Tradução. 2. Desconstrução. 3. Notas de rodapé. 4. Crítica. I. Ottoni, Paulo Roberto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>

Título em inglês: Analysis of notes and another contexts in translations and disseminations of Jacques Derrida's writing in Portuguese, between 1968 and 1986.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Translation; Deconstruction; Foot-note; Criticism.

Área de concentração: Teoria, Prática e Ensino da Tradução.

Titulação: Mestre em Lingüística Aplicada.

Banca examinadora: Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni (orientador), Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas, Profa. Dra. Elida Paulina Ferreira, Profa. Dra. Nícia Adan Bonatti (suplente), Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini (suplente).

Data da defesa: 20/10/2006.

Programa de Pós-Graduação: Lingüística Aplicada.

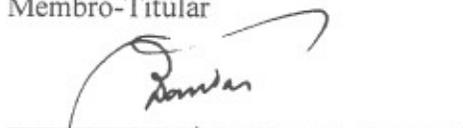
Banca Examinadora:



Paulo Roberto Ottoni
Orientador



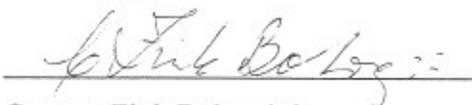
Elida Paulina Ferreira
Membro-Titular



Luiz Carlos da Silva Dantas
Membro-Titular



Nícia Adair Bonatti
Suplente



Carmen Zink Bolognini
Suplente

200708712
21804002

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Julio Cesar Goucas

IEL/UNICAMP (20/outubro/2006).

e aprovada pela Comissão Julgadora em

22/02/07.



À minha família

(Especialmente Ulisses, João Caetano, Maria Helena e Graciosa),

em agradecimento pela dedicação, compreensão e paciência diante de minha ausência como pai, esposo e filho.

Agradecimentos

ao prof. Paulo Ottoni, pelo trabalho paciente, minucioso, profissional e amigo,
às leituras esclarecedoras de Nícia Adan Bonatti, Élide Ferreira e Luís Dantas,
à presteza de Anamaria Skinner,
à colaboração fundamental de Luiz Costa Lima, Renato Janine Ribeiro e de António M.
Magalhães,
aos amigos e a todos aqueles que me ajudaram.

RESUMO

Esta dissertação é uma pesquisa sobre as traduções de Jacques Derrida em língua portuguesa, ocorridas de 1968 a 1986, com a intenção de analisar e incentivar as manifestações dos tradutores, através de notas e demais contextos, diante do *double bind* da tradução e da desconstrução que se opera nas disseminações próprias do trabalho de tradução. Na dissertação aborda-se também como historicamente se deu a influência da desconstrução no Brasil, quais os locais iniciais e os principais órgãos formais de sua incidência como uma forma de leitura crítica no pensamento brasileiro. O objetivo básico deste trabalho é a coleta de dados que contribuam para discussões sobre tradução, desconstrução e as possibilidades marginais de manifestação do tradutor.

Palavras-chave: tradução, desconstrução, double bind, notas de rodapé e outros contextos de manifestação tradutória, crítica de tradução, pensamento brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation is a research about the translation of Jacques Derrida in Portuguese language, occurred from 1968 to 1986, aiming to analyze and to stimulate the translators' manifestations, through notes and other contexts, before the *double bind* of translation and the deconstruction which occurs on disseminations peculiar to the work of translation. In the dissertation it is also approached how historically the influence of deconstruction happened in Brazil, what were the former places and the mainly formal institutions of its incidence as an instrument of critical reading in Brazilian thought. The basic purpose of this work is to present a data collecting which contribute to discussions about translation, deconstruction and the marginal possibilities of translator's manifestation.

Key-words: translation, deconstruction, double bind, footnotes and other translation manifestation contexts, translation criticism, Brazilian thought.

ÍNDICE

Prefácio	13
Capítulo I	
1. Introdução	17
2. As Obras derridianas e suas traduções entre 1968 a 1986	24
3. Obras Posteriores e relacionadas ao período	28
Capítulo II	
1. Pensamento brasileiro do período de 1968 a 1986	30
2. A influência de Derrida e da desconstrução no Brasil nos idos de 1968 a 1986	42
Capítulo III	
A primeira tradução	
1. As três traduções de A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas	58
2. A Escritura e a diferença	76
3. Gramatologia	88
4. Posições	93
5. Semiologia e gramatologia em dois momentos	95
6. O Poço e a pirâmide	100
7. Os Vazios em <i>O Poço e a pirâmide</i>	102
8. Margens da filosofia	104
9. Uma elipse	110
Capítulo IV	
1. As Manifestações de “ <i>la différance</i> ” no período e o movimento que se posterga	114

2. O Que se posterga em promessa	119
Anexos	126
Anexo I -	
Tradutores de Derrida no período de 1968 a 1986	127
Correspondências das editoras	134
Anexo II	
Notas dos tradutores	138
1. A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas, in:	
Antologia de textos teóricos	138
2. A Escritura e a Diferença	140
3. Gramatologia	141
4. Posições	154
5. Estrutura, Signo e Jogo no Discurso das Ciências Humanas, in: “A Controvérsia Estruturalista – as linguagens da crítica e as ciências do homem”	155
6. <i>Semiologia e Gramatologia</i> , in: “Ensaio de Semiologia I – Problemas gerais de lingüística cinésica”	156
7. O poço e a pirâmide, In: Hegel e o Pensamento Moderno	156
8. Margens da Filosofia	157
Bibliografia	177

PREFÁCIO

O prefácio abriga uma mentira. “Prae-fatio” é um “dizer de antemão” [...] Podemos vê-lo não mais do que a aceitação tácita de uma ficção. [...] Ele “envolve uma norma de verdade”, embora deva bem ser a inserção de uma ficção óbvia em um discurso ostensivamente “verdadeiro” [...]. Uma pretensão, o fato de se escrever antes um texto que precisa ser lido antes que o prefácio possa ser escrito. Escrever um posfácio na verdade não seria diferente. (Spivak, Translator’s Preface, p. x)¹.

Darei a este texto o nome e a posição de um prefácio, embora tenha sido o último texto. Ser o primeiro ou o último é somente uma classificação no arranjo estrutural de uma obra, visto que não há mais segredos sobre um prefácio. Ele não vem antes, isto é, o trabalho não se ordena depois dele; ele é simplesmente um mapa de quem pelo texto andou e, às vezes, tirou um ou outro retrato no qual pode valer a pena demorar-se um pouco mais. No meu caso, talvez seja uma radiografia, ou ressonância daquilo que ficou sem ser visto, um conjunto de advertências ou um relato da viagem, no momento de arrematar todo o alinhavo dessa costura.

Não só o prefácio, mas o título também engloba uma ficção na qual o nome resultado teria sido dado desde talvez até antes do início da obra. Na verdade, este título ganhou força e se encorpou nos últimos momentos da obra.

Ensaivamos um título em que parecia essencial destacar o que “sempre ainda” se poderia dizer de uma “tradução constante”, incentivadora de leituras que seriam formas

¹ Todas as traduções serão minhas, salvo aquelas mencionadas no texto ou na referência bibliográfica.

manifestas de tradução. Contudo, o título só veio surgir no final dos trabalhos, por sugestão de Paulo Ottoni, sendo que a palavra *disseminação* ficou encarregada de economizar muitos termos, abrigando parte da ansiedade.

Assim, finalmente para mim e inicialmente para quem, vez ou outra, lê obedecendo a ordem que o livro apresenta, “sempre ainda” e “tradução constante” ficaram como memórias, fios por onde transitam elementos de disseminações e de *différance*. Já esta palavra, que ainda se manifesta sem termo que corresponda a si de forma absoluta em português, se processa a traduzir em seu arquivo de releituras. Ela estará junto com, ou englobará, uma lista de palavras que, de alguma maneira, foram “aventadas” nesta dissertação, mais ou menos explicitamente: fronteiras, demarcações, rumos, brancos e vazios, folhas e ventos, tempestades, intempestividades, genealogias, promessas...

No fundo desta nota, a prefácio, queríamos reforçar o efeito de palavras (nomes, eventos,...) que tiveram pouco tempo de destaque. Bem que elas poderiam retornar como outros eventos em que se pontuasse, entre outros, Bakhtin, Habermas, novas tentativas de entrevistas, como por exemplo com todos os escritores do Glossário de Derrida, além de tantos pontos em nós e sem nós.

Bem que se poderia considerar esses prolegômenos não mais como uma ficção, no momento exato em que eles dizem, de antemão, do que se trataria (já que ainda não se completou dentro da coleta feita) esta dissertação: seriam propostas, entre outras coisas, sobre esses nomes, suas disseminações, a desconstrução, a tradução e a *différance* no pensamento brasileiro.

Sendo aceito sem ficção um prefácio das coisas ainda por serem ditas e feitas, pedimos que, finalmente, a essa lista, ou arquivo de palavras e nomes, em *différance*

(postergação e diferença), acrescenta-se (com uma compromissada liberdade) a transformação, a metáfora e a tradução criativa de Haroldo de Campos.

CAPÍTULO I

“...Todos estes textos, que são sem dúvida o prefácio interminável a um outro texto que eu gostaria de ter a força para escrever um dia, ou ainda a epígrafe de um outro para o qual eu nunca teria tido a audácia [de escrever].” (Jacques Derrida, *Positions* [Paris, Minuit, 1972], p.14)²

1. Introdução

Para Jacques Derrida (1972), o prefácio escrito seria *um quarto texto, um outro texto, mas ao mesmo tempo, como “discurso de assistência”, o “duplo” daquilo que ele excede* (cf. pp.33-4). Esta epígrafe coloca seus textos como prefácios intermináveis a outros textos.

Atentos a este posicionamento derridiano, através inicialmente de análise de possíveis posicionamentos e de considerações dadas em prefácios, posfácios e notas, por tradutores e outros envolvidos no processo de tradução, trianguladas com entrevistas semi-estruturadas com os tradutores ou com envolvidos no processo, esta dissertação visa basicamente a abordagem dos seguintes questionamentos, para o tradutor e teórico de língua portuguesa³: o uso dos prefácios, notas e outros recursos é feito de forma a possibilitar uma contribuição para que o tradutor possa se manifestar “diante do intratável double bind imemorável e infinitamente repetido, onde se deve decidir ou regular”⁴? Uma discussão neste sentido pode

² Tradução de Lucy Magalhães, feita na orelha do livro “A Voz e o Fenômeno” (1994), com um acréscimo nosso (em colchetes).

³ Português Europeu e Brasileiro.

⁴ Prenowitz, 1995, p.105.

contribuir para o ofício do tradutor, para a sofisticação de um trabalho de crítica e de tradução em língua portuguesa?

Nosso questionamento será aberto a partir de um levantamento de dados efetuado nas traduções das obras de Jacques Derrida para o português, no período compreendido desde a primeira tradução em português de que se tem conhecimento (1968) até 1.986⁵.

Inicialmente, tínhamos como objetivo estudar as traduções de 1971 até 1979, uma vez que, após esse período, parecia ter havido um intervalo de onze anos sem publicações de traduções de Derrida, até que, em 1.990, se publicou “Do espírito: Heidegger e a questão”, tradução de Constança Marcondes César. Papyrus Editora, Campinas, São Paulo - Brasil.

Havia, no entanto, então provavelmente nesse período, duas traduções cujas datas de publicação não constavam nos livros: 1) do livro “Estruturalismo - antologia de textos teóricos” (Eduardo Prado Coelho org.), o texto *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, tradução de Antônio Ramos Rosa, Portugália Editora (1968)⁶; 2) e o livro “Margens da Filosofia”, tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. RÉS Editora, Porto - Portugal (1986)⁷. Após pesquisas, conseguimos precisar essas duas datas e passamos a incluí-las em nosso período de análise. A data de 1968 foi incluída por ter sido a primeira tradução de Derrida em língua portuguesa. A escolha da data limite de 1986 não se deu por numerologia, pela coincidência de inversão numérica das unidades e dezenas (68 a 86), mas pelo fato de que esta obra já estava, de certa forma, relacionada à publicação inicialmente tida como última para nosso trabalho (1979), com a publicação da tradução de *O Poço e a Pirâmide*. Isto, porque este texto faz parte do livro “Marges – de la philosophie”

⁵ Os dados foram coletados inicialmente a partir do site Traduzir Derrida – Políticas e Desconstruções, www.unicamp.br/iel/traduzirderrida/index/htm

⁶ Pudemos levantar esta data através de pesquisa junto à Biblioteca Nacional de Portugal, uma vez que não conseguimos contato com Portugália Editora.

⁷ Esta data de publicação foi informada pela própria Editora Rés. www.res-editora.pt, e-mail res-editora@res-editora.pt

(1972), mas não foi incluído na tradução em 1986 de “Margens da filosofia”. Diante disso, 1979 e 1986 ficaram de certa forma ligados por uma ausência. Este questionamento acabou por descartar nossa tese inicial de que teria havido um espaço de onze anos sem publicar traduções de Derrida. Assim também, 1968 e 1986, datas obtidas por nós através de pesquisas, entraram como pontos de delimitação e de análise⁸.

Outro fato que contribuiu para nosso foco foi que, tanto a publicação de 1979 quanto a de 1986 estiveram sob a responsabilidade da mesma Rés Editora, o que poderia ter algum significado digno de averiguação.

Ao pesquisarmos qual teria sido a data de publicação da edição brasileira da obra “Estruturalismo – antologia de textos teóricos” (também não colocada), entrevistamos a Editora Martins Fontes, e, em resposta, soubemos que a edição brasileira teria sido publicada provavelmente no início dos anos 1980; na verdade, teria sido apenas uma republicação sem modificações, usando filmes da edição portuguesa⁹. Esta obra então, que já havia sido incluída como a primeira em nosso levantamento, reaparece no início dos anos 80, uma data incerta que decidimos estender a no máximo o meio da década de 80 e delimitá-la à data de publicação de “Margens da Filosofia”.

Temos assim, para análise, dezoito anos de tradução derridiana em língua portuguesa, o que não representa emancipação alguma – nem o limiar da idade reconhecida como adulta (segundo os critérios adotados para a cultura brasileira, entre outras) e muito menos a solidificação de um pensamento¹⁰.

⁸ As informações apresentadas às notas de rodapé 04 e 05 podem, de certa forma, “adiantar” cronologicamente para pesquisas futuras, como complemento às falhas na edição dos dois livros sem datas.

⁹ Segundo informações fornecidas por Luis Lorenzo Rivera, via e-mail. www.martinsfontes.com.br

¹⁰ Isso é somente um corte no tempo, feito como demarcação de um trabalho, que, como todo corte, pode ocasionar anacronismos e nunca representaria uma emancipação histórica, principalmente se tomado de forma isolada.

Nossa atenção ao entrelaçamento fortuito (para nós), de datas *a priori* indefinidas nas publicações das traduções, nos levou a pensar que essa feliz e coincidente inversão numérica poderia servir, visualmente, de forma espontânea, como dois “ganchos” que limitassem nosso trabalho (o primeiro 6, que iniciaria desde 68 e o outro 6, que encerraria o trabalho em 86, enquanto o número 8, presente também entre as duas datas, representaria os elos que acorrentassem esses dois ganchos). No entanto, isto se dá não como uma numerologia, mas somente como um jogo, que, embora sustentado por ganchos e elos, não nos autoriza mas muito menos impede de, vez ou outra, olharmos para as datas anteriores e posteriores a isso. Pelo contrário, esta delimitação visa a promover o entrelaçamento de idéias, atitudes ou movimentos que ampliem nossa corrente e possibilitem um caminho mais amplo. Isto, visualmente, ficaria ainda a cargo do número 6, que inicia e termina o período, além de funcionar visualmente como um gancho “aberto”, à espera daquilo que possa ser ligado - antes ou depois da delimitação proposta.

O levantamento proposto, além de coletar posicionamentos ou justificativas (nas próprias obras, nas traduções e nas entrevistas), buscará contribuir com uma discussão que já vem sendo feita a respeito das traduções de Derrida em língua portuguesa, no Brasil, por teóricos e grupos de pesquisa. Buscaremos elementos que possam reforçar a discussão sobre a presença do tradutor na obra traduzida, denunciando contra a sujeição de sua interpretação a uma pretensa “invisibilidade¹¹”, em que o tradutor deve restringir o seu trabalho estritamente à tradução, como se fosse possível não se manifestar. É como se o tradutor não existisse e o processo tradutório fosse realizado automaticamente, de forma tal como se nunca tivesse ocorrido a presença de alguém, uma decisão, uma imperfeição, uma in-traduzibilidade ou uma diferença.

¹¹ Venuti (1995), *The Translator's Invisibility – A History of Translation*.

Nossa *hipótese* é a de que a análise das posturas e comentários dos tradutores da obra derridiana em língua portuguesa, mediante prefácios, posfácios, notas de rodapé e outros, pode levantar elementos para enriquecer a discussão em torno do trabalho do tradutor e da tradução transformadora¹², nos moldes em que Derrida concebe. Esta possibilidade de manifestação promove uma participação crítica que poderá então diminuir a angústia do tradutor “*frente ao double bind*”¹³ e advertir o leitor, enriquecendo seu envolvimento crítico com a obra e a tradução. Mediante esses recursos, a tradução promove uma participação crítica, na medida do possível não vinculada a sistemas e significados dados como únicos, absolutos, domesticadores e providos de cânones.

A análise se baseia no fato de que existem locais potencialmente disponíveis para desenvolvimento de recursos de manifestação no interior das obras traduzidas, mas que nem sempre são aproveitáveis aqui no Brasil, enquanto em outras partes do mundo, principalmente nos Estados Unidos, existe uma cultura de discussão nesses moldes, que provocou “um acontecimento único frente à desconstrução e suas próprias traduções” (Ottoni 2000, p.127).

Desse “aproveitamento” dos recursos estaremos atentos ao trabalho crítico do tradutor em explorar as margens do texto, mantendo a maior fidelidade que considerar possível ao

¹² Cf. “Posições”. p. 30

¹³ A respeito deste termo técnico em tradução, Ottoni (2005), em “*Tradução recíproca e double bind: transbordamento e multiplicidade de línguas*” (pp 47-70), apresenta alguns exemplos práticos ao analisar traduções de obras consagradas por seu valor literário (“*Finnegans Wake*” e “*Grande Sertão: Veredas*”, incluindo “*Glas*”, de Jacques Derrida) ou por sua densidade metafórica, sua disseminação de significados e línguas. Ottoni, em *A Tradução da différance: dupla tradução e double bind*”, cita também comentário de Derrida em dois momentos. O primeiro: “por definição um *double bind* não se assume, só podemos sofrê-lo na paixão; por outro lado, um *double bind* não se analisa integralmente. [...] Mas, se um *double bind* não se assume, há várias maneiras de suportá-lo (1996, pp. 51-52)”. O segundo: “devemos encarar o *double bind* como algo que deve ser suportado; é um desejo de se apropriar do original quando traduzimos, contra o qual nada se pode fazer, sem o qual não haveria tradução (cf. Derrida, 1985, pp. 228-29)” (apud p. 127). Ora, a angústia do *double bind* reflete justamente a multiplicidade, a disseminação de significados possíveis e a responsabilidade do tradutor diante de uma fidelidade a que se proponha, através de uma única escolha a cada instante tradutório, que não incorra no apagamento de qualquer fio de significação do texto de partida.

“original”, mesmo diante das possibilidades e impossibilidades de tradução;¹⁴ buscaremos também destacar discussões sobre recursos e caminhos que podem contribuir para uma política brasileira de tradução¹⁵.

Acreditamos que uma discussão nesse nível poderá de fato propor elementos ao tradutor, para que, em seus limites, busque e quem sabe consiga “transbordar” sua presença do texto para as margens e das margens para o texto, e assim para o leitor, de forma a conseguir maior interação entre o “original”, a tradução e o leitor, e, conseqüentemente, maior valorização do ofício de tradutor.

Nossa análise documental para levantamento de dados sobre os prefácios, notas e outros recursos utilizados pelos tradutores será feita tendo em vista a metodologia de análise de conteúdo proposta por Krippendorff e conforme explicitada por Lüdke & André (1986, cf p.40 e seg). Analisaremos as unidades de registro e principalmente de contexto. Nestas manifestações, levantaremos aspectos políticos, éticos e de elocução dos tradutores, atentos a indícios de possíveis linhas de conduta em comum, aspectos recorrentes (Guba e Lincoln, apud Lüdke & André, *opus cit*, p.43) ou posicionamentos e particularidades nas traduções das obras em análise.

De posse dos dados coletados em nossa pesquisa *ex-post facto*, iniciaremos entrevistas trianguladas com os envolvidos no processo, a fim de coletar suas opiniões sobre os questionamentos levantados. Essas entrevistas serão semi-estruturadas a partir do levantamento específico de dados em cada tradução.

¹⁴ Georges Mounin, in: Os Problemas Teóricos da Tradução (1975), discorre sobre as impossibilidades de tradução apontadas pelas teorias da lingüística e, ao mesmo tempo, as contrapõe com possibilidades pragmáticas de tradução, tentando assim acrescentar elementos para estudos em teoria de tradução.

Embora Charles Goodwin e Alessandro Duranti (1992) digam que a noção de contexto ainda *não tem uma definição formal ou explicitamente conceituada*, o que buscamos talvez se resume pelas palavras de Vološinov: “no início de uma investigação, não é tanto a faculdade intelectual para fazer formas e definições que conduzem o caminho, mas em vez disso são os olhos e mãos tentando pegar o sentimento da verdadeira presença da questão sujeita”. (apud Duranti & Goodwin, p. 2)

Outro ponto importante destacado por esses autores é que aquilo que um participante trata como contexto relevante vem a ser moldado por atividades específicas apresentadas naquele momento. Ainda citam que uma das grandes dificuldades colocadas na análise de contexto é descrever o conhecimento sócio-histórico que um participante emprega para agir dentro do ambiente do momento. Citam também a questão da individualidade humana em tomar uma posição, em um dado momento, que obrigue o observador a mudar radicalmente a forma de olhar para o observado (pp. 4-5).

Nossa coleta de dados poderá passar por esses momentos. Nesse caso, acompanharemos atentos aos objetivos e preceitos de Duranti e Goodwin, focalizando-nos em como os participantes vêem, constróem e manipulam aspectos de contexto como uma característica constitutiva das atividades nas quais eles estejam engajados (cf. p.9).

2. AS OBRAS DERRIDIANAS E SUAS TRADUÇÕES ENTRE 1968 A 1986.

Embora tenhamos como objetivo principal o período específico entre “68” e “86”, este intervalo pode estar atrelado (figuradamente diríamos, *em cada lado do 6*, de 68 a 86) a fatos e eventos de outras datas que, de certa forma, influem no interior do recorte de tempo que separamos.

Passaremos, então, a apresentar um mapeamento geral – cronológico – quiçá introdutório a esse movimento histórico produzido - contendo algumas particularidades iniciais sobre as obras de Jacques Derrida, suas traduções (quando também reeditadas) ou as novas traduções das (ou ligadas às) obras de 68 a 86¹⁶:

1966 – O texto *La Structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines* é apresentado pela primeira vez em conferência de Derrida, pronunciada no Colóquio Internacional da Universidade John Hopkins (Baltimore), sobre *as linguagens críticas e as ciências do homem*.

1967 – publicação do livro “L’Écriture et la différence”. Éditions Du Seuil, Paris. (neste livro consta o texto *La Structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*). Consta na folha de rosto que a primeira edição desse livro saíra na Coleção Tel Quel (1967).

Publicação do livro “De la grammatologie”. Les Éditions de Minuit, Paris.

¹⁶ A fonte básica de consultas foi o site do Grupo de Pesquisa “Traduzir Derrida: Políticas e Desconstruções” - www.unicamp.br/iel/traduzirderrida (© Paulo Ottoni 2002).

1968¹⁷ – texto *A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas* é publicado pela primeira vez, em língua portuguesa, com tradução de Antônio Ramos Rosa (Eduardo Prado Coelho, org.). In: “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”. Portugália Editora, Lisboa, Portugal, p. 101-123.

Surge a primeira versão do ensaio *Le Puits et la pyramide*, pronunciado no Seminário Hegel, sob organização de Jean Hyppolite, no Collège de France, em 16 de janeiro de 1968. Este texto faz parte, posteriormente, do livro “Marges de la philosophie”.

Publicação do texto *Sémiologie et grammatologie* - publicado pela primeira vez na seção “Recherches sémiotiques” da revista “Information sur les sciences sociales”¹⁸.

1970 – O texto *Le Puits et la pyramide* é incluído no livro “Hegel et la pensée moderne”. Presses Universitaires de France, Paris. Este livro fez parte de um seminário sobre Hegel no Collège de France, organizado por Jean Hyppolite, que previa fazer a publicação dessas comunicações. O livro reúne parte das comunicações, um dos últimos projetos do organizador, que faleceu em 1968 e não pôde ver o livro finalmente publicado pelos amigos mais próximos, que levaram o projeto a cabo. Ainda assim, os textos de três conferências do próprio organizador não foram publicados, por não terem sido encontrados.

Publicação do livro “The Structuralist controversy – The languages of criticism and the sciences of man” (Richard Macksey e Eugênio Donato, orgs., John Hopkins University Press, 1970). Este livro é a coletânea dos textos apresentados no Simpósio realizado na Universidade John Hopkins, em 21 de Outubro de 1966, contendo a publicação da conferência de Derrida, *Structure, Sign and Play in the Discourse of the Human Sciences*

¹⁷ Esta data foi verificada segundo pesquisas junto à Biblioteca Nacional de Portugal, uma vez que na obra nada consta e que não conseguimos contato com Portugália Editora.

¹⁸ Segundo advertência em *Essays in Semiotics - Essais de sémiotique*, tal texto deve ter saído nos volumes VI e VII da revista *Information sur les sciences sociales* (p.V).

(pp 247-72). Esta conferência foi pronunciada em francês, tendo sido traduzida sumariamente para o inglês por Bernard Vannier, de Hopkins, e por Gerald Kamber, de Boudoin (p.xvii). Além desse texto foram acrescentadas as discussões levantadas durante o colóquio de Derrida.

1971 – edição brasileira de “A Escritura e a Diferença”. Editora Perspectiva, Coleção Debates, São Paulo. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. Nesta edição não constam os textos: “*Cogito et histoire de la folie*”; “*Violence et metaphysique – Essai sur la pensée d’Emanuel Levinas*” e “*De l’économie restreinte à l’économie générale – Un hegelianisme sans reserve*”.

Publicação do texto *Sémiologie et grammatologie*, no livro “Essays in Semiotics – Essais de sémiotique”. Mouton & Co. N.V. Este livro é uma coletânea de textos publicados anteriormente nos volumes VI e VII, na seção “*Recherches sémiótiques*”, da revista “*Information sur les sciences sociales*”, nos períodos entre 1967-1968. No texto de Derrida foram mantidas as mesmas notas ao texto, conforme publicadas anteriormente (cf. p.VI).

1972 – publicação de “*Positions*”. Entrevistas com Henri Ronse, Julia Kristeva, Jean- Louis Houdebine, Guy Scarpetta . Collection Critique. Paris: Éditions de Minuit.
Publicação de “*Marges de la philosophie*”. Collection Critique. Les Éditions de Minuit, Paris.

1973 – publicação de “*Gramatologia*”. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Miriam Schnaiderman. Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo – Coleção Estudos, São Paulo.

1975 – publicação de “*Posições*”. Plátano Editora, Sarl, Lisboa, Portugal. Livro integrante da Coleção O Discurso Social, sob direção de Eduardo Prado Coelho. Tradução de Maria Margarida Correia Calvente Barahona.

1976 – publicação do texto *Semiologia e Gramatologia*, constante no livro “Ensaio de Semiologia I” (Júlia Kristeva, Rey-Debove e Umiker, orgs.). Tradução de Luiz Costa Lima. Revisão de Márcio Tavares D’Amaral. Editora Eldorado, Rio de Janeiro, RJ, pp. 7 – 22. Este livro é uma compilação dos textos do livro “Essays in Semiotics – Essais de sémiotique”. O texto é uma entrevista concedida a Julia Kristeva.

Publicação do texto *A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*, constante no livro “A Controvérsia Estruturalista – as Linguagens da Crítica e as Ciências do Homem”. Tradução Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira, Cultrix, S. Paulo, 1976, pp. 260 – 284. Os tradutores brasileiros mantiveram as notas de rodapé da tradução em inglês. Isto é, esta tradução brasileira foi uma tradução da tradução.

1979 – publicação de *O Poço e a Pirâmide*, no livro “Hegel e o Pensamento Moderno”. Rés Editora, Porto – Portugal, pp. 39 – 107.

Início dos anos 1980 – publicação da edição brasileira do livro “Estruturalismo – Antologia de Textos Teóricos”. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo. Segundo informações de Luís Lorenzo Rivera (Livraria Martins Fontes Editora Ltda): “não se trata, (...) de uma edição brasileira diferente, mas de uma impressão no Brasil de uma mesma edição¹⁹”.

1986 – publicação de “Margens da Filosofia”. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Rés Editora, Porto – Portugal. Nesta edição não consta o texto *Le puits et la pyramide*.

¹⁹ Através de resposta por e-mail

3. OBRAS POSTERIORES E RELACIONADAS AO PERÍODO

1991 – publicação da 2ª edição de “Margens da Filosofia”. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães (os mesmos tradutores da edição portuguesa). Revisão técnica de Constança Marcondes César. Esta edição foi publicada no Brasil (nela já consta o texto *O Poço e a pirâmide*, faltoso na primeira edição) pela Papyrus Editora, Campinas, São Paulo.

1995 - publicação da segunda edição, pela mesma editora, de “A Escritura e a diferença”, sem alterações.

1999 – publicação da 2ª edição de “Gramatologia”, pela mesma editora, sem alterações.

2001 - publicação do texto *Cogito e História da Loucura* (1967), tradução de Pedro Leite Lopes. In: “Três Tempos sobre a História da Loucura” (Maria Cristina Franco Ferraz, org.). Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, pp. 8 - 65. Este texto faz parte do livro “L’écriture et la différence”, e não consta nas versões em português de 1971 e de 1995. Tradução de “Posições” por Tomaz Tadeu da Silva. Autêntica Editora. Belo Horizonte, MG.

2002 – publicação da terceira edição, pela mesma editora, de “A Escritura e a Diferença”, sem alterações.

Algumas abordagens das exposições poderão ser retomadas ao longo deste trabalho. Nosso mapeamento visa a posicionar um pano de fundo no qual se cravam datas e acontecimentos, uns mais profundos, outros casuais. São cortes cuja classificação quanto a serem fortuitos, ou fortes, nunca, em absoluto, se dará sem a interferência de olhos, ouvidos,

gostos e “sentidos”. O objetivo de nossas incisões, aqui, contudo, não será de cercar com limites absolutos ou de deixar rugas; talvez seja somente de enrugando o tecido, a fim de promover marcas ou “paradas”, a partir de onde se reinicia, ou se alinhava de forma despercebida, sem necessidade de atenção; serão pontos de encontro e observatórios para que possamos nos demorar e refletir, ou deixar traços para futuras reflexões.

Nesse ataviamento, sentimos a necessidade de ouvir novas vozes e juntar peças que facilitem a visualização de um cenário a partir de onde possam se desenvolver nossas discussões. Uma delas seria a breve exposição histórica de alguns elementos que pudemos parametrizar, diante de leituras sobre a evolução do pensamento filosófico no Brasil, a qual, a seguir, ligamos pontos que podem ter delineado a presença da obra derridiana e da desconstrução no Brasil, assim como sua influência no pensamento.

CAPÍTULO II

1. O PENSAMENTO BRASILEIRO DO PERÍODO DE 1968 A 1986.

Este breve levantamento visa a chegar ao período de 1968 a 1986, nosso ponto a partir de onde observaremos alguma (s) hipótese (s) sobre a influência da desconstrução no Brasil.

Para que tenhamos um olhar histórico mais crítico da evolução do pensamento brasileiro, abordaremos algumas tendências políticas, filosóficas, sociais e literárias anteriores e até o período de nosso foco²⁰.

No plano político-filosófico e social, remontaremos à influência do positivismo de Auguste Comte em nosso país, no século XIX. Segundo Madeira & Motta Santos²¹, “a chamada “geração de 1870” foi “a responsável pela introdução dos debates sobre as novas “questões sociais” emergentes, como a Abolição e a República”, [assim como] “pela disseminação das idéias positivistas e evolucionistas no Brasil, idéias que forneceram a base para os debates intelectuais da época, sobre *raça e meio geográfico*”(p. 59).

Conta Arantes²² que o Prof. Paul Arbousse-Bastide, eminente estudioso de Comte, considerava nosso país “a verdadeira pátria do Positivismo”. Costumava dizer aos seus alunos da Universidade de São Paulo que os positivistas brasileiros “foram os únicos a compreender as verdadeiras intenções de Augusto Comte.” Arantes, no entanto, pondera

²⁰ Dado o fato de que o material bibliográfico a que tivemos acesso até o presente privilegia Rio de Janeiro e São Paulo, nosso acanhado apontamento histórico acabou se restringindo principalmente a esta região. Uma leitura mais abrangente certamente poderá, em outro momento, enriquecer nossas introduções despreziosas.

²¹ Madeira, Maria Angélica, & Motta Santos, Mariza Veloso, in: “Leituras Brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura”, Paz e Terra, São Paulo, 1999.

²² Arantes, Paulo Eduardo, 1988. *O Positivismo no Brasil, uma apresentação do problema para um leitor europeu*, in: Novos Estudos, 21. Julho de 1988, pp. 185-194. Cebrap, São Paulo.

que, mesmo que verdadeira essa alternativa, “nossa inépcia especulativa” pelo menos involuntariamente revelou “o fundo falso do comtismo”. Houve um ligeiro desvirtuamento dos ideais positivistas que, em certo momento, acabou por representar e manter os interesses da burguesia, então a nova senhoria do país, incorrendo de certa forma em erros semelhantes aos praticados no Império.

Alfredo Bosi²³ considera que há pelo menos 03 gerações o positivismo tem sido visto entre os estudiosos das ciências humanas como uma “regressão aos determinismos do século XIX,” que ignorariam “o drama das relações intersubjetivas, e, em escala maior, o movimento contraditório da História ao qual, desde Hegel e Marx, se dá o nome de dialética.” (p. 17). O pensamento positivo foi rejeitado por pensadores como Walter Benjamin, Adorno, Croce, Roland Barthes em uma fase posterior, Bergson, Heidegger, Jaspers, Sartre e Foucault.

Para nossa relação com a universidade, local em que parece ter havido a maior relevância na interpretação do pensamento brasileiro, Bosi cita levantamento de Teixeira Mendes e diz que “a presença da doutrina [positivista] limitou-se a expressões acadêmicas avulsas até meados de 1870” (p. 19).

Bosi cita vários posicionamentos da ortodoxia positivista no Brasil, como por exemplo a oposição ao conformismo social das oligarquias liberais, desde o fim do império até o fim da República Velha, o anti-racismo, a precoce adesão ao abolicionismo, a austeridade financeira na coisa pública e o interesse pela humanização das condições de trabalho. Um ápice das idéias positivistas no Brasil talvez tenha se dado a partir da

²³ *O Positivismo no Brasil: Uma Ideologia de Longa Duração*, in: “Do Positivismo à Desconstrução – Idéias Francesas na América”, p 17 – 47. Leyla Perrone Moisés (org.) Edusp, 2004.

participação de políticos gaúchos, até quando finalmente ascenderam ao poder central em 1930²⁴.

Madeira & Motta Santos observam que na Primeira República (1889-1930) há “uma diferenciação crescente da sociedade como um todo, e do campo intelectual, em particular. A Academia Brasileira de Letras, uma das instituições culturais mais prestigiadas, pode ser considerada como o “lugar de fala” oficial da intelectualidade do início do século XX.” (opus cit, p. 60)

Nesse período, a literatura se manifesta com os pré-modernistas, com a intenção de mostrar “o verdadeiro Brasil, no sentido de produzir uma arte voltada para nossa gente”. Alguns jovens, a partir da década de 10, “insuflando-se de forte espírito nacionalista e de uma intenção estética que animava o Novo e o Verdadeiro, começaram a preparar” o que culminaria na Semana de Arte Moderna, de 11 a 18 de fevereiro de 1922. Menotti Del Picchia²⁵, em depoimento, disse que:

Nós, os autores da Semana, não fomos feitos por ela. Nós é que a fizemos. Anos antes já sonhávamos com a nossa revolução (...). A Semana foi apenas uma data como 7 de setembro: a eclosão de um movimento de independência nacional que vinha de longe. A Semana foi um encontro de valores e não um ponto de partida. Foi a oficialização da rebeldia, criando uma data histórica. (opus cit, p. 54)

²⁴ Bosi destaca inicialmente Júlio de Castilhos, que colaborou na redação das Bases do Programa dos Candidatos Republicanos, primeiro manifesto do PRR – Partido Republicano Rio Grandense (1883), para mais tarde aparecerem nomes como Pinheiro Machado, Lindolfo Collor e Getúlio Vargas.

²⁵ Depoimento de Menotti del Picchia sobre a Semana de Arte Moderna feito em 1956, juntamente com Heitor Villa-Lobos).

Em 1928, temos o Movimento Antropofágico, em que Oswald de Andrade objeta, ao índio bom de Rousseau, o índio bravo descrito por Montaigne, pelos nossos índios Caraíbas, Aimorés e Tupinambás. Madeira & Motta Santos consideram que o antropofagismo consistia

não só em devorar e deglutir os valores europeus e/ou metropolitanos, como também devolvê-los, de forma original, colocando, pela primeira vez, a nossa cultura em patamares mais igualitários em relação à cultura européia. Só a partir daí, passa-se a considerar um privilégio possuir uma cultura híbrida, um repertório rico e variado de imagens e sugestões provindas das tradições multiétnicas e multiculturais, que conformaram no Brasil uma civilização singular. (p. 106)

Já a partir da década de 10, com a eclosão da I Guerra Mundial, numa importante virada, São Paulo passa a substituir o Rio de Janeiro como centro econômico e cultural do país, com mão-de-obra extremamente barata, influenciando o rápido crescimento industrial.

Passam a surgir várias agitações contra a carestia e a crise da habitação, com greves e organizações de lideranças sindicalistas, anarco-sindicalistas e socialistas. Nesse clima, torna-se fácil a criação do Partido Comunista Brasileiro, ainda em 1922. A crise social se prolonga pelo Tenentismo até a década de 30, com a Revolução (cf. Medina et al pp 47-51).

Nesse meio tempo, a produção intelectual brasileira já pode contar com obras fundamentais para o entendimento das questões sociais do Brasil. Fernando Henrique

Cardoso²⁶ (1993) aponta, via Nordeste, Gilberto Freyre (“Casa Grande e Senzala”, 1933), ou pela região Sudeste, Sérgio Buarque de Holanda (“Raízes do Brasil”, 1936) e Caio Prado Jr. (“A Evolução política do Brasil e outros estudos – Ensaio de interpretação materialista da história do Brasil”, 1933, além de mais duas obras posteriores: “A formação do Brasil Contemporâneo”, 1943 e “História econômica do Brasil”, 1945). Cardoso situa esses pensadores e suas obras da seguinte forma:

De Sérgio Buarque de Holanda diz-se que era weberiano, de Gilberto Freyre que era “culturalista” e pouco objetivo, pois toma partido. E Caio Prado fez uma coisa que só no Terceiro Mundo foi possível fazer: uma análise marxista na qual a servidão tomou o lugar proeminentemente do proletariado, e os senhores do latifúndio não se transformaram em barões feudais, mas em capitalistas exportadores “modernos”. Usou a dialética para entender processos, sem estar muito preocupado com a “negação da negação” a todo instante. (pp. 34-35)

Em 1934 assistimos à fundação da USP²⁷, cuja cátedra de filosofia foi moldada por influência inteiramente francesa. Professores como Jean Maugüé, Lévi-Strauss (que chegou ao Brasil em 1935, aos 27 anos) e Roger Bastide tiveram grande importância na geração de críticos de cultura como Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado e Gilda de Mello e Souza. Deste grupo saiu, como “consórcio de crítica de cultura”, a

²⁶ Em Aula Magna do Instituto Rio Branco proferida pelo então ministro de Estado das Relações Exteriores, senador Fernando Henrique Cardoso em 08 de março de 1993, com o sugestivo título de *Livros que inventaram o Brasil* (cf. p.21).

²⁷ Apud *A Filosofia da Usp sob a Ditadura Militar*, Marcos Nobre. Novos Estudos, nº 53, março de 1999, pp 137-150. Cebrap, São Paulo.

revista *Clima*²⁸, que “procurava continuar o ‘consórcio’ dos chamados ‘modernistas brasileiros’”, cujo marco inicial remonta justamente à Semana de Arte de 1922 (Nobre, nota de rodapé 03, p. 140).

Segundo Marcos Nobre, a filosofia da USP, dada sua indigência estrutural, sempre buscou compensar-se mediante um movimento duplo e simultâneo, tendo de um lado “um movimento de pretensões exegéticas voltado para a própria história da filosofia e do pensamento” e, de outro lado, um outro movimento buscando pensar “os clássicos da filosofia em confronto com as questões sociais prementes das ciências, das artes e da realidade social”. Evitava-se concentrar esforços no pensamento de um único autor ou escola de pensamento. A dedicação à aprendizagem de “modelos” de análise de texto facilitava estudar dessa perspectiva “todos os clássicos do pensamento, o que garantia simultaneamente a variedade das linhas de pesquisa e uma relativa unidade de tratamento” (p. 138)

Nobre conclui que a ausência de integração entre os diversos centros de pensamento no país era característica da universidade brasileira até a década de 60. Devido ao fato de que, isoladamente, possuía fundamento para um avanço teórico, passou-se a constituir “consórcios”, em que a interdisciplinaridade era “uma necessidade estrutural para que as linhas de trabalho e de pesquisa específicas pudessem florescer”²⁹ (p. 139)

²⁸ Esta revista foi editada de maio de 1941 a 1944, tendo lançado irregularmente dezesseis números. A partir desses jovens idealizadores “o conceito de cultura no Brasil parece haver tomado uma nova direção”. Foi o primeiro experimento coletivo emanado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. (Resenha de Gustavo Sorá, pp 20-23, do livro “Destinos Mistos. Os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940 – 1968)”, de Heloísa Pontes. Companhia das Letras, São Paulo, 1998. – www.scielo.br/pdf/mana/v5n2a14.pdf)

²⁹ Desses consórcios podemos citar a Semana de Arte Moderna de 1922 e a revista *Clima*, além do grupo de discussão conhecido como Seminário Marx (1958 – 1960) que, para Nobre, é o “paradigma” desses consórcios. O Seminário congregava sociólogos, historiadores, economistas e filósofos e foi importante alavanca para uma série de trabalhos de reinterpretação do Brasil publicados nas décadas de 60 e 70. O foco das discussões estava centrado “nos impasses da industrialização brasileira, que podiam até empurrar em direção de uma ruptura socialista, mas não levavam à crítica aprofundada da sociedade em que o capitalismo criou e de que aqueles impasses formam parte.” (Roberto Schwarz, in: *Um Seminário de Marx*, Novos Estudos. São Paulo: Cebrap, nº 50, março de 1998, p. 113).

A filosofia era considerada como “sócia menor” nos consórcios pelo fato de que as ciências sociais e a crítica de cultura no Brasil tinham já uma tradição muito mais antiga e assim determinavam a pauta dos problemas a serem discutidos.

A filosofia da USP seria fundamentada pelas idéias do professor Gilles-Gaston Granger. A primeira geração de estudantes de filosofia atrela questões filosóficas a problemas concretos da ciência, “segundo rígidos padrões de leitura dos clássicos do pensamento filosófico e científico” (p. 140). Alguns destes estudantes vieram a se tornar professores assistentes em fins da década de 50 e no início da de 60, após completarem sua formação acadêmica na França, tendo lá, como elo, ainda o professor Granger, já fora do Brasil.

Alguns jovens professores dessa época foram muito importantes para as décadas subseqüentes: José Arthur Giannotti, Oswaldo Porchat, Bento Prado Jr. e Ruy Fausto.

Giannotti fundou, juntamente com alguns colegas da graduação em ciências sociais (economia e história) o Seminário Marx³⁰. Sua participação foi fundamental devido às técnicas de análise de texto que trazia da Filosofia, que “forneceram o modelo para a circunscrição e a convivência produtiva das diferentes posições políticas presentes, favorecendo o esforço coletivo” (p. 141).

Oswaldo Porchat, que optara pela filosofia durante estágio na França, em sua aula inaugural de 1968 mostra-se próximo às idéias de Victor Goldschmidt e Martial Guérout, fundamentadas na tese de que o tempo dos sistemas filosóficos chegara ao fim, restando aos estudiosos de filosofia “unicamente a reconstrução das filosofias do passado mediante rigorosos procedimentos de explicação de texto”.

³⁰ Um dos motivos desse nome foi a “estimulante, demorada e cuidadosa leitura de “O Capital”. Era “um grupo de discussão externo à Universidade que se propunha a ler teóricos clássicos do direito, da economia e das ciências sociais”.

Já Bento Prado Jr., o mais próximo da geração da revista *Clima*, “sempre dedicou especial atenção ao problema da linguagem, utilizando freqüentemente recursos da literatura e da análise literária para encaminhar questões filosóficas clássicas” (p. 142).

Ruy Fausto, o mais jovem do grupo, já tinha influências dos novos procedimentos técnicos de rigorosa leitura e análise de textos clássicos da filosofia e usou sua experiência na militância marxista, para iniciar no Brasil uma leitura original diretamente política e ativista de Marx. Participou de muitas iniciativas interdisciplinares importantes, com papel de destaque na criação da revista *Teoria e Prática*³¹. Por divergências pessoais com Giannotti, somadas aos riscos próprios da nova fase de repressão política, Ruy Fausto transfere-se para o Chile, onde passa a lecionar.

A partir das imposições do governo militar de 1964, instaura-se uma crise política diante da revolta da população. Em 1969, com o AI-5, muitos professores foram aposentados precocemente - entre eles Bento Prado Jr. e Giannotti (em março de 1969) - muitas prisões e exílios atingiram duramente todas as áreas do conhecimento na universidade brasileira. Até meados da década de 70, como resultado da repressão, as linhas de ensino e de pesquisas estavam desmanteladas, as tentativas de compreender o fenômeno ditatorial brasileiro eram precárias e as forças de oposição estavam extremamente desorganizadas (cf. p. 143).

Mesmo com a aposentadoria compulsória, Giannotti permaneceu no Brasil realizando seminários de leitura com vários estudantes de filosofia. Junto com o grupo dos antigos colegas do Seminário, na luta contra a ditadura, buscando atuar nos espaços

³¹ Iniciou-se em 1967, teve apenas três números, “sendo que o último nem chegou a ser distribuído, vítima que foi do recrudescimento da ditadura militar em dezembro de 1968.” (Cf. nota de rodapé nº 15, p. 143)

institucionais existentes fora da universidade, fundou o Cebrap³², centro de pesquisa, de reflexão e também de referência do pensamento de oposição institucional, que contribuiu decisivamente nas diretrizes para o único partido de oposição consentido, o MDB.

Oswaldo Porchat, a partir de 1968, aproximando-se da filosofia analítica e afastando-se das idéias estruturalistas de Victor Golschmidt e Martial Guéroult, volta à linha de pesquisa do Departamento de Filosofia da USP, baseada nos ensinamentos de Gilles Gaston-Granger, buscando “reunir pesquisadores oriundos das várias ciências naturais em vista de um trabalho conjunto”, centralizadas a partir da filosofia, para a discussão de problemas de fundamentação de disciplinas como a física, a matemática e a lógica. Com esse objetivo, Porchat transfere-se para a Unicamp, então em formação, e lá torna-se o responsável pela criação e desenvolvimento do Centro de Lógica e Epistemologia (CLE), “primeira tentativa sistemática e de envergadura de introduzir a filosofia analítica no Brasil.” O CLE era um “programa de pós-graduação em filosofia que buscava alunos oriundos das ciências duras, como a física, mas também de áreas tecnológicas, como as engenharias. Organizava-se uma grade de disciplinas equivalente a uma graduação em filosofia, sendo que os alunos seriam “de fato formados pelo curso e de acordo com o viés que lhe era próprio” (p.144).

Com essa pluralidade, obteve-se um alto padrão de ensino em que os alunos tinham uma formação ampla e exigente (isto até aproximadamente 1985). Esta mesma variedade de perspectivas, assim como a limitação dos objetivos do projeto, acabaram por decidir pelo seu esgotamento. De qualquer forma, criou-se na Unicamp durante esse período um

³² Além do Cebrap, que edita a revista *Novos Estudos*, houve, no período de 1955 a 1964, o ISEB, órgão do Ministério da Educação e Cultura, que publicou cinco números da revista *Cadernos de Nosso Tempo*. Tanto o Cebrap, quanto o ISEB, em suas revistas, buscavam posturas relacionadas às ciências sociais. Há outra revista, publicada desde setembro de 1962, *Tempo Brasileiro*. Esta e a *Novos Estudos* foram analisadas comparativamente, de forma rápida, por Maria Lucia de Barros Camargo ([http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de Pesquisa1/texto mlucia.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa1/texto_mlucia.htm))

centro de referência nacional para questões de epistemologia, filosofia da ciência e filosofia analítica que permanece até hoje, ainda que precariamente.

Bento Prado Jr. também participou do projeto do CLE e começou a pesquisar sobre o pensamento de Freud, tendo participado da criação e implantação do curso de Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise, de pós-graduação e especialização, vinculadas ao CLE. Curso decisivo na institucionalização universitária dos estudos freudianos no Brasil, além de tornar-se centro para filósofos e psicólogos interessados em epistemologia da psicologia e psicanálise, variando as perspectivas presentes nessa experiência de pós-graduação em Filosofia, na Unicamp.

A igreja católica, resistente à ditadura, colocou todas as PUCs do país à disposição de Bento Prado Jr e José Arthur Giannotti. Assim, em 1977, os dois voltaram a ministrar cursos e iniciaram o processo de implantação da pós-graduação em filosofia das PUCs.

Mas enquanto vigorava o AI-5, algumas professoras que não foram afastadas da USP (Gilda de Mello e Souza, Maria Sylvia de Carvalho Franco e Marilena Chauí) ficaram responsáveis pela manutenção do nível do curso de Filosofia, assim como pela sua própria autonomia (cf. p.145).

Gilda de Mello e Souza, que participara do grupo da revista *Clima*, foi a principal responsável pela *Discurso*, publicação que permanece até hoje como revista oficial do Departamento de Filosofia da USP e que surgira com objetivo de resistência intelectual às ações desorganizadoras da repressão. Gilda de Mello e Souza “permaneceu até a década de 70 uma *outsider* no campo das ciências humanas de São Paulo”³³.

Chauí e Carvalho Franco, tentando dar continuidade aos “consórcios das ciências humanas”, estabeleceram entre si um forte vínculo político, intelectual e administrativo

³³ Nobre, nota de rodapé nº 22, p. 146.

com vistas a um ambicioso programa de trabalho, até que, em 1981, vieram a romper publicamente. Carvalho Franco passou a dedicar-se ao estudo clássico greco-romano, enquanto Chauí continuou apresentando os frutos de seu trabalho sobre o Brasil nos anos 70. Marilena Chauí também se torna “uma das principais referências intelectuais públicas do recém-fundado Partido dos Trabalhadores”³⁴.

Rubens Rodrigues Torres teria sido a “figura proeminente e emblemática” de um movimento em direção aos padrões de ensino aprendido dos franceses, justamente num período em que as alianças da filosofia com as ciências humanas estavam bloqueadas³⁵. Eram “instrumentos pedagógicos e procedimentos acadêmicos de leitura de textos [...] rotineiros desde a década de 50”. Torres, dedicando-se à linha do “consórcio de crítica da cultura”, ocupou papel importante junto à revista *Almanaque*, “importante fórum de discussão de estética, de crítica de arte e de cultura”, foi poeta e tradutor de clássicos da filosofia alemã, que contribuíram para “certa consolidação da linguagem filosófica em português no Brasil, principalmente em relação ao idealismo alemão.”³⁶

Para Marcos Nobre, finalmente, a filosofia brasileira

se caracteriza por uma indigência estrutural: não há nas suas fileiras consistência suficiente nem mesmo para a institucionalização do debate intelectual público especializado. E, entretanto, são produzidos no Brasil

³⁴ Nobre, nota de rodapé nº 14, pp 146-147)

³⁵ Na nota de rodapé nº 26 (p. 147), Marcos Nobre expõe que essa opção, embora tenha trazido questões de abordagens técnicas, ainda perdurou diante das outras áreas das ciências humanas, excetuando-se a Economia. “Desse modo, a Filosofia da USP foi capaz de manter constante o padrão de ensino e de formação de seus quadros”. Contudo, mantendo essa orientação pedagógica e formativa mesmo após a redemocratização, não encontrou mais campo como na ocasião dos “consórcios das ciências humanas”. Em suma, a USP “ainda não encontrou o seu lugar nos novos arranjos intelectuais do ambiente pós-ditatorial”.

³⁶ Terra, Ricardo R. “Atualidade de Schiller”. *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 34, novembro de 1992, p. 230 (Cf. Nobre, nota de rodapé 29, p. 148).

livros e trabalhos de filosofia de excelente qualidade, ainda que, de maneira geral, a produção brasileira nesse campo permaneça à margem do debate internacional. (p.137)

Assim, ainda que à margem (ou no limite) de toda uma nação, algumas individualidades, no afã de valorizar a identidade brasileira, constituída desde seus primórdios a partir de sua miscigenação e conseqüente tendência ao inevitável multiculturalismo, efetivamente lutam pela representação de “um corpo sistemático de conhecimentos [...] no sentido de uma *Bildung* [...] sobre cultura brasileira³⁷. Estas individualidades procuram reconhecer um retrato da consciência nacional, na luta por defender as identidades nacionais desde suas minorias. Em nossa suma, os avanços de muitos inglórios vai até a “formalização” da democracia. Por esse processo de formação da consciência brasileira, aportamos em 1986, um aporte e fronteira imaginária desta dissertação.

Enfim, já no bonde da Maria Antônia³⁸, das idéias uspianas, de onde descemos à mercê de tantos caminhos apontados, tentamos então tomar a condução para o universo da publicação derridiana no Brasil e situar sua presença no meio acadêmico – ou fora dele – abordando a influência desconstrutivista no pensamento brasileiro, assim ligados pela filosofia e pelas marcas do ofício de tradução³⁹.

³⁷ Madeira & Motta Santos, p. 28).

³⁸ Segundo Arantes (1994), esse bonde “que, subindo a Consolação, dobrava à direita na direção da faculdade [USP] [é] hoje emblema mítico da memória coletiva” (p. 13).

³⁹ Paulo Ottoni (in: Jacques Derrida: pensar a desconstrução. Evando Nascimento (org.), pp 283 –292) remete-nos a uma importante discussão derridiana em que se mostra o vínculo entre filosofia e tradução, ao colocar, entre outras coisas: a tradução derridiana do termo “aufheben – *aufhebung*”; a necessidade constante da tradução no questionamento filosófico, no início e na continuação da filosofia. Nesse âmbito, encontra um lugar para Derrida no questionamento sobre a tradução: “Ao afirmar que Hegel ‘reabilitou o pensamento como *memória produtora de signos*’, Derrida pôde afirmar, também, que ele é o *último filósofo do livro e*

2. A influência de Derrida e da desconstrução no Brasil nos idos de 1968 a 1986.

Apontar a influência do pensamento de Jacques Derrida no Brasil entre o final dos anos 60 até o meio dos anos 80 será caminhar sobre um terreno irregular, por pelo menos quatro razões. Primeira, porque a própria tarefa de desarticuladora de unicidades que a desconstrução pratica já dificultaria, ainda mais em seu início, a ligação de uma universidade “ainda em formação” como a brasileira, com pensamentos de subversão e transformação de modelos tradicionais. A segunda se dá pelo fato de que, mesmo Derrida sendo francês, ele ainda não era muito reconhecido na França. Sendo o Brasil de influência especialmente francesa, como terceira razão há o fato de que o país nessa época buscava elementos para a ordenação de seu pensamento, sendo que as universidades públicas ainda estavam apostando nas características cientificistas do estruturalismo. A última seria porque Derrida nunca deixou de contundir aqueles sobre os quais perscrutava, ainda que ele mesmo dissesse que desconstruía justamente aqueles de quem mais gostava⁴⁰.

Dessa lista de traduções de Derrida sobre a qual trabalhamos, o texto *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas* é considerado o primeiro texto de crítica ao estruturalismo⁴¹. O autor mais citado nesse texto é o estruturalista Claude Lévi-Strauss, que assume dever sua carreira de etnólogo à sua estadia no Brasil, nos idos de 1935⁴².

primeiro pensador da escritura. Do mesmo modo, Derrida reabilitou o pensamento como memória produtora de escritura [...]. [A]o questionar a tensão entre língua e idioma, a questão das desconstruções está endividada com e nessa tensão. Podemos, então, afirmar que Derrida é, ao mesmo tempo, o ‘último filósofo’ da escritura e *primeiro pensador da tradução*” (pp. 291-292)

⁴⁰ Palavras de Derrida no filme *D’ailleurs Derrida* (2000).

⁴¹ Vide Leila Perrone-Moysés (2004).

⁴² Cf. Fernanda Peixoto, in: (*Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo*, in: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt).

Enquanto Lévi-Strauss (*As Estruturas elementares do parentesco*, em “O Pensamento Selvagem”, 1962), em nome de uma estrutura, opõe a atividade do *bricoleur* (a bricolagem) à imagem ideal do engenheiro, que trabalha sob métodos científicos, sob certas ordens previstas, Derrida “defende” a atividade de bricolagem para definir o momento sempre imprevisível de construção do discurso. Assim, lembramos quando diz que “[s]e denominarmos bricolagem à necessidade de ir buscar os seus conceitos ao texto de uma herança mais ou menos coerente ou arruinada, deve dizer-se que todo o discurso é *bricoleur*” (*A Escritura e a Diferença*, p. 239).

Com pouca cautela, mas por economia, resumimos aqui uma encenação da apresentação de Derrida à cultura brasileira: o primeiro texto derridiano a chegar veio desconstruir justamente aqueles trabalhos de Lévi-Strauss oriundos de suas pesquisas junto aos índios Bororo no Brasil que, de certa forma, haviam desmistificado o índio romântico brasileiro⁴³.

Esse primeiro texto em português faz parte do Simpósio Internacional acerca de “As Linguagens da Crítica e as Ciências do Homem” (1966), em que intelectuais discutiram o estruturalismo. A respeito desse simpósio, Derrida disse que “muitos dos que ali estavam para discutir o estruturalismo já estavam, na verdade, praticando o pós-estruturalismo”⁴⁴. Parece então que a leitura de Derrida em língua portuguesa se fez primeiramente por meio dessa inter-relação entre os estruturalistas e os pós-estruturalistas.

⁴³ Algum tempo depois do Movimento Antropofágico (1928) e de, por exemplo, *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, que vieram justamente questionar o mito do “bom selvagem”, ou do índio heróico, as pesquisas de Claude Lévi-Strauss também contribuíram para dar outra face ao índio do Romantismo Brasileiro. O Brasil então, de paraíso tropical, passou a ser retratado, na alegoria do título de Lévi-Strauss, como os Tristes Trópicos.

⁴⁴ Luciano Rodrigues Lima, *Desconstruindo a lingüística estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida*, p. 4, in: <http://www.uneb.br/lucianolima/artigos/desconstruindoalinguisticaestruturalista.doc>

Olgária Matos⁴⁵ diz que “tratar da presença, da influência decisiva da filosofia francesa no Brasil, é referir-se a Deleuze, Derrida, Foucault, Lyotard, Althusser, entre outros” (p. 195). A autora considera a cultura filosófica contemporânea como essencialmente universitária, com uma herança francesa que se apresenta em pelo menos dois momentos: um estruturalista, “na tradição mais antiga de Guérault e Goldschmidt” (p. 196) e outro em que a Universidade passa por uma conjuntura intelectual que começa a sentir “o impacto e a influência de pensadores como Deleuze, Lyotard, Derrida e Foucault” (p. 200).

Para ela, o método estrutural utilizado hoje é baseado em uma “linguagem de segurança”, em que se busca ajustar ao máximo às dificuldades, no sentido cartesiano do termo, partindo do mais simples para o mais complexo, desejando a “compreensão definitiva do texto,” com a “inteligibilidade de todas as palavras”. Uma leitura que consegue separar a significação, os encadeamentos e uma estrutura. Em suma, em vez de lidar com a história ou a noção de sujeito, o estruturalismo lida com uma “essencialidade” do texto (cf. p. 199).

Matos define o outro momento como o daqueles pensadores que apresentam “práticas críticas inovadoras que alteraram o quadro interpretativo das ciências humanas,” explicitando-as da seguinte maneira:

Foucault, com sua “arqueologia” dos saberes e “genealogia”
desmascarando sua gênese; Derrida e a formação de uma *gramatologia* a
examinar o valor da letra, o mundo das *inscrições*; o *reconhecimento de*

⁴⁵ *A Filosofia francesa no Brasil: a pragmática da leitura humanista*, in: “Do Positivismo à desconstrução – Idéias francesas na América”, pp 195-211. Leyla Perrone-Moisés org. Edusp, 2004.

noções indecidíveis que aos poucos dissolvem as certezas binárias centradas no logocentrismo ocidental; Deleuze e a construção de uma “maquinaria interpretativa”, a fim de percorrer os rizomas dos sentidos, seus deslocamentos, para reconhecer a força daquilo que a filosofia da representação havia excluído – o simulacro; trabalha, também, de maneira original a transposição do modelo triádico de pensamento, seja o da dialética, seja o edipiano, em nome da diferença, favorecendo uma leitura de textos nas intensidades e forças de que são portadores. (p. 200)

Para a autora “estes filósofos historiadores da filosofia e da cultura dirigem sua atenção não apenas ao que se descobre, mas também ao que se passa a encobrir”. O papel desses pensadores será produzir uma

“desconstrução” do princípio de *identidade* por oposição ao sujeito sedentário ao qual corresponde uma verdade que se opõe ao erro, com o não-ser ao ser. [...] Assim, a virtualidade semântica de objetos e palavras, ao contrário, do ponto de vista estrutural, torna-os inassimiláveis à ordem de um sujeito, pois há sempre algo de impróprio e de figurado nas palavras, para além da simples ordenação e repetição (p.206)

Leyla Perrone-Moisés⁴⁶ indica que esse movimento de crítica dos pensadores ao estruturalismo, o *pós-estruturalismo*, não foi uma proposta filosófica, mas apenas um método aplicável às ciências humanas. Informa que o estruturalismo se firmou e

⁴⁶ *Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas*, in: “Do Positivismo à Desconstrução – Idéias Francesas na América”, pp. 213-236.

disseminou a partir da França nos anos de 1960, baseando-se nas teorias de Saussure, do formalismo russo e do Centro Linguístico de Praga. A linguística foi elevada à posição de ciência-piloto das humanidades pelos estruturalistas franceses, que se propuseram a “fundar a semiologia, que seria a ciência geral dos signos” (p. 213-14). Para ela, os grandes nomes do estruturalismo foram:

o linguista Roman Jakobson, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, o psicanalista Jacques Lacan, o filósofo Louis Althusser, os literários Algisdar J. Greimas, Gérard Genette e Roland Barthes (1ª fase). Tzvetan Todorov foi o competente divulgador do formalismo russo, e Julia Kristeva a talentosa continuadora da semiótica eslava, em especial a de Bakhtin. (p. 214)

A autora relata que o estruturalismo teve grande aceitação no Brasil, ou por causa da sua virtude didática, ou por ser uma “receita” que poderia ser aplicada por qualquer um, dando-se ares de cientificidade. Vários bolsistas que foram para a França, além de muitos outros brasileiros em Paris, por contingências da ditadura, freqüentavam seminários em que se tratava das idéias mais recentes. A autora cita a presença de Jakobson (1967) e Todorov (1969) no Brasil, que ocasionou a realização de alguns encontros em São Paulo e no Rio” para discussão de pesquisas à luz das novas teorias. Alguns professores, sociólogos marxistas e críticos literários tradicionalistas opuseram-se ao estruturalismo, avessos ao “formalismo” e ao a-historicismo do método.

Para Perrone-Moisés, o estruturalismo teve vida curta na França, porém não foi “uma moda nociva finalmente superada pelos bons métodos tradicionais, mas um movimento que morreu de morte natural, pelas mãos de seus próprios praticantes”.

Salienta que, embora tivesse *passado*, o estruturalismo deixou grande contribuição às ciências humanas, “que incorporaram posteriormente seu rigor analítico e boa parte de sua terminologia, principalmente no que se refere à análise da narrativa, literária e histórica” (nota de rodapé pp. 215-217)

A autora coloca como marco divisório entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo o colóquio ocorrido em outubro de 1966, na Universidade Johns Hopkins, “com a presença das principais estrelas do estruturalismo francês”, denominado Colóquio Internacional sobre Linguagens Críticas e Ciências do Homem. A comunicação apresentada por Derrida (*A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*) foi de enorme repercussão, porque “representava uma auto-crítica do estruturalismo francês.” No final dos anos de 1970, então, os principais teóricos franceses já dividiam seu tempo e seu ensino entre a França e os EUA (pp. 217-218).

A autora lembra que nos anos de 1980 e 1990 começaram a aparecer as reivindicações das minorias, contestando hierarquias culturais e fronteiras entre alta cultura e cultura de massa, instalando-se a ideologia do politicamente correto. Os chamados estudos culturais implantaram-se nas universidades nesse período, com vários focos: feminismo, estudos de gênero, de etnia, pós-coloniais e neo-marxistas.

Ao mesmo tempo, a estética, a teoria literária e a própria literatura foram desacreditadas e acusadas de idealismo e elitismo pela crítica ideológica. Passou-se então a apoiar as literaturas minoritárias e emergentes e os fenômenos de cultura de massa. No entanto, isto acabou em uma grande confusão, que perdura até hoje, uma vez que se substituíram as análises bem fundamentadas das novas práticas culturais por denúncias ideológicas simplistas.

Derrida é o autor que maior repercussão tem hoje nos Estados Unidos⁴⁷. Dizemos isto para citar a “estranha ironia” apontada pela autora:

Ao adotar no Brasil as propostas norte-americanas, festeja-se o fim do nosso colonialismo cultural com relação à França, sem perceber que, na origem dessas propostas, estão teóricos franceses. A única diferença, para nós, é que no passado buscávamos inspiração teórica na matriz francesa, e agora o fazemos passando pelos Estados Unidos (p. 232).

A autora prossegue dizendo que “foram os EUA que globalizaram Barthes, Foucault e Derrida, mas estes não são lidos na França como o foram e são nos EUA” (p. 234). Finalmente, de forma similar ao que disse Paulo Eduardo Arantes, conclui que:

Não temos uma “filosofia brasileira”, como não temos uma “teoria literária brasileira”, no sentido de criação de conceitos e métodos absolutamente originais. Mas já temos uma boa tradição de pensamento filosófico e literário, constituída ao longo de dois séculos de assimilação original de idéias estrangeiras, sobretudo francesas. Essa tradição merece ser lembrada e prosseguida, em função de nossas circunstâncias locais, com espírito crítico e sem servilismos coloniais de qualquer espécie (p. 236).

⁴⁷ Talvez pelo próprio fato de que, tendo falecido recentemente, lutou até o fim contra a tendência de classificar seu pensamento como “uma doutrina filosófica ou [...] um movimento programático com princípios e métodos fixos” (pp 221-222)

Voltando à literatura especializada da época em delimitação, fizemos uma busca de temas relacionados às desconstruções, nas revistas mais importantes que pudemos notar, pelas leituras que empreendemos. Na revista *Novos Estudos*, não encontramos relações com o tema, mas pudemos ver que publicara as primeiras traduções de temas importantes para discussões contemporâneas relacionadas à pós-modernidade. A revista publicou autores como Fredric Jameson (*Pós -modernidade e sociedade de consumo*, nº 12, junho de 1985) e Perry Anderson (*Modernidade e Revolução*, nº 14, fevereiro de 1986). Após 1986, pudemos ver vários textos de Jürgen Habermas. Na edição 18, de setembro de 1987, saem três textos seus: *Arquitetura moderna e pós-moderna; A Nova intransparência e Um perfil filosófico-político – entrevista com Jürgen Habermas*. Neste último, Habermas esclarece suas diferenças conceituais em relação ao grupo de intelectuais franceses de 1968, entre eles, Derrida. Durante e após nosso período limítrofe, esta foi a primeira vez em que na revista se refere à desconstrução e a Derrida.

Já na revista *Tempo Brasileiro* pudemos notar duas incursões pela desconstrução: Silviano Santiago, nos textos *Desconstrução e descentramento*⁴⁸ e *Análise e interpretação*⁴⁹, e Liba Beider, com *A disseminação do texto literário*⁵⁰.

Silviano Santiago foi um dos nomes, talvez o primeiro⁵¹, que mostrou uma forte relação com a desconstrução no Brasil. O primeiro texto que pudemos averigüar, cronologicamente dizendo, foi *O entre-lugar do discurso latino-americano*⁵², por ter sido apresentado em 18 de março de 1971 na Université de Montréal. Trata de questões de

⁴⁸ *Tempo Brasileiro* 32, janeiro-março 1973.

⁴⁹ *Tempo Brasileiro* 41, abril-junho 1975.

⁵⁰ *Tempo Brasileiro* 56, janeiro-março 1979.

⁵¹ Pelo que pudemos averigüar até o presente.

⁵² In: “Uma literatura nos trópicos” pp. 9-26, 2 ed., 2000. A primeira edição ocorreu em 1977.

colonialismo e suas influências na formação da cultura latino-americana. Cita Derrida como embasamento teórico para criticar o colonialismo que evita o bilingüismo e as manifestações religiosas do coloniado. Apropria-se de Gramatologia, ao desconstruir o fragmento “o signo e a divindade têm o mesmo tempo e o mesmo lugar de nascimento” (“De la Grammatologie”, p.25), modificando o último termo da citação, de *nascimento*, para *renascimento*. Com isso, realiza um descentramento e intensifica a força desconstrutora da citação. Fala da inserção de uma nova sociedade, a dos mestiços, apontando reviravoltas na noção de unidade. Acrescenta que “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*” (p. 16) e cita no rodapé um artigo de Oswald de Andrade onde este diria que a Alemanha “racista, purista e recordista” deveria ser educada “pelo nosso mulato, pelo chinês, pelo índio mais atrasado do Peru ou do México, pelo africano do Sudão” (ibid, apud). Propõe ainda uma leitura das traduções sul-americanas transformadoras dos textos europeus. Neste momento, lança outra nota de rodapé, que transcrevemos:

Seguimos de perto os ensinamentos de Derrida com relação ao problema da tradução dentro dos pressupostos gramatológicos: “Nos limites em que ela é possível ou pelo menos PARECE possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas se essa diferença nunca é pura, a tradução não o é menos, e será preciso substituir a noção de tradução pela noção de TRANSFORMAÇÃO, transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro”. *Positions*, Paris, 1972, p. 31. (p. 22)

A seguir, Santiago discute o papel do intelectual latino-americano e diz que “o escritor latino-americano é o devorador de livros que os contos de Borges nos falam com insistência. Lê o tempo todo e publica de vez em quando” (p. 25). Finalmente, refuta a tese neocolonista que insiste no fato de que “o país se encontra na situação de colônia pela preguiça de seus habitantes” e conclui que “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão [...], entre a assimilação e a expressão [...], ali, se realiza o ritual antrópago da literatura latino-americana” (p.26).

Desconstrução e descentramento, pode ser tido como um texto em que Santiago apresenta Derrida, por várias razões. Uma delas é por ter sido o primeiro texto sobre Derrida que pudemos ver publicado em língua portuguesa, no Brasil⁵³. O texto anteriormente citado⁵⁴, embora tivesse sido escrito em 1971, só foi publicado no Brasil, em português, em 1977, no livro “Uma literatura nos trópicos”. A segunda razão é porque o texto faz, de fato, uma apresentação do pensamento de Derrida contido nas obras de até 1971. A única referência de Derrida em português é a tradução em português de “A Escritura e a Diferença”. As outras são em francês, inclusive “De la Grammatologie”, o que nos dá a entender que, neste momento, a tradução de Gramatologia ainda não havia sido publicada.

Análise e interpretação, publicado pela primeira vez em 1975 e depois, em “Uma literatura nos trópicos”, pode ser ligado a *Desconstrução e descentramento*, pois o cita como referência “para uma introdução a Derrida” (p. 212).

⁵³ Provavelmente foi publicado depois unicamente da tradução de “A Escritura e a Diferença”.

⁵⁴ *O entre-lugar do discurso latino-americano*.

O fato de *Análise e interpretação* ter sido “apostila no Departamento de Literatura da PUC/RJ” (p.219) institucionaliza um momento em que Derrida estaria sendo discutido na Universidade Brasileira, uma universidade privada, o que nos remete a questões históricas já mencionadas aqui. Outro ponto de entrelace às questões históricas é que, pela temática em o texto derridiano serve de referência, a literatura, há uma propensa ligação com a abordagem norte-americana de crítica literária, uma vez que Santiago fora chefe de departamento de literatura francesa em uma universidade norte-americana; muito embora, na apresentação deste texto, Santiago declare “uma simples galomania” (p. 200).

Santiago, em outro texto, Já em outra época (*Atração do Mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira*⁵⁵), detecta que, quanto “às idéias literárias, Roberto Schwarz, em texto dos anos 70 sobre Machado de Assis (*As idéias fora do lugar*), aponta e desconstrói a chamada "originalidade" brasileira, ou seja, o laço intrincado entre escravismo e favor, responsável em última instância pelo encobrimento das relações de classe no Brasil”. Provavelmente essa atitude desconstrutivista teria ocorrido naturalmente, mas, mesmo assim, é interessante pensá-la como uma das várias desconstruções a que o próprio Derrida alude e assume não ter controle. Esta, quase que certamente, teria surgido (anos 70) anteriormente a uma certa resposta a uma suposta influência derridiana no Brasil.

Santiago cita ainda o “intelectual brasileiro que trabalha com a desconstrução do etnocentrismo” e que perde o “otimismo nacionalista dos primeiros modernistas, reveste-o de cores cépticas, ao mesmo tempo em que fica mais sensível a questões que giram em torno do poder e da violência no processo histórico de construção nacional” (ibidem).

⁵⁵ Unas Lecture, Berkeley, 1995-1996. <http://www.pacc.ufrj.br/nabuco.html>

Cita Derrida quando este declara que a ciência européia “acolhe no seu discurso as premissas do etnocentrismo no próprio momento em que o denuncia”. Santiago lembra ainda que, para Jacques Derrida, a etnologia "só teve condições para nascer no momento em que se operou um descentramento: no momento em que a cultura européia [...] foi *deslocada*, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência". Diz Santiago, por fim, que esse “descentramento tem conseqüências extraordinárias no processo de *formação* do intelectual modernista e de configuração das várias etnias que explodem a almejada cultura nacional em vários estilhaços”.

O livro “Glossário de Derrida – supervisão de Silvano Santiago” tem uma importância muito grande neste contexto. É reconhecido internacionalmente, sendo citado, por exemplo, na bibliografia do livro “Jacques Derrida” por Geoffrey Bennington & Jacques Derrida (1991), tradução de Anamaria Skinner (1996). Este livro surgiu para atender necessidades acadêmicas, tendo em vista as dificuldades encontradas pelos alunos na leitura dos textos de Derrida, pois, ao se depararem, por exemplo, com *La Dissémination*, logo nas primeiras páginas desistiam, conforme atesta Silvano Santiago: “tal problema, ainda o encontraríamos como primeira e ameaçadora barreira quando iniciamos nossas aulas sobre “interpretação” (segundo alguns teóricos franceses), num seminário de pós-graduação do Departamento de Letras e Artes (PUC/RJ)” (p. 5) .

O Glossário foi elaborado por Silvano Santiago e seus alunos, obedecendo a um critério de anonimato, para que a autoria fosse em nome de todo o grupo. Na página 6 consta o nome dos vinte e um alunos participantes do projeto, onde se destaca um agradecimento a Anamaria Skinner pela participação na revisão, tradução e unificação das citações. A existência desse “Glossário” institucionaliza a presença de Derrida nos meios acadêmicos brasileiros da época e atesta as dificuldades de análise encontradas, assim

como o interesse em dirimi-las e explorá-las. Atesta mais: a expansão da discussão (de influência francesa, ainda que por via norte-americana) além da USP, de São Paulo.

Anamaria Skinner⁵⁶ conta que quando foi apresentada a Jacques Derrida, este a falara sobre sua relação com o Brasil e o pioneirismo do Glossário de Derrida, pelo que agradeceu a ela. O Glossário havia sido “um dos primeiros livros escritos sobre o pensamento de Derrida em todo o mundo” (p. 97). Skinner relata também do diálogo entre Derrida e Silviano Santiago em que Derrida revelou o efeito que lhe causara saber que um grupo de estudantes universitários lia seus livros. Skinner confessa que: “Escrever sobre esse momento tem, portanto, para mim, o poder de evocar toda uma geração e também os primeiros anos da geração de Derrida como pensador no contexto da teoria literária no Brasil (p. 98).

Skinner relembra os tempos em que fazia Mestrado em Literatura Brasileira na PUC e conheceu o professor Silviano Santiago. Descreve em detalhes como se organizou o Glossário de Derrida e confessa as numerosas dificuldades então encontradas para ler toda a obra de Derrida até então produzida.

Skinner encerra seu texto citando uma entrevista de Silviano Santiago ao jornal O Tempo, de Belo Horizonte, em 2004. Nesta entrevista, Santiago descreve o início dos anos 1970, na Faculdade de Letras, na Universidade, quando então se formaram dois caminhos. Havia a escola “literatura e sociedade”, sob coordenação de Antonio Candido, e os jovens iconoclastas da PUC-RJ, coordenados por Luiz Costa Lima. “O Grupo carioca se entregava ao exercício da análise do texto dentro dos parâmetros da semiologia e se descuidava da interpretação semântica” (apud Skinner, p.99). A desconstrução, particularmente através do

⁵⁶ Nossos agradecimentos por ter gentilmente cedido seu texto *No Rastro das desconstruções inaugurais*, inédito na época e atualmente publicado em “Desconstruções e Contextos Nacionais”, pp. 93-101, org. Alcides Cardoso dos Santos, Fábio Akcelrud Durão e Maria das Graças G. Villa da Silva.

Glossário de Derrida, concorreu para que hermenêutica e semiologia se tornassem inimigas ferozes, abrindo “um espaço extraordinário para o aprofundamento dos estudos sobre a linguagem, sobre a escrita (no caso de Derrida), com dominância na leitura de Freud, Marx e Nietzsche” (ibid.).

Skinner conta que em 1971 dissera pessoalmente a Derrida, na Universidade Johns Hopkins, que “seus escritos continham uma práxis política que [Derrida] desconhecia” (p. 99). Por esse caminho o texto derridiano contribuiu para que se questionasse o neocolonialismo (norte-americano) pelo viés colonial (europeu). O pensamento descentrado foi então uma das formas mais eficazes de reapresentar a questão da democracia em tempos ditatoriais. A questão da diferença também foi um modo de recolocar a periferia na vanguarda, a despeito do neoliberalismo vigente.

Após buscar os locais de manifestação de Derrida no pensamento brasileiro, podemos, a partir de agora, situar os tradutores em meio a este quadro. Sem falarmos ainda nas traduções que temos em mãos para análise, que são prova cabal da influência derridiana nos países de língua portuguesa, nossa intenção foi a de contatarmos com os tradutores, para saber sobre suas atividades no período⁵⁷.

O tempo tem sido um dos grandes empecilhos para que possamos fazer um levantamento mais preciso sobre as atividades de nossos tradutores, uma vez que distamos de duas a três décadas do período em análise. Todas as informações que coletamos foram através de correio eletrônico. Pudemos averiguar, por exemplo, o caso do prof. António M. Magalhães, que respondeu dizendo que, por ter se afastado daquela linha de pesquisa (mas não da desconstrução), devido ao tempo já transcorrido (mais de vinte anos), no momento, por motivos acadêmicos, encontra-se impedido de se dedicar a alguma pesquisa nesse

⁵⁷ O anexo I fala mais amiúde das atividades naquela época de cada tradutor que conseguimos contato.

sentido (muito embora ainda tenha nos dado informações importantes). As informações de Luiz Costa Lima foram bem mais esclarecedoras, referindo-se ao fato de que o Brasil passava por um período de conflitos e perseguições, principalmente nas universidades públicas. Foi um período em que muitos professores (tradutores também) foram expulsos da universidade e até do próprio país, impedidos de se manifestarem publicamente, tendo que se sustentar financeiramente através de outras formas de atividade.

Os demais tradutores de Portugal certamente também estavam envolvidos nessa discussão estruturalista ou pós-estruturalista européia, pelo fato de publicarem, logo em 1968, um livro cujo título era “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”, que continha entre os textos aquele de Derrida proferido no Colóquio de 1966, nos Estados Unidos, juntamente com outros textos importantes. O próprio prefácio, escrito pelo organizador Eduardo Prado Coelho, já apontava um grande envolvimento da intelectualidade portuguesa com as idéias mais recentes da época.

Para uma análise da importância de *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas* para o livro português “Estruturalismo”, podemos dizer que averiguamos todos os rodapés ao longo do livro e notamos que, das citações constantes no livro, somente aqueles textos citados em Derrida foram inseridos na coletânea.

Concluiríamos então que o texto de Derrida seria o que mais influências teve na organização dessa obra, ao contribuir como um norteador da discussão proposta na coletânea.

Desta feita, diante desta coleta de dados, sempre aberta a novos complementos, propomo-nos apresentar as problematizações em cada obra, seguindo, a priori, a ordem das

publicações das traduções⁵⁸ e apresentando todas as manifestações declaradas dos tradutores.

⁵⁸ O anexo II contém todas as notas dos tradutores de todas as obras que aqui analisamos.

CAPÍTULO III

A primeira tradução

1. As três traduções de *A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*

La Structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines foi o primeiro e o mais traduzido dos textos de Derrida, em português, no período em estudo, com três traduções. Relembrando, foi pronunciado pela primeira vez em 1966, no colóquio internacional sobre as *linguagens críticas e as ciências do homem*, na Universidade Johns Hopkins e publicado, pela primeira vez, em francês, no livro de Derrida “L’Écriture et la Différence”. As traduções ocorreram, respectivamente, em 1968, 1971 e 1976.

O livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”, onde se publicou a primeira tradução do texto em língua portuguesa é uma coletânea de textos de Foucault, Derrida, Lévi-Strauss, Althusser, Lacan, Sartre, Barthes, Sebağ e outros. No livro, procurou-se demonstrar os vários domínios que a atividade estruturalista abrange. Foi feita uma seleção com a intenção de apresentar um ou mais textos de cada uma das grandes referências do estruturalismo, além de uma apresentação e síntese sobre cada um deles (p. VII).

A primeira tradução de Derrida para o Português ocorreu no interior dessa discussão sobre o estruturalismo, que já se dava nos idos de 1958, em França e Bélgica. Em Portugal, essa polêmica latente que começara a surgir tornou-se visível mesmo a partir da divulgação dos livros de Althusser, Foucault e Lacan, e da discussão Barthes-Picard (p. VIII).

A segunda tradução, publicada em “A Escritura e a Diferença” (1971), é a primeira tradução brasileira de Derrida. Embora a língua desta tradução e a editora que publicara o livro (Perspectiva) sejam brasileiras, a tradutora, pelo menos em sua biografia, demonstra claras ligações com Portugal e Brasil, pois concluíra sua graduação em 1961 na Universidade de Lisboa, mas, em 1967, obteve Doutorado pela USP, e, em 1973, bem próximo da publicação deste livro, obteve sua livre docência, também pela USP⁵⁹.

A terceira tradução, feita no Brasil por Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira, era parte integrante do livro “A Controvérsia Estruturalista – as Linguagens da Crítica e as Ciências do Homem” (1976), que foi traduzido do inglês “The Structuralist Controversy – The Languages of Criticism and the Sciences of Man”, publicado em 1970, como uma coletânea da maioria dos textos apresentados no simpósio já citado anteriormente. Os tradutores brasileiros traduziram do inglês. Os tradutores em inglês norte americano acrescentaram notas de rodapé. Isto pode ter representado um suporte para que a tradução não perdesse a capacidade disseminativa constante nos texto de Derrida e assim talvez se diminuísse a angústia que gera a noção de indecidibilidade. A tradução para o português brasileiro, curiosamente, também manteve esses mesmos rodapés da tradução em inglês, sem alteração.

Faremos a partir de agora uma leitura comparativa dos cinco textos⁶⁰, isto é: do texto em francês *La Structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*; da tradução inglesa *Structure, Sign and Play in the Discourse of the Human Sciences*; e das três traduções para o português. Faremos também uma análise das variações de

⁵⁹ Foi impossível realizar uma entrevista com a tradutora, apesar das tentativas dentro da proposta que fizemos através de correio eletrônico; contudo, podemos supor que a influência de Derrida em Portugal ultrapassou fronteiras, o que pode ter sido uma das formas de “entrada” do pensamento derridiano no Brasil.

⁶⁰ A reedição do livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”, ocorrida no início dos anos 80 no Brasil (Martins Fontes), não foi comparada porque não teve modificações em relação à edição de 1968, da Portugália Editora.

tradução de algumas palavras-chave no discurso derridiano que ocorrem nesse texto, ainda que não tenham sido comentadas pelos tradutores.

Para o português, oriunda do texto em francês, as duas traduções do título foram: *A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*. Já a partir do texto em inglês, os tradutores não utilizaram o artigo definido e o título passou a ser *Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas* adquirindo características lingüísticas da língua inglesa.

Pudemos notar, ao longo do texto em inglês, algumas diferenças em relação ao texto em francês, que decorrem de inversão de termos da oração, outras vezes de estilo, de citação. As notas de rodapé inseridas constam somente dos tradutores do texto em inglês. Contudo, poderemos nos referir a essas peculiaridades somente quando as mesmas afetarem nossa análise quanto à manifestação dos tradutores em língua portuguesa diante do *double bind*.

Para que possamos ser mais rápidos no trato com os cinco textos, a partir de agora eles serão referidos da seguinte forma: FR = texto em francês publicado no livro “L’Écriture et la différence”; ING = texto em inglês publicado no livro “The Structuralist controversy - the languages of criticism and the sciences of man”; PT = texto em português de Portugal, traduzido do Francês para o livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”; BR1 = texto em português do Brasil, constante na tradução “A Escritura e a Diferença”, traduzido do original francês constante no livro “L’Écriture et la différence”; BR2 = texto em português constante na tradução brasileira “A Controvérsia estruturalista – as linguagens da crítica e as ciências do homem”,. traduzida do texto em inglês constante no livro “The Structuralist controversy - the languages of criticism and the sciences of man”.

Há uma epígrafe de Montaigne no texto FR que é traduzida em PT e BR1. No entanto, ela não consta em ING e BR2. Sabemos que este texto foi pronunciado pela primeira vez em 21 de outubro de 1966, pelo menos alguns meses antes que o texto fizesse parte do livro *L'Écriture et la différence* (1967). Podemos supor que essa epígrafe foi lida durante a conferência. Aliás, nenhum texto do livro tem epígrafe, embora tenha notas de rodapé dos próprios conferencistas. São coisas que deixaremos em suspenso, *entre aspas*, juntamente com as modificações que ocorrem na tradução inglesa em relação ao texto em francês publicado no ano seguinte ao pronunciamento, mas que deixam, no interior dessas aspas, questionamentos sobre se o texto não teria recebido alguma alteração para a publicação no livro “L'Écriture et la différence”.

Logo no início temos um termo que merece atenção. No texto FR (p. 409) aparece o palavra *événement*, que aparece em ING como *event* (p. 247); em PT (p. 101) e no BR1 (p.229) a tradução é *acontecimento*. Já no texto BR2 (p. 260) traduziu-se como *evento*. Consultamos inicialmente os dicionários Aurélio e Michaelis⁶¹. Pelo Aurélio, *acontecimento* (p. 35) significa: “S.m. 1. Aquilo que acontece; sucesso. 2. Fato que causa sensação; caso notável [...]. 3. Episódio, sucesso, ocorrência [...]. 4. Coisa ou pessoa que causa viva sensação, constitui grande êxito [...]. 5. Estat. *Evento* (3) [grifo meu]”.

Já o termo *evento* (p. 736) tem a seguinte definição: “[do lat. Eventu] S.m. 1. sucesso, acontecimento [...]. 2. V. eventualidade (2). 3. Estat. Ocorrência, num fenômeno aleatório, de um membro de um determinado conjunto que se define a priori; *acontecimento* [grifo meu] 4. Um ponto no espaço-tempo de 4 dimensões”.

⁶¹ “Novo Dicionário Aurélio” Nova Fronteira, 1986, pp. 35 e 736, e “Novo Michaelis Dicionário Ilustrado, Inglês-Português”, Melhoramentos, 1989, p. 373.

No dicionário Michaelis (p. 373) consta na seguinte forma: “*event* [...] 1. evento, acontecimento, incidente m., ocorrência f. 2. eventualidade f., caso m. 3. conseqüência f., resultado m. 4. número m. de um programa. 5. (Esp.) prova”.

Podemos ver que os termos destacados por nossos grifos podem ser considerados como sinônimos. Todas as traduções em português a partir do francês preferiram usar *acontecimento*, enquanto a única que traduziu a partir do texto em inglês preferiu usar *evento*, o que mostra uma certa preocupação dos tradutores com usar o termo mais próximo da língua de onde a tradução origina, se não quanto à origem da palavra, pelo menos quanto à questão gráfica ou fônica: do inglês *event* veio o termo em português *evento*.

Napoleão Mendes de Almeida⁶² condena o uso da expressão *eventualmente*, de forma anglicizada, ao se apropriar do termo inglês *eventually*:

É outra palavra que para melhor efeito deverá aparecer na própria forma inglesa em notícias de certos redatores; será mais compreendida na forma original do que na estropiada forma vernácula; se não, que se traduza, e não simplesmente se translitere. [...] “*Eventual*” [grifo meu] sempre implicou idéia de incerteza em nossa língua, e não é isso que você quer dizer. “*Eventualmente*” significa “casualmente”, “fortuitamente”, “variavelmente”, “de forma dependente de acontecimento incerto”. Traduza o barbarismo por “com o correr do tempo”, “posteriormente”. (p. 110)

Eventualmente e *eventual*, em português, dificilmente se distanciariam de *eventualidade*, que consta no dicionário Aurélio como mais um sinônimo de *evento*.

⁶² “Dicionário de Questões Vernáculas”. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

Assim, se considerarmos *evento* (de *event*, próximo a *eventually*) em vez de *acontecimento*, poderemos chegar a uma outra interpretação, que não podemos afirmar, e, menos ainda, descartar a partir de uma leitura do texto FR. Neste, o termo *événement*, pode indicar algo que surgiu no interior do estruturalismo, e que, numa forma impossível de ser controlada e retida pela episteme (tendo em vista seu histórico até então), é a denúncia ou o próprio movimento, desde sempre⁶³, da descentralização, ou pelo menos do questionamento do centro. É a possibilidade do *jogo*, que sempre existiu, mas que, se admitido sem restrições pela metafísica da presença, conforme denuncia Derrida, destrói (em vez de desconstruir) todo o poder adquirido através da voz da episteme⁶⁴.

Em outra medida, Houaiss⁶⁵ define acontecimento (p. 64) como: “[...] 1. O que acontece; fato, ocorrência [...]2. O que acontece ou se realiza de modo inesperado; acaso, eventualidade [...] 3. fig. infm. Pessoa ou fato digno de nota, que produz viva sensação ou constitui grande êxito; sucesso [...]. 4. EST. m.q. *Evento*.” (grifo meu). Já a palavra *evento* (p. 1277) é definida como:

s.m. (1660) **1** acontecimento ger. observável; fenômeno **2** *B* acontecimento (festa, espetáculo, comemoração, solenidade etc) organizado por especialistas, com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais **3** m. q. *EVENTUALIDADE* (acontecimento inesperado) [...] **5** EST realização

⁶³Porque, embora tenha surgido e se repita, será sempre um acontecimento, ocorrido entre o *fortuito* (um acontecimento, como qualquer outro) e o *evento* (como algo notável), impossível de ser repetido de forma absoluta, e, assim, nunca centralizador, mas sempre passível de atuar como parte de um jogo, nas iterabilidades que naturalmente não se fixam a estrutura alguma.

⁶⁴ Esta episteme entendida como aquela que representa o poder (irremediavelmente delineador do discurso, conforme denuncia Michel Foucault) encontra-se então ameaçada pela desconstrução proposta por Derrida, com a esperança de transformação, que, no caso desta variação tradutológica entre *acontecimento* e *evento*, descentraliza e destrói o caminho único, que passa a ser um entre outros caminhos

⁶⁵ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

de possível alternativa de um fenômeno probabilístico; acontecimento [...] ETIM lat. *Eventus, us* acontecimento, sucesso, resultado, saída, desenlace, resolução.

Se pudermos então, diante do dicionário com a definição mais contemporânea, resumir a definição de um e outro termo, diríamos que, no português do Brasil, *acontecimento* será sinônimo de *evento* quando se tratar de termo usado em estatística (como uma possibilidade, definida a priori, dentro de um fenômeno), ou ainda quando formar um conceito como um termo composto, isto é, usa-se a palavra *acontecimento* seguida por outras palavras (“acontecimento ger. observável”, “acontecimento (festa, espetáculo, comemoração, solenidade etc) organizado por especialistas”. Assim, o termo *evento* contém em seu conceito o termo *acontecimento*, mas *acontecimento* não contém em seu conceito o termo *evento*, senão na estatística. O *evento* será uma forma mais elaborada de *acontecimento*. Por isto, em contraposição, quando se usa colocar o termo *acontecimento*, ele se presta a um movimento maior no jogo de possíveis significações.

Entretanto, tudo são leituras e momentos, sendo que a definição do dicionário Houaiss foi elaborada muito tempo depois da tradução do texto BR2, e, o dicionário Aurélio, publicado em 1976⁶⁶, fazia uma definição muito diferente e restrita do termo. *Acontecimento* (p. 22) era simplesmente: “s.m. Aquilo que acontece; fato sucedido; ocorrência que produz sensação”. Já *evento* (p.521) definia-se como: “s.m. Sucesso; acontecimento; *eventualidade*”.

Na tentativa de concluir algo sobre os verbetes à palavra *evento*, (*acontecimento*, *événement*, *event*, quem sabe *occurrence*), lembramos que no “Dictionnaire fondamental

⁶⁶ “Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”. 11ª ed. Companhia Editora Nacional.

de la langue française”, 1978, *événement* (p. 112) se designa como “chose importante qui arrive” (coisa importante que acontece) e *fait* (p.117) se designa como “chose qui se fait, événement” (coisa que se faz, acontecimento). O “Grand dictionnaire terminologique”⁶⁷ traduz *événement* (ou *évènement*), na grande maioria das vezes, como *event* em inglês. Quando não o faz, trata-se de algum outro termo composto de ordem puramente técnica. *Fait*, como sinônimo de *événement*, também usa como sua tradução, em inglês, o termo *event*. Um dos estimuladores de nosso questionamento deu-se em virtude de que, em francês, *événement* se difere de *fait* no momento em que o primeiro designa coisa “importante”, ao passo que *fait* se designa como “coisa que acontece”, mas não como coisa “importante”, embora seja também, em algum momento, sinônimo de “*événement*”. Em língua portuguesa do Brasil, pelo menos, de início, pode haver uma sutil variação entre *acontecimento* e *evento*. Podemos então dizer, por ora, que *acontecimento* e *evento*, podem ser considerados sinônimos, em português. Isto é, eventualmente, e não sem uma decisão de tradução.

Ainda assim, lembremos que no livro em inglês (“The Structuralist Controversy – the Languages of Criticism and the Sciences of Man”) estava o texto traduzido do francês. A opção de tradução por *evento* já havia sido tomada antes da tradução brasileira, que, por sua vez, pelo menos nesse instante, não pode ser acusada de “infiel” ao texto que traduzira.

Para esta opção anglo-americana voltemos ao texto⁶⁸ deste livro anterior ao Prefácio: *O Espaço Intermediário – 1971* (no texto ING, *The Space Between – 1971*). Veremos que, lá, já se referiam à palavra *Eventos* (p. 13), em inglês *Events* (p. xii), ambos em itálico e com letra maiúscula. No texto a palavra relaciona-se à presença da

⁶⁷ (http://www.granddictionnaire.com/btml/fra/r_motclef/index800_1.asp).

⁶⁸ Richard Macksey e Eugênio Donato, pp. 9-13.

“Alteridade” (p. 12 sic), da “emergência” das “metáforas filosóficas da derrota”, lembradas assim como “suplemento”, “indício”, “simulacro”, “série”, “arquivo”, “errância” e similares”, em que o mais “conspícuo destes termos privilegiados tem sido *Diferença*”, em Derrida e Deleuze (cf. p. 13). *Evento* neste contexto parece querer, eventualmente, coletar algo em comum entre todos estes termos:

a impossibilidade de sustentar os marcos temporais e espaciais comuns aos conceitos filosóficos tradicionais. A tarefa dos pensadores, hoje, nesta atmosfera, parece, portanto, residir na possibilidade de desenvolver um discurso crítico sem identidade para sustentar conceitos, sem origens privilegiadas, ou sem uma temporalidade organizada para garantir as possibilidades miméticas de representação. As entidades fundamentais de tais sistemas, a esmo na descontinuidade radical, são os *Eventos*, que não podem ser explicados por idealidades transcendentais. (p. 13)

Macksey e Donato ainda ilustram quais seriam as continuidades desses eventos: “a necessidade de articular o que Said chamou de “os espaços vazios entre coisas, palavras e idéias” [Edward W. Said, “*Abecedarium Culturae*”, structuralism, absence, writing, *TriQuartely*, 20 (Inverno 1971), p. 38]”, ou ainda “desenvolver o que Foucault chamou de “une métaphysique où il n’est plus question de l’Un-Bon, mais de l’absence de Dieu, et des jeux épidémiques de la perversité”⁶⁹ (cf. p. 13). Em adição, parece que o título (*O Espaço*

⁶⁹ “Uma metafísica onde não está mais presente a questão de ser bom, mas da ausência de Deus e dos jogos epidêmicos da perversidade” (“Theatrum philosophicum”, *Critique* n° 282 (1970), p. 885).

Intermediário) e a epígrafe inicial deste texto (*Le présent est un coup de dès*⁷⁰ – Michel Foucault) também aludem e quem sabe justificam a opção por esses *eventos*, uma vez que ampliam o verbete.

Para além de um dicionário, *Événement* não pode desvincular de seu verbete suas particularidades com a filosofia (à espera de discussão), e, muito menos (para nosso momento), com a escrita disseminadora derridiana⁷¹. Não é aqui uma questão de encontrar qual o melhor termo, mas sim de alcançar as reverberações dos *eventos* que a tradução pode provocar, sobre os tempos, a qualquer tempo e leitura.

A palavra *jeu*, desde o início, foi a que mais peculiaridades de tradução apresentou ao longo dos textos. No título foi traduzida para o inglês como *play* e para o português como *jogo* em todos os três textos. No entanto, logo na primeira vez que aparece nos textos já vai se desenhando como “diferença”. Os tradutores ingleses traduziram como *freeplay* (pp.248-9) e sua tradução (BR2) foi como *liberdade interacional da estrutura* (p.260). Os textos PT (p. 102) e BR1 (p. 230) usaram *jogo*.

Embora ainda fosse a mesma palavra no FR (*jeu*, p. 410), em certo momento, no texto ING *jeu* é traduzido como *game* (p. 248). E, como remédio (ou veneno) para esse problema de tradução, colocou-se uma nota de rodapé (nº 3, p. 248) em que se transcreve *ipsis literis* o período em francês. Já os textos PT (p. 102) e BR1 (p. 231) mantêm normalmente a palavra *jogo*, sem notas.

⁷⁰ “O presente é um golpe do acaso”.

⁷¹ Como ilustração, veja nota de rodapé 91, à página 86, em que Derrida comenta sobre a tradução do termo *evento*.

Convém lembrar que o *texto em inglês* usava as notas de rodapé toda vez que se deparava com um problema de tradução⁷², enquanto o texto *traduzido do inglês* mantinha as mesmas notas do texto em inglês. A razão disso só poderia ser esclarecida pelos tradutores. Contudo, como esta dissertação visa a trabalhar com o que há “sempre ainda” para se dizer, isto permite considerarmos que nada termine, como, por exemplo, o fato de que não conseguimos contato com os tradutores dentro da única metodologia a que nos submetemos a entrevistar todos os envolvidos no processo. Apesar dos limites do molde acadêmico e dos editores, sempre haverá a possibilidade (esperança, promessa) de um posfácio, ou comentário.

Certamente, os problemas na tradução do inglês para o português foram, pelo menos em alguns momentos, diferentes dos encontrados do francês para o inglês. Isto indicaria alguns parênteses, ou entre aspas, para que se pudesse conseguir pelo menos o efeito das aspas “husserlianas”, já destacadas pelas aspas “derridianas” que sempre destacam e deixam em suspenso (para uma possível manifestação esclarecedora dos tradutores). A única coisa que poderíamos colocar, por ora, de forma especulativa, é que os tradutores teriam preferido (ou “sido impelidos a”, por questão editorial) se ocupar estritamente do texto em inglês, independentemente de que esta língua já fosse outra tradução (do francês, no caso).

Continuando, *Interplay* foi o termo usado no texto ING (p. 249) para a palavra *jeu* em outro momento (p. 411). Por sua vez, os tradutores do texto BR2 traduziram *interplay* como *interação*. Temos agora, sem rodapés, dois termos (*freeplay* e *interplay*) para uma mesma palavra. Temos também uma questão de significados. *Freeplay* foi

⁷² Este texto foi o único do livro no qual os tradutores ingleses (assim como os tradutores brasileiros, repetindo as notas inglesas) inseriram notas de tradução.

traduzido em BR2 como *livre interação*; já *interplay* foi traduzido como interação. No entanto, nesse caso, ou as palavras são sinônimas, ou a diferença está nos significados dos primeiros termos dessas palavras compostas (*free-* e *inter-*). O primeiro coloca a palavra *play* em liberdade, o segundo tem como significado *interação*⁷³. No inglês, observa-se a falta de um rodapé para explicar a opção de se traduzir *jeu* ora por *play* ora por *freeplay*. Em português, a única nota dos tradutores foi para esclarecer que as notas eram todas da tradução inglesa. Ao traduzirem *play* e *interplay* por *interação*, os tradutores acabaram por anular o termo *-inter*. Essa escolha, como toda, com olhos estruturalistas, geraria “perdas e “ganhos”. Contudo, seria impossível encontrar um lugar para se pensar em “perda” ou “ganho” aos olhos das desconstruções. Sua constante possibilidade de releitura sempre poderá passar pelo caminho dos comentários e justificativas, pelas margens do texto.

O jogo da decidibilidade sobre a palavra *jeu* continua ao longo do texto BR2. Os tradutores, na maioria das vezes, traduziram *freeplay* como *livre interação*. Em certo momento, em um mesmo parágrafo, usaram uma vez o termo *jogo livre* (p. 272) e depois voltaram a usar a tradução *livre interação* (p. 273).

Os tradutores ingleses, à página 248, traduziram *jeu* como *game*, que os brasileiros (BR2) traduziram como *jogo* (p. 261). Já em outro momento, a palavra *jeu* foi traduzida como *game or freeplay* (p. 262). Estes dois termos, em português (BR2), ficaram respectivamente traduzidos como *jogo ou livre interação* (p. 274). A palavra *freeplay*, que foi traduzida como *livre interação*, anteriormente havia sido traduzida como *jogo* (p. 260), o que veio, de certa forma, diminuir alguma diferença semântica entre *jogo* ou *livre interação*.

⁷³ Novo Michaelis Dicionário Ilustrado. Melhoramentos, São Paulo, 1994.

Os tradutores do texto ING colocaram, logo na primeira nota de rodapé, uma advertência explicando que teriam usado várias traduções para a palavra *jeu* ao longo do texto (*play, freeplay, interplay, game e stake*). O texto BR2, no entanto, curiosamente, omitiu esta nota.

Outras alternâncias de traduções para *jeu* ocorreram até o fim do texto, mas não são outra coisa senão a reiteração do relatado há pouco. Quanto aos textos PT e BR1, *jeu*, o tempo todo, foi traduzido como *jogo*.

Pudemos encontrar outras particularidades na análise entre os cinco textos que dizem respeito às opções de tradução. Algumas nos parecem problemas gráficos, como por exemplo traduzir-se *fini* (p. 423 – FR) por *infinita* (texto PT, p. 117). Talvez o erro tenha se dado devido ao jogo de palavras nesse parágrafo entre *finitude, infinité, finis, fini*, “jogo” que produziu na tradução do texto PT a seqüência *finitude, infinidade, finitos, infinita*. Não houve modificação alguma ao longo do texto que justificasse a tradução de *fini* como *infinita*. Mais uma prova de que houve mesmo um descuido de impressão é que este mesmo parágrafo é citado por Eduardo Prado Coelho em sua introdução ao livro em que consta o texto PT, sendo que lá, embora seja outro tradutor, está corretamente impresso como *finita* (p.XXX)⁷⁴.

⁷⁴ Conforme já dissemos, este texto foi traduzido por Antonio Ramos Rosa, enquanto a introdução ao livro *Estruturalismo – antologia de textos teóricos (Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos)* foi feita por Eduardo P. Coelho e sua tradução do parágrafo aludido é claramente outra. Enfim, no todo da obra devemos considerar que, em questão de traduções, ambas estariam corretas, pois tendo sido Prado Coelho o organizador da obra, este não aceitaria (acredito) uma tradução que fundamentalmente estivesse errada, e, ainda que “aceitasse o erro” na tradução de Rosa, não usaria justamente essa *diferença* de tradução para embasar seu texto de abertura do livro. Seria no mínimo uma indelicadeza, pois, se realmente houvesse duas traduções para o mesmo termo (*fini*), esta questão teria sido resolvida antes da publicação da obra. A tradução de Rosa conforme está impressa seria uma desvinculação do pensamento de Jacques Derrida ao estruturalismo proposto por Lévi-Strauss (em *Tristes tropiques*, p. 153), quando este diz que as sociedades humanas e os indivíduos – “nos seus jogos, nos seus sonhos ou nos seus delírios – não criam nunca de forma absoluta, mas se limitam a escolher certas combinações num repertório ideal que seria possível reconstituir” (Apud Coelho, p. XXXI). Caso Coelho usasse justamente o período de tradução

Embora a tradução do texto ING tenha sido *sumária*⁷⁵, há nele mais informações do que no próprio texto em francês, conforme podemos ver pelas 16 notas de rodapés, a partir de um texto sem rodapé algum. As notas destes tradutores ora apresentam referências bibliográficas, ora justificativas sobre suas escolhas de tradução. As construções feitas pela tradução ou de forma invertida ou através de outras palavras, em relação ao texto FR, não mudaram de modo significativo o conteúdo expresso.

A palavra *interdite* (do texto FR), traduzida como *interdicted* (p. 248 do texto ING), teve como rodapé várias opções que não seriam expressas em inglês nessa única palavra - *interdicted (forbidden, disconcerted, confounded, speechless)*. Em português (texto BR2), os tradutores usaram a palavra *interditada* (p. 261), enquanto no rodapé usaram: *proibida, perturbada, confusa, sem fala*.

As notas de rodapé 9 e 10 do texto ING tratam da dificuldade de se traduzir as palavras *supplée* e *supplément* (p. 423 do texto FR) como *supplementarity* e *supplements* (texto ING, p. 260) ou *suplementa, suplemento* (texto BR2, p. 273), termo que insere uma questão no pensamento derridiano, que estaria entre o *suprir* e o *suplementar*. O curioso neste rodapé é que, para os tradutores ingleses, ela não parece ser necessária quanto à questão de fidelidade na tradução, pois a própria nota diz que a palavra escolhida “tanto em francês quanto em inglês” tem duplo significado de “suprir uma deficiência” e de “suplementar algo”. A nota em inglês então serviu para chamar a atenção do leitor para este *jogo* de significados. Já no texto BR2 esta nota foi traduzida com a mesma informação. No entanto, em português, os tradutores não encontraram um termo que conseguisse abarcar esse jogo de significados (talvez nem exista ainda). A justificativa para esta ausência no

questionado, isto acarretaria um abalo no corpo da obra que organizou. Seria então uma desorganização, uma destruição, e, acredito, havendo uma outra intenção, seria difícil de entendê-la como uma *desconstrução*.

⁷⁵ Entendemos este termo “sumária” como pelo menos em dois sentidos: resumida e rápida.

português foi a colocação da nota em inglês. A colocação de notas, oriundas de uma “tradução da tradução”, tanto podem ajudar como confundir o leitor, o que vai depender do conhecimento e da leitura de cada um. Contudo, a ausência de um termo que desse, “classicamente”, conta, de forma absoluta, de traduzir este jogo de significados, casa-se em língua portuguesa com a ausência de uma justificativa própria. A medida tomada parece uma tentativa, como se fosse possível, de “identificar” problemas de tradução entre duas línguas (o francês e o inglês) com os problemas para a tradução do português. Depois disso então, “transferir” e resolver as dificuldades. Aceitar esse tipo de medida seria como aceitar a possibilidade de um mecanismo estrutural, que perpassasse as línguas de forma universal, seria a aceitação irrestrita de uma teoria próxima às idéias chomskianas.

O fato dos tradutores de BR2 manterem as notas dos primeiros tradutores (do texto ING) é um constante reforço ao juízo que emitimos acima. Haja vista às notas de rodapé 14, 15 e 16, que mantêm em francês períodos traduzidos para o inglês no corpo do texto ING. O texto BR2 traduz para o português no corpo do texto e mantêm nos rodapés o texto em francês. Teoricamente diríamos que estas medidas parecem acreditar na “invisibilidade” do tradutor, conforme exposta em Venuti. Não só o tradutor, como também a língua portuguesa prestam-se a um papel de invisibilidade diante do texto.

Sabemos que o texto de Derrida era somente um entre muitos outros constantes no livro “The Structuralist Controversy – The Language of Criticism and the Sciences of Man”, e que se tratava de um texto lido em um colóquio realizado nos Estados Unidos, onde se discutiu o estruturalismo e se difundiu o pós-estruturalismo. Talvez então, pelo fato de que este texto fazia parte de um evento maior, os tradutores optaram por fazer uma tradução respeitando até mesmo os rodapés da língua inglesa, sem se manifestarem em momento algum, senão ao dizer que manteriam as notas de tradução em inglês. Talvez por

isso não se referiram, em momento algum, ao texto de Derrida, então já traduzido duas vezes em língua portuguesa, ambas a partir do texto em francês (FR). Talvez essa tentativa de “fidelidade” também não se referisse a nada disso, mas sim a uma delimitação editorial, como é comum acontecer no mercado brasileiro, até mesmo a partir das cláusulas dos próprios contratos das editoras com os tradutores.

Ao final do texto ING há também uma transcrição da discussão levantada após a leitura da conferência proferida por Derrida, para a qual não houve notas de rodapé. Esta transcrição destaca o fato de que um texto sempre será outro a cada leitura; o “*original*” aqui são pelo menos dois (ou mais: aquele em francês, que foi apresentado de forma verbal, mas que certamente foi escrito antes, e o texto em inglês (ING), transcrição do primeiro, mas o primeiro a ser apresentado por escrito, aparentemente antes do texto em francês) em (pelo menos) dois momentos diferentes.

Além do momento acima citado, somente mais uma vez demarcamos a separação entre o texto verbal e o escrito. Dá-se à página 113, quando os tradutores pedem que o leitor se volte à chamada do texto (p. 101) para explicar a razão de Derrida ter colocado *ler*, em vez de *escrever*. Esta nota mostra que Derrida havia adaptado seu texto, a ser publicado em “L’Écriture et la différence” em 1967, para a apresentação anterior, na conferência que se realizaria em outubro de 1966. Os tradutores preferiram então manter essa diferença.

O texto em PT também se serviu de notas de rodapé. Estas foram numeradas de página a página e não como um corpo dentro do texto. A primeira (p. 101) é a referência à origem do texto (traduzido de “L’Écriture et la différence”). Duas notas de rodapé (p. 111 e 118) salientam que textos citados por Derrida estão contidos nessa mesma coletânea (“Estruturalismo – antologia de textos teóricos”).

Um fato digno de nota é que Derrida é o único dos autores da coletânea que citou, em sua leitura, textos que estão inseridos no livro. Pensamos em duas possibilidades de justificativas para isto: ou isto foi uma coincidência, ou Derrida estava bastante envolvido na discussão que se organizou pelos textos coletados. Para esta última, podemos retornar às discussões anteriores sobre a formação do pensamento derridiano em língua portuguesa e pensar que Derrida pode ter servido como uma figura-chave na discussão sobre o pós-estruturalismo em Portugal, por exemplo, influenciando em leituras que formaram, pelo menos, a própria coletânea. Aceitando esta influência, poderíamos, especulativamente, porque sem o aval das entrevistas com o tradutor e (neste caso principalmente) com o organizador da coletânea, dizer que o texto de Derrida provocou uma discussão a partir do interior do próprio processo em que as coisas ocorriam (isto é, dos textos), condição, segundo Derrida, para que a desconstrução se opere.

Somente três notas referem-se a questões de tradução (pp 120 e 122). A primeira remete-se à palavra *résomption* (em FR) por *ressunção*. As outras duas tratam de palavras fundamentais no vocabulário derridiano. Traduziram *trace* (de FR) como *marca* e *différance* (de FR), como *diferença*. É preciso que destaquemos que a nota de rodapé que procura explicar o conceito da palavra *trace* (p. 122) foi uma nota do editor (Eduardo Prado Coelho), e não do tradutor.

O texto de Derrida mais traduzido em língua portuguesa serviu não só como introdução de um leitor, como também de um tema inicial ainda no mundo todo: a crítica ao estruturalismo e as posições pós-estruturalistas. A partir de 1968 começamos a ver, em língua portuguesa, questões que ainda estavam aflorando na Europa, o que veio, de certa

forma, a contrariar a idéia clássica e temor dos países de Terceiro Mundo em serem colonizados por práticas ultrapassadas nas metrópoles colonizadoras⁷⁶.

⁷⁶ Santiago (2000) denuncia este temor da América Latina “colônia” ao mesmo tempo em que relata o renascimento colonialista, a partir da cópia do colonizador, produzindo seu texto próprio. Citou, inclusive, historicamente, Lévi-Strauss em “Tristes tropiques”, dizendo que “os trópicos são mais exóticos do que fora de moda” (p. 96). Afirma o reconhecimento do latino-americano em recorrer ao texto primeiro, mas conclui que “o conhecimento é concebido como uma forma de produção. A assimilação do livro pela leitura implica já a organização de uma práxis da escritura” (p. 25). Este texto de Santiago, que foi escrito em 1978 e está entremeado pelo Derrida “recente” àquela época, é mais um rastro do caminho percorrido pela leitura derridiana no Brasil. Os efeitos que a desconstrução exerce estão inseridos na leitura de Santiago, mas certamente começaram a influenciar o Brasil já a partir destas traduções.

2. A Escritura e a diferença

Este é o primeiro livro de Derrida traduzido em língua portuguesa, já parcialmente contemplado pelas análises feitas anteriormente no texto *A Escritura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*.

De início, façamos um apanhado geral da tradução em relação ao texto em francês. Há três capítulos constantes neste e não publicados nessa tradução, em nenhuma de suas edições (1971, 1995 e 2002). Os capítulos do “original” francês não traduzidos para o português foram: capítulo 2 - “*Cogito et histoire de la folie*”; capítulo 4 - “*Violence et métaphysique - Essai sur la pensée d’Emmanuel Levinas*” e capítulo 9 - “*De l’économie restreinte à l’économie générale - Un hegelianisme sans réserve*”). A tradução acaba propondo uma ordem dos textos diferente daquela apresentada em francês, conforme apresentamos no quadro a seguir:

Capítulos da Edição francesa

- 1 – *Force et signification*
- 2 – *Cogito et histoire de la folie*
- 3 – *Edmond Jabès et la question du livre*
- 4 – *Violence et métaphysique*
- 5 – “*Genèse et structure*” et la *phénoménologie*
- 6 – *La Parole soufflée*
- 7 – *Freud et la scène de l’écriture*
- 8- *Le théâtre de la cruauté et la clôture de la représentation*
- 9 – *De l’économie restreinte à l’économie générale – Un hegelianisme sans réserve*
- 10 – *La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*
- 11 - *Ellipse*

Capítulos da Edição brasileira

- 1 – *Força e significação*
- 2 – *Edmond Jabès e a questão do livro*
- 3 – *Elipse*
- 4 – “*Gênese e estrutura*” e a *fenomenologia*
- 5 – *A palavra soprada.*
- 6 – *O Teatro da crueldade e o fechamento da representação*
- 7 - *Freud e a cena da escritura*
- 8 – *A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*
- 9 - *Bibliografia*

Com normas editoriais diferentes, a bibliografia é a penúltima página da edição francesa e não está listada em seu sumário, que fica à última página; já a tradução brasileira cita a página da bibliografia em seu sumário, sendo esta a primeira página após a folha de rosto (p.7). A bibliografia, que na tradução ocupa a última página, mantém os nomes dos textos em francês. Outra particularidade é que, embora a tradução não publicasse os capítulos 2, 4 e 9 da edição francesa, ainda os manteve citados em sua bibliografia, do mesmo modo que em “L’Écriture et la différence”.

Podemos entender todas estas questões apontadas até aqui como questões editoriais, sendo esta última um claro descuido. No entanto, as inversões feitas entre os capítulos e os textos não constantes implicam em posições de leitura e tradução para serem discutidas. Um ponto de partida para nós seria se entendêssemos essas inversões como atitudes tradutórias, e, se assim o fossem, poderiam estar, de certa forma, *autorizadas* pelo contexto de Jacques Derrida, como por exemplo ao nos remetermos à entrevista que esse pensador concedeu a Henri Ronse, em 1967 (*Implicações*, publicada em “Posições”, trad. 1975, pp 11-23). Para Derrida, um livro sempre se dirige a outro. Derrida questiona a própria ordem em que publicara seus livros, considerando “*De la grammatologie* como um longo ensaio articulado em duas partes (cuja soldadura é teórica, sistemática e não empírica), *no meio* do qual podemos inserir *L’écriture et la différence*”, ou ainda “inserir *De la grammatologie no meio de L’écriture et la différence*” (idem, p.11-12); indica também que *La voix et le phénomène*, assim como sua introdução à *L’origine de la géométrie*, de Husserl, ligam-se a *De la grammatologie* e à *L’écriture et la différence*. Sua obra se desloca em textos, e “todos estes textos (...) são indubitavelmente o prefácio interminável a outro texto que (...) gostaria de ter um dia a força de escrever, ou ainda a epígrafe a um outro de que (...) nunca teria tido a audácia” (idem, p. 13).

Mas, ao nos resvalarmos por este novo deslocamento na ordem da tradução, nos lembramos de que a divisão proposta por Derrida de inserir “Gramatologia” no meio de “A Escritura e a Diferença” se daria a partir do texto *Freud e a cena da escritura*. Porém, a *nova ordem* (ou *deslocamento*) proposta pela tradução em língua portuguesa não “obedece” à sugestão de Derrida, dada a inversão dos capítulos em relação à obra em francês, conforme citamos anteriormente.

Podemos ver pela *bibliografia* que Jacques Derrida usara a ordem cronológica para apresentar a seqüência entre os capítulos, exceto para o penúltimo e último capítulos, que, assim, estariam invertidos. Mas a mesma biografia tece o seguinte comentário a respeito das datas:

Pela data destes textos, desejaríamos observar que, no momento de lê-los para reuni-los, não podemos mais manter a mesma distância em relação a cada um deles. O que aqui permanece como *deslocamento de um problema* forma certamente um sistema. Por alguma *costura* interpretativa, teríamos conseguido desenhá-lo depois de pronto. Nós, porém, deixamos aparecer somente o pontilhado, arrumando nele ou abandonando esses brancos sem os quais nenhum texto jamais se propõe como tal. Se *texto* quer dizer *tecido*, todos esses ensaios obstinadamente definiram sua costura como *alinhavo*.
(1971, p. 252)

O fato do autor não poder “manter a mesma distância em relação a cada um” dos textos quanto ao intervalo de tempo fortalece a relação entre os mesmos, de modo que retirar qualquer um do conjunto da obra poderia incorrer em riscos ao resultado final da

tradução. Contudo, Derrida assume a formação do sistema ordenador do livro como oriundo de uma “*costura* interpretativa”, que se alinhavou “abandonando esses brancos sem os quais nenhum texto jamais se propõe como tal”, brancos referidos já na epígrafe inicial, que cita o prefácio do poema *Coup de dés*, de Mallarmé. (“o todo sem mais novidade senão um *espaçamento* de leitura” [grifo meu], *ibid.*, p. 9).

Pelo viés da interpretação, vê-se um outro *alinhavo* aos textos, cujo objetivo não poderíamos precisar sem uma entrevista com a tradutora. A ausência dos textos da tradução e a inversão dos capítulos, venha de onde veio (da tradutora ou da editoria) tem diante de si o fantasma da incompletude, que, mormente tudo fosse seguido a fim de que a tradução fosse a mais “absolutamente completa”, a falta de algo existiria, uma angústia entre aspas ou parênteses. Seria um branco; não só o branco da página de Mallarmé, mas o do vazio, o do espectro.

Todo texto, como alinhavo e rascunho, contém seus espectros. São formas e ilusões especulares, que passam como a miríade de uma casa de espelhos, quebrados de forma indefinida, mas que se assemelham ao cuidado com que um prisma produz suas variações. Porém, neste interior (um lugar em que não se faz opção nem por uma coisa, nem por outra), o reflexo que se assume é aquele que o olho resume, em posição in-cômoda, em nosso resumo agora, marcado pelos reflexos do vazio dos três textos faltosos, como alinhavo do arremate.

Quem sabe por outro lado (ou talvez pelo (s) mesmo (s)) fôssemos considerar como uma certa ordem aquilo que poderia se justificar pela abrangência da palavra *différance*, forjada com “aspas” inicialmente propostas pela fenomenologia husserliana, ou com os “brancos” que “desde Mallarmé assumem a importância em qualquer texto” (*ib.*, p.11). Ainda assim, faremos um brevíssimo apanhado de temas constantes nos três capítulos não

inseridos na tradução para, então, deixar à discussão sua função a-fora⁷⁷ do texto e a atitude de não se colocar os três textos e de se inverter a ordem dos capítulos: se autorizado ou abusado.

Cabe, previamente, ressaltar que a tarefa proposta não tem a intenção de aprofundar-se nas várias questões (filosóficas, psicanalíticas, lingüísticas, entre outras) suscitadas nos três capítulos. Entre outros⁷⁸, Evando Nascimento⁷⁹, por exemplo, reconhece que dar cabo de questões filosóficas, como a proposta por Haddock-Lobo⁸⁰, é “por definição, impossível”. Buscaremos somente alinhavos desse livro como um grande “tecido”, ou texto.

O texto “*Cogito et histoire de la folie*” (1963) augura um acontecimento⁸¹ sobre outro. Trata-se de uma análise que Derrida faz de parte de um livro (em especial do prefácio) de Michel Foucault (“*Folie et déraison – Histoire de la folie à l’âge classique*”, 1961). Considerando-se como discípulo de Michel Foucault, Derrida louva, admira e discorda. Louva e admira a forma com que Foucault analisa a loucura, isto é, do ponto de vista da loucura, e não do ponto de vista da psicanálise, devolvendo à loucura o seu direito. Contudo, admira e questiona o fato de que um discurso da loucura somente se daria ou pela

⁷⁷ Queremos com este hífen continuar o jogo constante que emaranha toda a obra derridiana, para assim questionarmos a ausência dos três textos, que, mesmo estando – por ocasião – *fora* da tradução, não estariam - de fato – separados, mas sim disseminados pelos textos *afora*.

⁷⁸ André de Faria Pereira Neto, apresenta, em seu ensaio (*Foucault, Derrida, e a história da loucura: notas sobre uma polêmica*, in: “Cad. Saúde Pública”, Julho/Setembro 1998, vol. 14, no.3, p. 367-641., http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1998000300022&lng=en&nrm=iso). ISSN 0102-311X.), “uma agenda de pesquisa sobre este interessante episódio da história das idéias contemporâneas” que foi a polêmica suscitada por Derrida diante do livro de Foucault “*Folie et déraison. Histoire de la Folie à l’âge Classique*”, a que nos referiremos a seguir. Pereira Neto encerra o ensaio dizendo que “pretendíamos tão-somente propor uma agenda de pesquisa sobre uma temática *tão complexa* quanto instigante”[grifo nosso].

⁷⁹ http://www.puc-rio.br/editorapucRio/materia_existencia-infinito.html

⁸⁰ Nascimento coloca que Haddock-Lobo, em seu livro (“Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas”), “procura dar conta de uma tarefa colossal: refletir os pensamentos de Heidegger e sobretudo de Lévinas, tendo como referência desconstrutora os textos de Derrida”.

⁸¹ Evento? Événement? Event?

linguagem do silêncio, já contaminado e preso dentro de uma ordem que impõe uma dosada aversão a qualquer mutismo, ou seguindo-se o louco “no caminho do seu exílio” (“Jacques Derrida - Michel Foucault - Três tempos sobre a história da loucura” Relume Dumará, 2001, p.18). Assim, repete-se a estrutura da Razão, sendo que não se pode “apelar contra ela a ninguém menos do que [a] ela mesma” (idem, p. 19). André de Faria Pereira Neto resume que

No nosso entender, a periodização adotada e a metodologia proposta por Foucault para a elaboração de uma história da loucura foram as duas questões, presentes no prefácio, que polarizaram as críticas de Derrida. Houve ainda uma polêmica entre os dois pensadores contemporâneos sobre a interpretação que Foucault deu às *Meditações*, de Descartes (opus cit).

Para Derrida, Foucault teria feito uma abordagem estrutural de Descartes, isto é, Foucault teria feito a mesma abordagem estruturalista que criticou em Descartes. Charlotte Fonrobert⁸² diria que Derrida atribui a Foucault um tipo de estruturalismo pós-moderno. Esta intervenção de Derrida gerou um *terceiro texto*, que poderia, como de fato o fez⁸³, levar a quarto (s) *texto (s)*⁸⁴.

⁸² Textual reasoning – The Postmodern Jewish philosophy network. Response to Aryeh Cohen, Towards an Erotics of Martyrdom, in: The Journal of Textual Reasoning Vo. 6 – Fevereiro, 1997. http://etext.virginia.edu/journals/tr/archive/pmjp/pmjp6_1b.html

⁸³ Faço alusão aqui ao debate iniciado por Derrida através de crítica ao livro (e em especial ao seu prefácio) “Folie et déraison – Histoire de la folie à l’âge classique” (1961). O texto de Derrida *Cogito et histoire de la folie* gerou uma resposta de Michel Foucault, intitulada *Réponse a Derrida*, na forma de posfácio à segunda edição de seu livro (1972), a partir de então já sem seu prefácio, mas sem modificação alguma no interior do livro desconstruído pela leitura derridiana. A seguir, J. Derrida e M. Foucault tiveram suas relações interrompidas até que, em 1981, Foucault mobiliza intelectuais franceses em favor da liberação de Derrida da prisão em Praga, onde tivera sido detido quando ministrava seminário para dissidentes. Michel Foucault morreu em 1984 e somente em 1991 Derrida retoma o debate na conferência *Faire justice a Freud – L’histoire de la folie à l’âge de la psychanalyse* (Editions Galilée, 1992, in: “Penser la folie: essais sur

No quarto texto, ou capítulo, em francês (“*Violence et métaphysique - Essai sur la pensée d’Emmanuel Lévinas*”) Jacques Derrida aponta desde o início pontos de convergência e divergência entre Lévinas, a fenomenologia de Husserl e a ontologia heideggeriana.

Evando Nascimento (opus cit), em sua resenha sobre o livro de Haddock-Lobo (“Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas”), expõe que Lévinas teria sido um “seguidor ambíguo” de Heidegger, que, embora reconhecesse a necessidade de sua ontologia, apontou nela limitações reflexivas, pois, para Lévinas, “a questão do Ser ainda é excessivamente abstrata e não dá conta do viver cotidiano do homem em permanente relação com o mundo em torno, pois este mundo é sempre apresentado como inautêntico, vulgar, precário, inessencial”. Para Lévinas, então com sua “virada ética” no interior do pensamento heideggeriano, “o homem só pode ser suficientemente pensado, sem cair na abstração metafísica, se der conta da alteridade concreta do outro”. Assim, o pensamento de Lévinas chegou ao século XX como o pensamento da alteridade efetiva e, ao mesmo tempo, radical. Haddock-Lobo mostra que, através de *Violência e Metafísica* e outros textos de Derrida, “a alteridade de Lévinas ainda guarda algo da ontologia heideggeriana”.

Michel Foucault)”. O acontecimento gerou, em português, outro evento inédito: a edição do livro *Jacques Derrida- Michel Foucault - Três tempos sobre a história da loucura* (Org. Maria Cristina Franco Ferraz Relume Dumará, 2001). Nessa época, o texto *Cogito et hitoire de la folie* foi traduzido para o português por Pedro Leite Lopes.

⁸⁴ Aqui, brevemente, colocamo-nos diante de outro jogo, ou ato, que não se trata somente de palavras. Trata-se de uma animação simulada em pelo menos duas outras, deste evento a-fora, que não se esgotam, enquanto reforçam esse jogo. Aquilo a que nos referimos no rodapé anterior já é a primeira e uma das simulações deste jogo desconstrutivista, que provocou um acontecimento em pelo menos três atos, mas que, até o presente momento não contém sua *síntese*. Enquanto o discurso foucaultiano se deu pela dialética hegeliana (que Derrida (*Cogito e história da loucura*, p. 34) critica ter sido usada por Foucault mas nunca admitida em seu “Folie et déraison”), a controvérsia em três atos ocorre para além da/na tripartite dialética, propondo outras simulações, “quartos textos”, entre aspas, para postergar e proteger qualquer im-possibilidade. Esses quartos textos podem representar espectros, simulacros, mas são também a emancipação do texto “original” para a identidade do leitor. Para que as aspas sustentem essa torrente inevitável de *fora do texto*, lembremos Spivak (apud Ottoni, 2005, p. 146) quando diz que se “(con) fundem o seu papel, de um lado, como tradutora, e, de outro, como autora do que traduz.”

Evando conclui dizendo que Derrida, “herdeiro fiel e traidor tanto de Heidegger quanto de Lévinas”(pois Derrida, diferentemente de Lévinas, teria efetivamente conseguido realizar o parricídio), através de sua desconstrução, “abre caminhos para a alteridade efetiva e radical, como a meu ver nenhum dos dois havia feito”.

Para nós um dos elos mais fortes desse ensaio de Derrida sobre Emmanuel Lévinas com o conjunto do livro “A Escritura e a diferença” seria justamente esta questão da alteridade. Para Lévinas, a única não violência encarnada seria o respeito ao outro, um respeito imediato pelo próprio de si. Esta alteridade estaria ligada à questão do humanismo.

Derrida situa Lévinas quanto à fundação da metafísica, pois teria encontrado, no retorno para as próprias coisas, a raiz comum entre o humanismo e a teologia: a semelhança entre o homem e Deus, a visão do homem e a face de Deus. Daí o discurso com Deus e não sobre Deus e seus atributos como teologia. A face de Deus desaparece para sempre ao mostrar-se. A face total de Deus é a pessoa total e a presença total da “fala, eterna face a face com Moisés”, que só teria visto Deus pelas costas. Derrida liga esse texto ao terceiro capítulo do livro “L’Écriture et la Différence” (*Edmond Jabès et la question du livre*), dizendo que Lévinas subscreveria a frase de Edmond Jabès, no “Livro das questões”, “todas as faces são Dele; isto é porque ele não tem face alguma”. (p. 160)

Se o rosto é corpo, é mortal. Deus não pode ser visto em um rosto, mas no rosto do infinitamente outro. Deus não é morte, é desde sempre entendido como vida e verdade do Infinito, da Presença Positiva. Se Deus é nada, porque é tudo, isso significa que Deus é ou aparece dentro da diferença entre tudo e nada, vida e morte. Esta diferença é o que se chama história e é onde Deus está inscrito.

Este enlace entre a alteridade e a diferença, a inscrição de Deus através do rosto do infinitamente outro, coloca *Violência e metafísica* inserido no contexto de “A Escritura e a

Diferença”. Contudo, pela própria genealogia de cada um dos textos deste livro (com exceção de *Elipse*, cuja data não consta na bibliografia), não há impedimento de que esse texto possa ser lido separadamente. Patricio Peñalver, em *Dos heterologías. El pensamiento sin el ser en Lévinas y en Derrida*⁸⁵, questiona o ensaio *Violência e Metafísica* da seguinte forma:

Por outro lado, para precisar a coisa, embora não o possamos fazer aqui, teria-se que estabelecer, sistemática e historicamente, em que sentido e em que medida o ensaio citado pertence à fase e estrato pré-gramatológico de “A Escritura e a Diferença”. Isto dito, por sua vez, nos levaria quem sabe a me atrever a qualificar como um “momento regressivo” de *Violência e Metafísica* com respeito à abertura levada a cabo por “Totalidade e Infinito”.

No capítulo 9, “*De l’économie restreinte à l’économie générale - Un hegelianisme sans réserve*”), Jacques Derrida aborda Georges Bataille com sua “economia geral”, em oposição a uma “economia restrita”, encontrada em Hegel. Há uma cumplicidade sem reservas (ou incondicional) com Hegel, que o leva a sério, sem objeções, até o fim.

Segundo Marko Zlomislic⁸⁶, Derrida teria dito⁸⁷ que “a economia é de certa forma uma idéia baseada no ato de ser o “mesmo”, o *oikos*, aquilo que permanece dentro da ‘casa’ do mesmo”. Uma economia que é baseada no mesmo é restrita. Derrida argumenta que uma

⁸⁵ In: “Argumentos de alteridad. La hipérbole metafísica de Emmanuel Lévinas”, Madrid, Caparrós Editores, 2000, pp. 195-215. Nossa leitura deu-se pelo site <http://personales.ciudad.com.ar/Derrida/edn1>

⁸⁶ *Derrida and the ethics of Community*, in: Labyrinth, vol. 3, Winter 2001. <http://labyrinth.iaf.ac.at/2001/Zlomislic.html#ftnref8>

⁸⁷ Raoul Mortley, “French Philosophers in Conversation”, p. 99, London, Routledge, 1991, apud Zlomislic, p.2.

economia geral “destacaria outra dimensão da *différance*, que é, em contraste, aquela de absoluta heterogeneidade, e, portanto, de alteridade, de alteridade radical”⁸⁸.

Esta alteridade alinhava mais um capítulo de “L’Écriture et la différence”. A economia restrita não aceita a alteridade, já a economia geral é o contrário.

Bataille reconhece que não se pode extrair conceitos de Hegel, manipular proposições isoladas ou rascunhar efeitos deles para transporte em um discurso estranho a elas. A dominação histórica de Hegel deixa todos os “monstros” dormindo. Tanto Bataille quanto Derrida atentam para que se abra os olhos da razão contra a cegueira, mesmo que isso seja um risco de morte. A filosofia de Hegel “antecipa todas as figuras do seu além, todas as formas e recursos de seu exterior”, a fim de “manter essas formas e recursos próximos de si, simplesmente usando a enunciação” (“L’Écriture et la différence”, p. 370).

Tanto Bataille quanto Derrida buscam uma terceira via, que se oponha à oposição binária que se busca manter constante (mestre/escravo; senhor/servente). Quem sabe um riso do hegelianismo, não como indiferença, mas como uma forma de se acordar para uma disciplina e um método de meditação que reconheçam os caminhos secretos do filósofo, entendam seu jogo, usem suas estratégias e se apropriem de seus textos.

Victor Grauer⁸⁹ argumenta que Bataille, neste capítulo, é tão ligado à transgressão quanto Artaud, em *A Palavra soprada*, citando que é devido a

“uma tendência necessária de todos os discursos destrutivos: eles devem habitar as estruturas que eles demolem, e, dentro delas, eles devem resguardar

⁸⁸ Opus cit.

⁸⁹ Em uma leitura crítica do livro “Formless: A User’s Guide”, in: “Other Voices”, vol. 2, n.2, Março 2002. <http://www.othervoices.org/2.2/grauer/index2.html>

um desejo indestrutível pela presença total... a transgressão da metafísica.....
sempre arrisca o retorno à metafísica.” (p. 194)⁹⁰

Embora digamos que os três capítulos ausentes na tradução brasileira fazem parte do corpo da obra, também devemos admitir que a força do *hors livre* proposta por Derrida permite que seus textos sejam lidos de forma separada. A negação desta possibilidade seria, ao mesmo tempo, o não entendimento da obra derridiana e a não aceitação do próprio movimento que defendemos por meio desta dissertação.

Três capítulos que representam três momentos distintos, três *eventos*, no sentido que Derrida dá a este termo⁹¹, mas também como acontecimentos, ocorridos em três momentos diferentes⁹².

Acreditamos ser praticamente im-possível⁹³ ler Derrida em somente um texto. Um texto (in-traduzível que valha a pena ser traduzido) nunca é unicamente um. Mas também é

⁹⁰ “Writing and Difference”, traduzido por Alan Bass. Routledge & Kegan Paul Ltd, London, 1997.

⁹¹ In: *Derrida, Hegel, and the Language of Finitude*, Jan Mieszkowski, cita em uma nota a conceitualização que Derrida dá ao termo *evento*. “O evento é aquilo que chega e, ao chegar, chega a me surpreender, a surpreender e a suspender a compreensão: o evento é antes de tudo aquilo que eu primeiramente não compreendo. Ele consiste naquilo *que, que* eu não compreendo: *aquilo que* eu não compreendo e primeiro de tudo *o que* eu não compreendo, o fato de *que* eu não compreendo: minha incompreensão. Esse é o limite, imediatamente interno e externo, no qual eu gostaria de insistir aqui: embora a experiência de um evento, o modo de acordo com o qual ele nos afeta, clame por um movimento de apropriação (compreensão, reconhecimento, identificação, descrição, determinação, interpretação na base de um horizonte de antecipação, conhecimento, nomeação e assim por diante), embora este movimento de apropriação seja irreduzível e inelutável, não há evento algum que valha este nome, exceto se, na medida desta apropriação vacile em alguma borda ou fronteira. Uma fronteira, contudo, com nenhuma fronte ou confrontação, que não vire de ponta cabeça desde que não tome a forma de uma fronte sólida: ela escapa, permanece evasiva, aberta, indecisa, indeterminável.” (“Philosophy in a Time of Terror”, pp. 90-91).

⁹² O capítulo 2 foi uma conferência pronunciada em 04 de março de 1963; o capítulo 4 foi publicado na *Revue de métaphysique et de morale*, 1964, 3 et 4; o capítulo 9 foi publicado em *L’Arc*, em maio de 1967. Este último foi o único capítulo do livro que não seguiu a ordem cronológica da obra. Pela data, deveria ser o capítulo 8, anterior ao capítulo *La Structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*, este ocorrido em conferência de 21 de outubro de 1966.

⁹³ Para esta palavra assim hifenada, queríamos escrever assim: *in-possível*, para que tivéssemos vários efeitos: *impossível, dentro do possível, possível*.

uno, um evento que precisa ser reconhecido, agradecido, e, ao mesmo tempo, suplementado, ser colocado em vigília pelas releituras.

Reside nesse suplemento a relevância que damos às justificativas. Uma nota do tradutor, às margens do texto, não se dará no vazio, mas como outro acontecimento e como parte do *evento em si*; no conjunto da obra do outro, o tradutor preenche esta falta de si no local reservado para o vazio do outro (e de si).

Mas será que sempre se cabe (ou se pode) uma justificativa? Caso coubesse, arriscaríamos uma nota, que poderia rever muita coisa do que foi dito aqui e estaria baseada no seguinte enredo: em resposta à entrevista em que questionamos sobre a ausência desses três textos, a Editora Perspectiva respondeu da seguinte forma: “devo esclarecer que realmente os três textos arrolados haviam sido retirados do original por sugestão do Conselho Editorial, porém, estão traduzidos e na próxima reimpressão do título serão adicionados ao mesmo”.

Deixamos esta nota para o fim porque ela veio justamente suscitar toda a discussão até aqui colocada, não somente neste trabalho. Como parte de um encerramento, ela é justamente sua postergação através de uma abertura para novas discussões e análises, apenas à coleta de dados a que nos propomos.

3. Gramatologia

Todo o percurso da presente análise deu-se pelas notas de rodapés dos tradutores Renato Janine Ribeiro e Miriam Schnaiderman, que parecem ter sempre buscado dirimir as dúvidas e contribuir com a leitura da obra e seus possíveis sentidos. Já no início (p. 3), os tradutores declaram ter optado por traduções brasileiras, muitas vezes tendo que alterá-las em função de seu trabalho tradutológico. A mera citação das obras traduzidas para o português já contribui para a criação de um arquivo de referências⁹⁴ para a discussão das questões levantadas. Por várias vezes notamos o trabalho didático de instrução de leitura. Como exemplos, podemos citar: a) à página 8, a sugestão de leitura de *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, em “A Escritura e a diferença” (1971); b) à página 18, a informação de que a questão suscitada no livro teria sido desenvolvida em outro artigo (*la pharmacie de Platon*, publicado na revista *Tel Quel* em 1968, e, em 1972, “reunido em ‘La Dissémination’”); c) à página 55, ao apontar que tal passagem no livro referia-se à obra de Freud, “A Interpretação dos Sonhos”.

A opção pela bibliografia brasileira também contribuiu para solidificar uma discussão a respeito da aceitação ou recusa de termos usados pelos outros tradutores. Isso cria vínculos ao mesmo tempo em que, ao reutilizar os termos, os questiona, coloca à prova ou reitera. Como exemplo citamos a adoção que Janine Ribeiro e Schnaiderman fizeram dos neologismos usados por Carneiro Leão (pp.28-9) e o uso do termo *diferência* (p. 29), já utilizado por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, em “A Escritura e a Diferença”, além de algumas reiteraões de termos usados, adaptados ou criados pelos tradutores.

⁹⁴ Vide, por exemplo, à página p. 67 (p. 80 da edição em francês), quando os tradutores informam sobre a existência de uma tradução brasileira da obra citada.

Uma das coisas que de certa forma autorizam e ao mesmo tempo impulsionam essas reiteraões, essa formação de um acervo para desenvolver-se de forma crítica um pensamento em tradução, sempre em desconstrução, já é apresentada pelo próprio Derrida, por exemplo, quando cita o texto *Ousia et grammè* (p. 88 da tradução), que viria a ser publicado pela primeira vez em 1968 e depois definitivamente no livro “Marges de la philosophie” (1972). Derrida faz uma relação de in-dependência entre seus textos.

Isso nos leva a uma relação de conexões, que talvez seja devido a uma certa humildade, ou ao fato de assumir uma inevitabilidade: o reconhecimento de que ninguém tem domínio sobre seu texto (uma vez que toda tradução – inevitavelmente – mostra marcas pessoais do tradutor). Mas deixa também uma esperança: a de que seu texto, de certa forma, margeie o que sua pena busca, desta feita em outra caligrafia, que na verdade nada mais é do que a sua própria, reconhecendo-se e sendo reconhecida.

Essa tradução pode ser também um claro exemplo da enorme e minuciosa tarefa de leitura a que se dispõem os tradutores, chegando a proceder à análise de mais de uma edição de “De la grammatologie”. A nota dos tradutores da página 320 (p. 373 FR) aponta que as impressões do texto em francês anteriores à edição de 30-IX-1970 incorriam em erro gráfico, escrevendo *proibição* no lugar de *não-proibição*. A nota da página 331 (p. 383 FR) também mostra a comparação pormenorizada do livro em suas várias edições. Os tradutores buscam todas as manifestações através dos rodapés, indicações, citações e comentários do autor, para então inteirar-se das questões intelectuais e culturais, sempre “fora do livro” (ou livro “a-fora”). A enormidade da empresa de uma tradução, ou ainda, da tradução da desconstrução, por necessidade (ou Necessidade⁹⁵) eventualmente (de *evento*?)

⁹⁵ Ribeiro e Schnaiderman (p. VII) usaram ora *necessidade*, ora *Necessidade*, sendo o primeiro termo para traduzir *besoin* (“exigência nascida da natureza ou da vida social; estado de privação”) e o segundo traduziu

cria um vínculo permeado pelos interesses em comum que estimulam movimentos e mesmo acontecimentos (ou eventos)⁹⁶, que podem ser inaugurados a partir de um rodapé, uma justificativa, uma reiteração ou outra posição.

Algumas modificações que ocorreram na obra não estavam indicadas como nota dos tradutores. Na maioria das vezes isto ocorre quando os tradutores citavam traduções brasileiras das obras comentadas no livro (páginas 32, 53, 127 e 148). Em entrevista com Janine Ribeiro (anexo I), este não se lembrava do ocorrido (o que é natural, tendo transcorridos mais de três décadas da publicação). Fatos mínimos, que podem ser classificados como descuidos de edição⁹⁷. Contudo, não podem se juntar ao fato dos editores mudarem a grafia da palavra *phantasia* (escrita propositalmente pelos tradutores como indicação do mesmo efeito visual que *différence/différance* provoca) para *fantasia*.

Dessas modificações sem identificação, uma que cabe registro ocorre à p. 86, quando os tradutores acrescentam, à nota de rodapé do autor, a informação sobre outra origem do texto *Violence et métaphysique, sur la pensée d'Emmanuel Levinas*. Nosso destaque vai para dois fatos: o primeiro porque essa nota se referiu e comentou uma tradução brasileira (“A Escritura e a diferença”, 1971); o segundo, porque ao comentar que na tradução brasileira não constava o texto citado (*Violence et métaphysique...*), a nota demonstra uma preocupação que poderia fazer parte daquele movimento de tradução

necessité (“obrigação, coerção inelutável, encadeamento necessário na ordem das razões ou das matérias – eventualmente também um *besoin* imperioso”). Usamos então um ou outro, ou os dois termos, para apropriarmos-nos dessa criação. Convém lembrarmos que os tradutores usaram esses termos com base na oportunidade em que Derrida forja *différence/différance*.

⁹⁶ Enquanto Paulo Ottoni cita, em *Tradução Manifesta e Double Bind: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções*, (in: “Tradução Manifesta – double bind & acontecimento”. Editora Unicamp – Edusp, 2005, pp 139-154), que houve em língua inglesa um “acontecimento único” (p. 140) de tradução de Jacques Derrida, no Brasil, temos visto manifestações importantes sobre tradução e desconstrução; alguns *acontecimentos* isolados pelas universidades, ligados ou não a grupos de pesquisas, que são dignos de *eventos* e fóruns para melhor aprofundamento nas várias questões que surgem quando há leituras disseminadoras de idéias.

⁹⁷ Às páginas 75, 86 e 157 pudemos notar que, embora os tradutores tivessem usado traduções brasileiras nas citações de rodapé do autor, não há indicação alguma sobre suas intervenções (N. dos T.)

derridiana em língua portuguesa a que temos aludido: talvez ela denuncie um sentimento parecido com frustração e uma necessidade de se traduzir Derrida mais amplamente.

Houve algumas situações em que Derrida fez citações sem traduzi-las para o francês. Os tradutores também mantiveram as mesmas línguas no corpo do texto e só foram traduzi-las às margens, nos rodapés (pp. 58 e 60). Mais uma vez isso atesta o compromisso em manter a obra mais acessível ao leitor brasileiro.

Os tradutores também enfrentam um movimento às avessas (p. 133): onde no texto original (p. 157) há uma palavra não traduzida (*picada*), eles colocam uma nota de rodapé indicando “em português no original”. Derrida abre parênteses e só os fecha quando, ao terminar a explicação do que seria uma *picada*, a relaciona com a violência da escritura, quando *corta e insere-se* em um local virgem, inscrevendo tanto a *picada* [na selva] quanto a escrita [no fonocentrismo] como diferenças. Essa violência da escritura se dá de forma mais acentuada na tradução, que já se inicia no interior da própria língua, provocando um *double bind*, uma “tradução recíproca”⁹⁸. Janine Ribeiro e Schnaiderman, ao depararem-se, no texto em francês, com uma palavra em língua portuguesa, acabaram por usar uma nota de rodapé, destacando a palavra *picada*, a qual Derrida preferiu manter, sem buscar substituta em francês, repetindo a atitude de Claude Lévi-Strauss, em “Tristes tropiques”. A *tradução intralingual*, conforme conceituada por Roman Jakobson, teria sido a alternativa de Derrida, limitada entre parênteses, onde reutilizou alguns termos de “Tristes tropiques”

⁹⁸ Vide Paulo Ottoni, em *Tradução Manifesta e Double Bind: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções*, (in: “Tradução Manifesta – double bind & acontecimento”. Editora Unicamp – Edusp, 2005, pp 139-154). O autor aponta momentos de traduções de Jacques Derrida em língua inglesa em que se experiencia o *double bind* e o fato de que o vocabulário de Derrida, assim como a tradução em geral, não *é/está* no interior de uma única língua. A necessidade e a impossibilidade de tradução, isto é, o *double bind*, manifesta a tradução, e a tradução o manifesta, de forma recíproca. A palavra “manifesta”, aqui, usada de forma dinâmica, como mais uma, para todo o vocabulário que a disseminação da desconstrução provoca, relaciona-se ao termo “constante” que usamos em nosso título, porque o movimento de tradução *é/está* contínuo, a qualquer momento, impossível de se decidir sem que haja uma constante contaminação na(s) língua(s).

para definir *picada*. Esta repetição confirma a “contaminação portuguesa” ocorrida no francês. Tudo isso encena o *double bind* da tradução, que se realiza a partir da mesma língua, já no francês. A tradução brasileira também participa desse *double bind*. O que parece se dar de uma forma bem mais econômica, pois seria o caso dos tradutores usarem *picada* sem atraso, acaba por exigir o uso de um rodapé. Esta atitude representa um compromisso com o leitor e a própria língua, a de chegada. Isto denuncia um *double bind* às avessas, na própria língua, e outro na língua de partida. Foram duas opções e dois momentos de vivência de *double bind*, onde, sempre, é preciso insistir e tomar uma posição, muitas vezes só possível, pelo menos diante de uma dada opção, mediante uma justificativa, no interior do texto ou às suas margens, em nome de uma tradução.

4. Posições

Tradução de Maria Margarida Correia Calvente Barahona.

Este livro faz parte de uma coleção dirigida por Eduardo Prado Coelho e consta nele a publicação de três diálogos com Jacques Derrida.

A primeira nota de rodapé refere-se ao termo *différance*, traduzido como *diferância*. Este termo será retomado após as análises das notas de tradução, pois acreditamos ser um dos grandes responsáveis pelos ~~mo~~-~~xi~~-mentos⁹⁹ em que acreditamos ser possível e necessária uma reflexão em¹⁰⁰ tradução.

O texto foi traduzido com um número mínimo de notas de rodapé. À página 28 temos uma particularidade de política editorial, que foi a alteração da citação, de uma publicação francesa, pelo autor, por uma tradução em língua portuguesa, fato já comum entre as traduções comentadas aqui.

Mais duas notas dizem respeito às impossibilidades de tradução. À página 53 (p. 55 do texto FR), a tradutora comenta que em francês havia um jogo de palavras “intraduzível em português”, em que o autor explora a “pronúncia idêntica” de *sens blanc*, *sang blanc*, *sans blanc*, *cent blancs* e *semblant*, em língua francesa. À página 55 (p. 58 do texto FR), a tradutora esclarece que as palavras *carré*, *carrure*, *carte*, *charte* e *quatre* formam entre si um jogo de semelhanças na pronúncia. A intraduzibilidade assumida pela tradutora indica uma dependência da tradução em relação ao texto base, para que se busque o *sentido* e o

⁹⁹ Movimentos e momentos, aproveitando também o recurso usado por Derrida em “Margens da Filosofia”, p.71.

¹⁰⁰ Esperamos que esta preposição “em” seja explorada em todas as suas nuances com relação à reflexão, a reflexo e à tradução.

som em francês. A justificativa da tradutora escancara o impasse da incompletude. Contudo, deixa em aberto a possibilidade de nova tradução que valorize o exercício de disseminação provocado através da escrita. Isto é, uma tradução que procure anular a já esperada (tradicional) diferença fonética e coloque o discurso dependente da escrita, que se deu a partir da fonética, explorando a semelhança sonora entre as palavras para inserir novos contextos só possíveis economicamente a partir dessa escrita. Uma escrita já de início transgressora, mas proliferante, que solicita uma tradução crítica e criativa, como aquela proposta por Haroldo de Campos¹⁰¹.

¹⁰¹ *Da tradução como criação e como crítica*, em “Metalinguagem”, pp. 21-38.

5. Semiologia e Gramatologia em dois momentos

O texto *Semiologia e gramatologia*, além da tradução inserida no livro “Posições” (1975), por Maria Margarida Correia Calvente Barahona, foi traduzido, também, por Luiz Costa Lima, em 1976. Segundo depoimento do próprio tradutor, este não se recorda se realmente traduzira este texto, lembrando que, nessa época, que coincidiu com a repressão nas universidades, da qual ele foi uma das vítimas, era obrigado a sobreviver de algumas traduções e trabalhos esporádicos, assinando traduções que nunca fizera.

Pela primeira nota de rodapé do tradutor, diz-se que “*os ensaios referidos aparecerão noutro volume*” (p. 7). Enquanto o livro base é um volume único composto de pelo menos 640 páginas, o volume em que consta a tradução do texto de Derrida possui 254 páginas. O livro base coloca cada texto na sua língua de origem (inglês/francês). A tradução nada acrescenta a respeito de qual seria a língua de origem de cada texto, ou então qual teria sido a estratégia de escolha dos textos na ordem em que ficou a tradução.

Voltaremos agora às duas versões do texto *Semiologia e gramatologia*, para analisarmos as diferenças entre as duas obras. A partir de então, por economia, faremos referência aos textos da seguinte forma: o texto constante no livro “Posições” será considerado como o texto em *português europeu* (PE), enquanto o texto constante em “Ensaio de Semiologia – I” será identificado como o texto em *português brasileiro* (PB). As páginas do livro em francês a que nos referiremos serão do livro “Positions”.

O texto em PB contém, em seu início, uma introdução feita pelos próprios entrevistadores, que já fazia parte do texto base *Sémiologie et grammatologie* constante no volume bilíngüe “Essays in Semiotics – Essais de sémiotique”. Segundo Julia Kristeva,

entrevistadora de Derrida e organizadora (entre outros) da presente coletânea, são “notas sobre o procedimento semiótico e seus afrontamentos às práticas significantes ditas artísticas” (p. VI). Notas como esta constavam como acréscimo em outros textos da coletânea em adição à primeira publicação ocorrida em *Recherches sémiotiques*, da revista “Information sur les sciences sociales”, entre 1967 e 1968. A nota refere-se à importância de três obras de Derrida (“A Escritura e a diferença”, “A Voz e o fenômeno” e “Gramatologia”) para as discussões levantadas sobre semiótica. Em PE o início do texto se dá com a primeira pergunta da entrevista, uma vez que em “Positions” não há esta nota.

Emparelhemos uma prática já adotada em Janine Ribeiro e Schnaiderman à tradução em PE: a tradutora usou uma nota de rodapé (p. 28) para referir-se à tradução, em língua portuguesa, de obra citada (“Curso de Lingüística Geral”, Lisboa). A tradução brasileira preferiu manter a página da citação em francês, conforme constante no texto em francês.

Em PE a tradutora explora o uso do hífen na tentativa de retratar a constante disseminação da escritura derridiana, além de repetir o mesmo recurso do autor, que, no mínimo, desperta mais atenção ao leitor, aguçando os olhos a entre-ver entranhas angustiantes, obliteradas pela metafísica da presença¹⁰². Contudo, em PB a postura foi outra, que, embora sem hífen, acabou provocando outros rompimentos. A seguir, procuraremos descrever as diferenças de posturas entre as duas traduções para então procedermos a alguns comentários.

O texto PE traduz *dé-limitants* (p. 27) por *de-limitadores* (p. 27), enquanto o outro (PB) traduziu por *deslimitantes* (p. 08).

¹⁰² Falo de uma presença já de início dominadora de toda escritura, que se coloca como primeira, única, logocêntrica, teológica, imutável, imortal e avassaladora.

Do francês, *ré-inscrire* (p. 35) foi traduzido como *re-inscrevê-los* em PE (p. 33), enquanto em PB o tradutor preferiu usar *reinscrevê-los* (p. 13).

Para a versão PE a tradutora usou mais uma vez *de-limitação* (p. 35) para traduzir (p. 37) *dé-limitation*, enquanto o texto PB teve a tradução *deslimitação* (p. 14), sem hífen.

Em PB o tradutor usou *aestrutural* (p. 15) para equivaler-se ao termo francês *a-structurale* (p. 39), enquanto a tradutora, em PE, traduziu como *a-estrutural* (p. 37).

Finalmente, *onto-théologie* (p. 48) é traduzido como *onto-teologia* em PE (p. 44), enquanto em PB (p. 21) a tradução foi *ontoteologia*, sem hífen.

Todas as opções em PE respeitaram o uso do hífen em Derrida, provocando desmembramento e estimulando a disseminação, ao mesmo tempo em que anunciam a diferença da/na escrita, o significado condicionado a ela e disseminado a partir da imagem gráfica. Já em PB o tradutor não usa os hífen em momento algum. Contudo, em dois instantes, provoca a criação de neologismos (*deslimitação* e *aestrutural*). Estas palavras, embora demonstrem um significado a priori, já dimensionado por uma semântica tradicional predefinida em sua ortografia e sintaxe, ainda não têm de si uma acepção formalizada em dicionário algum, o que intensifica a latente capacidade disseminativa existente em qualquer palavra. Ambas atitudes tradutórias, em análises mais profundas, podem ser colocadas em reflexão, de forma a enriquecer um pensamento sobre teoria e prática em tradução em língua portuguesa, especialmente no Brasil.

A tomada de posições diferentes também se dá quanto à tradução da palavra *différance*. O texto em PB teve o uso da palavra *diferença* somente em itálico (conforme indicação em nota de rodapé à página 14). Já no texto em PE a tradutora preferiu *diferância* (nota de fim de texto, p. 23). No texto em PB, ao se ver diante de momentos que, em francês, o autor se refere ao *a* da *différance*, o tradutor acaba por traduzir como “A da

différance”, mantendo a palavra em francês e intensificando a questão da im-possibilidade de tradução. Já o texto em PE, em que a tradutora optara por *diferância*, mudando o *a*, da *diferância*, assim como acrescentando um *i* no meio da última sílaba, encena também a repetição do jogo gráfico que ocorrera no francês, sem no entanto trazer para a língua portuguesa a homofonia diante de grafias distintas existente em francês.

O texto PB, em dado momento (p. 16), parece que por descuido gráfico, confunde-se e escreve-se “o A da *diferença*”, em vez de usar “o A da *différance*”, como já vinha sendo feito.

Sabemos que pode ter sido um erro gráfico, pois, destacar o A na palavra *diferença* não tem nenhum significado fônico ou gráfico em relação à pretensão de Derrida ao trocar o “E de *différence*” pelo “A de *différance*”. Traduzir esta(s) palavra(s) está inserido em uma grande questão, não somente em língua portuguesa: uma tarefa já executada, mas ainda por executar¹⁰³.

Em PB, na mesma nota de rodapé em que o tradutor se refere à opção de tradução relativa à *différance* (p. 14), também fala sobre o uso das opções *escrita e escritura*, para traduzir *écriture*. Usa então *escrita* quando esta palavra “tratar do sentido usual” e *escritura* “quando do sentido do próprio autor”. Pudemos notar que esta variação aconteceu uma única vez (p. 14), quando traduziu-se que “[t]rata-se de produzir um novo conceito de escritura”. No texto em PE foi traduzido como “... um novo conceito de escrita” (p. 35). Nas demais vezes em que se usa esta palavra, ambas as traduções a usam como *escrita*.

¹⁰³ Paulo Ottoni, trata a respeito da questão da tradução da palavra *différance* (*A Tradução da différance: dupla tradução e double bind*, in: “Tradução manifesta: double bind & acontecimento”, pp. 126-138), apresentando todas as variações ocorridas até então em língua portuguesa. Em momento específico, trataremos dessa questão.

Nesta nota de rodapé, podemos ver que o tradutor em PB destaca a forma como Derrida coloca o termo *escritura* como peculiar, “do sentido do próprio autor”, diferente do “sentido usual”. Esta nota poderia então solicitar maiores justificativas, tendo em vista o uso desses termos na Filosofia, e a distinção que se operaria a partir de Derrida.

Ainda ligado ao termo *différance*, do francês *in-différent* (p. 40) o termo escolhido foi *in-diferante* em PE (p. 38), enquanto em PB (p. 16) a opção foi simplesmente *indiferente*. Esta tradução, como as outras citadas anteriormente em PB que não constituíram nem neologismo nem uso do hífen, não parecem representar, de imediato, qualquer estranhamento que propusesse ao leitor alguma relação com a proposta discursiva derridiana. Finalmente, já nas páginas finais, no texto em PB (p. 21) consta “a destruição da metafísica”, enquanto no texto em PE a tradução é “[...] a desconstrução da metafísica”. Em francês (p. 48) consta o seguinte fragmento “la déconstruction de la métaphysique”. Há, na tradução em PB, um erro que acreditamos não ser intencional, mas que transforma a desconstrução como sinônimo de destruição, uma das coisas contra as quais Derrida sempre lutou, e nos moldes em que reacionários sempre aproveitaram para subverter posições.

Assim, um erro pode se aliar a outro, que seria, neste caso, a falta de um posfácio, nota ou justificativa sobre a intenção do tradutor, que viria contribuir para a tradução, a efetividade da obra, ainda que servisse somente, mas de forma muito digna, para corrigir ou explicar tal “erro”.

6. O Poço e a Pirâmide.

Tradução de Rui Magalhães.

A primeira intervenção do tradutor surge à página 60, quando altera uma nota do autor. Em francês (p. 95), ao final da nota, Derrida acrescenta: “trad. L. Méridier, Ed. Budé”. Na tradução, consta: “[Derrida utiliza a tradução de L. Méridier, E. Bude] (sic)”.

Somente mais duas notas do tradutor idênticas, às páginas 43 e 84, em que coloca entre parênteses o termo *accomplissement*, para tentar reforçar, ou recuperar, ou deixar à guisa de um recurso para, enfim, diminuir o embate da falta naquilo que traduziu como *realização*, em português.

Isto foi tudo o que pudemos coletar e observar do tradutor em um texto francês, o tempo todo contaminado pela Filosofia, e conseqüentemente pela língua alemã, entre outras. O próprio texto de Derrida já denota um processo constante de tradução¹⁰⁴. Os termos traduzidos, em francês, mas mantidos entre parênteses em alemão (ou grego), tiveram o mesmo tratamento em português. Esta atitude de reiteração envolve muitas questões, sendo uma delas uma certa “instituição” de conceitos filosóficos em alemão, mesmo que traduzidos. Nosso trabalho, que visa a discutir a partir das manifestações dos tradutores por seus comentários, por muitas vezes se resume a uma análise dos efeitos que

¹⁰⁴ Como exemplo, citamos Paulo Ottoni, comentando a contaminação a que a(s) língua(s) se sujeitam, enquanto faz uma análise da tradução derridiana da palavra alemã *aufhebung*, a partir das duas traduções em língua portuguesa no texto *O Poço e a Pirâmide*, a primeira ocorrida em 1979 e a segunda em 1991 (constante na 2ª edição de “Margens da filosofia”). Ottoni trata sobre “a proliferação e os efeitos do idioma sobre a língua”. Esta análise discute ainda o comentário de Derrida (em *O que é uma tradução revelante?*) a respeito de sua própria tradução desta palavra, ocorrida havia 31 anos, em *Le Puits et la pyramide*. (*Derrida - entre a língua e o idioma - o primeiro pensador da tradução*, in: http://www.unicamp.br/~ottonix/DerridaRio2004.htm#_ftnref10). O comentário de Derrida sobre sua própria tradução a/ e de/nuncia um problema de tradução já a partir da própria língua-fonte, o alemão, e outro interno, na língua-meta, o francês, no embate com uma palavra alemã, “que ninguém no mundo estava de acordo com ninguém para traduzir de maneira estável e satisfatória em nenhuma língua” (apud Ottoni).

suas traduções provocam, inferindo dali as manifestações. Ainda que estas se apresentem, fica um vazio nas fronteiras entre o texto e o branco da página, limitado pela diagramação textual. Contudo, os pontos brancos e vazios sempre dizem alguma coisa na visão de Derrida, como, por exemplo, inaugurar uma certa linguagem do silêncio. Silêncio de quê, ou de quem. Vazio por quê...

7. Os vazios em *O Poço e a pirâmide*.

O vazio, como a própria abordagem derridiana aponta, também compõe a significação em um texto. Mas há outros cavos em relação a *O Poço e a pirâmide* que merecem atenção: são aqueles ligados ao fato de, em *Margens da Filosofia* (1986), não se constar o texto *O Poço e a pirâmide*. Um dos direcionamentos a seguir para tentar preencher esta lacuna foi o fato de que, tanto “Hegel e o Pensamento Moderno” (onde consta esse texto em português pela primeira vez), quanto *Margens da Filosofia*, edição 1986, foram publicados por Rés Editora.

Ao entrarmos em contato com os tradutores obtivemos a resposta de que: “Tanto eu [António M. Magalhães], como Joaquim Torres, questionamos, obviamente, o facto de o texto a que se refere não ter sido incorporado na tradução. A razão que nos foi dada foi que já constava de uma selecção de textos que a editora tinha, então, também editado” (sic).

A Rés Editora respondeu também que: “somos a informar que a inclusão ou não de textos nas obras [...] mencionadas se deveu exclusivamente a razões de ordem editorial”.

Assim, a publicação do texto *O Poço e a pirâmide*, traduzida por António M. Magalhães e Joaquim Torres, só foi efetivada em 1991, então no Brasil, pela Papyrus Editora. Embora essa data já não esteja mais entre nossos limites, os comentários dos tradutores poderão servir também, em outra oportunidade, como mais um elo que dê impulso ao *movimento* que esperamos chegar à força de um *evento*; pois elos, mesmo fechados, não são impedimentos, sempre podem ser acrescentados. Os elos, ou as datas, como diria Bosi, representam para a história pontas de icebergs que visam a impedir que os

navegantes despedacem suas naus contra as massas submersas e invisíveis da memória¹⁰⁵. Servem de balizamento, para que possam ser transpostos e retomados como referência, caso necessário.

Os elos, como as datas, podem ser acrescentados de forma ordenada, em cada espaço que surja, ou até criar um espaço novo, dadas as relações de influência que terão no contexto. Isto vale para cada manifestação de tradutor, como um avanço, uma conquista, um traçado novo, um elemento a mais, ou para além dos paradigmas.

Este espaço novo que não se traduz em buraco, mas em preenchimento, pode ser também a ligação que se teria entre as obras estudadas nesta dissertação até 1986 (uma primeira fase, apresentando suas várias características entre as que apontamos aqui) e um novo período que se inicia em 1991 (e inaugura uma segunda fase, outro espaço de discussão mais amadurecido), restaria saber (oportunamente) se às margens da (e de qual) filosofia.

¹⁰⁵Bosi, Alfredo. *O Tempo e os Tempos*. In: NOVAES, Adauto. “Tempo e História”. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 ed. p. 19.

8. Margens da filosofia

Tradução de tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães.

Podemos notar algumas particularidades, possivelmente editoriais, que diferem o texto-fonte do texto-meta, envolvendo numeração das páginas que, a nosso ver, não oferecem diferença digna de comentários. O texto inicial, contudo, em francês (*Tympan*), tem seu título a partir da página onde constam as três epígrafes iniciais ao texto. Já na tradução, o título só vem surgir na primeira página após as epígrafes, junto ao texto *Tímpano*. Isto, como norma editorial ou opção do tradutor, tira a epígrafe ao texto e a coloca a todo o livro.

Uma particularidade que ocorre tanto na edição em francês quanto na tradução¹⁰⁶ é que o título do primeiro capítulo (*Tímpano*) encabeça o texto de Michel Leiris, enquanto o texto de Jacques Derrida só surge a partir da página 10, com outro subtítulo (*A timpanizar*), que não aparece no índice.

A edição da tradução não seguiu a mesma diagramação seguida em francês dos dois trechos, tanto das epígrafes iniciais, quanto dos textos *tímpano* e *timpanizar*. Enquanto em francês a segunda e a terceira epígrafes foram colocadas lado a lado, assim como os textos *tympan* e *tympaniser – la philosophie*, na tradução foram colocados um após o outro. Para os textos, na tradução colocou-se primeiro o de Michel Leiris e, a seguir, o de Jacques

¹⁰⁶ Isto ocorre na edição de 1986, uma vez que na edição de 1991 o título do texto de Derrida (*Timpanizar – a filosofia*), ainda que não apareça no índice, surge à mesma página que o título que encabeça o texto de Michel Leiris (p. 11)

Derrida. Os editores colocaram uma nota justificando-se sobre a impossibilidade de seguir como o texto em francês:

“A colocação original dos dois trechos seguintes não foi respeitada dadas as naturais dificuldades gráficas, agravadas pelo transporte para língua portuguesa, do que nos penitenciamos” (p.6). No entanto, nesta nota, os editores referem-se somente ao texto, não falando das epígrafes.

Outro momento que deixa entrever os limites gráficos da tradução dá-se à pág. 32, quando a tradução não coloca um X sobre a palavra *est* (~~est~~), da mesma forma como foi feito no texto-fonte, com a intenção de representar uma rasura sobre a palavra.

Em francês, os dois textos (*tympaniser – la philosophie* e *Tympan*) foram colocados lado a lado, tendo sido dado um espaço maior para o texto de Derrida (*Tympaniser – la philosophie*), muito embora o nome do capítulo seja *Tímpano* (também o título do texto de Michel Leiris). O texto de Michel Leiris (*Tympan*) à direita, no espaço menor, poderia ser tido como uma nota – de margem, mas o tamanho da fonte é maior do que as letras do texto de Derrida. Isto provavelmente foi feito para que os dois textos terminassem, ao mesmo tempo, na mesma página. Isto também dá aos dois textos uma ligação, uma unidade, dividida pelo branco da página, (N)ecessário, fora da órbita de qualquer um dos textos, mas entre um e outro texto a-fora. Um fato que (con)funde os dois textos é que o título do capítulo seja justamente o título do texto mais à margem, e não diagramado ao centro, porque deveria ser o título do texto de Derrida, o autor do livro. Assim, a *nota à margem* do capítulo passa, se não a ser o texto principal, quem sabe a ter valor igual valor ao texto de Derrida (pelo menos graficamente).

Ainda quanto às epígrafes, na tradução são colocadas três notas. A primeira (p. 5) já destaca a discussão sobre a tradução do célebre *aufheben* hegeliano para o francês,

quando Derrida usa “relevée”. Esta nota é importante porque mostra, entre outras coisas, uma diferença fônica entre o português europeu e o português brasileiro. A opção dos tradutores em usar o neologismo sup(r)erar, entre outras coisas, para restringirmos, ajuda a “destacar”¹⁰⁷ o ritmo rápido na pronúncia lusitana, que “suprimiria” a vogal *e*, fato que foneticamente não ocorre no português brasileiro. Esta diferença é importante no sentido de permitir a recriação¹⁰⁸ na tradução, por necessidades e Necessidades. A segunda e a terceira notas (p. 6) repetem também a questão do *double bind*, relevante (para Derrida¹⁰⁹), recíproca (para Haroldo Campos), manifesta (para Ottoni¹¹⁰), inquieta e talvez se-movente¹¹¹, que é a causa de todo *movimento* consciente ou in-consciente, em que apostamos até agora.

A questão se repete por várias vezes, com os rodapés dos tradutores ora reafirmando um termo forjado (por exemplo, “sup(r)eração”, à página 11), ora tratando das in-traduzibilidades, ora das duplicidades do texto, algumas vezes mesmo em nossa língua,

¹⁰⁷ Palavra usada com o sentido duplo de “retirar” foneticamente o *e*, e, ao mesmo tempo, de “colocar em destaque”, “em relevo”.

¹⁰⁸ Esta concepção de tradução criativa tomamos de Haroldo de Campos: “Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação (p. 57).

¹⁰⁹ Jacques Derrida, *O que é uma tradução “relevante”?* tradução de Olívia Niemeyer Santos (Conferência proferida no Encontro de Tradutores em Arles - França - em 15 de novembro de 1998). In: “ALFA - Revista de Lingüística”, UNESP, número 44 - *Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo - Brasil, 2000, pp. 13 - 44.

¹¹⁰ Ottoni, Paulo. *Tradução Manifesta e double bind: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções*, pp. 139-154, in: “Tradução Manifesta – double bind & acontecimento”.

¹¹¹ Ancorados na noção de significação criativa predominantemente social abordada por Bakhtin e limitada pelo *sentido literal do texto* por Umberto Eco (cf. *Aventuras da significação: Bakhtin e Eco à procura do signo deslizando*, de Humberto Ivan Keske, in: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17293/1/R0677-1.pdf>,) consideramos a propensão aos sentidos do texto e à metáfora, a uma re-significação, à “autorização” da *différance*, conforme Renato Janine Ribeiro em sua carta (anexo I) e nota de rodapé (“Gramatologia”, p. VII), ou a uma força latente que impulsiona o ser humano a releituras, e que talvez esteja próxima do acontecimento ao qual Chomsky reverenciou sua teoria em busca de consistência, extasiado com a capacidade criativa do homem. Esta capacidade, que viria justamente estremece a possibilidade de estabelecer-se bases científicas em uma gramática universal, dá à palavra um poder se-movente (que, para além da oralidade, encontra ainda nova disseminação no valor que a escritura derridiana dá à escrita, ou à leitura) que traz para a tradução toda a impossibilidade, o *double bind*, que inaugura a in-traduzibilidade transcendental, à qual corresponde uma tradução iman-ente.

mas que recebem advertência aos olhos do leitor¹¹². Um outro exemplo, um pouco mais ilustrativo, ocorre à página 18, quando os tradutores decidem, para o termo *signature* (p. XIII do texto FR), usar *marca*; depois, usar *rastro* para o termo *trace*. Vimos aqui um postergamento de significados e um cuidado em reproduzir a diferença e a manifestação de uma certa *différance*, de um *double bind* entre termos sinônimos em português. Os tradutores fazem a opção por usar *rastro* na tradução de *trace* “seguindo a sugestão dos já citados tradutores brasileiros de ‘De la Gramatologie’” (p. 41, nota de rodapé 1).

Como já destacamos, consideramos de grande importância para a detecção de um *movimento de tradução* esta reiteração de termos anteriormente usados por tradutores. Parece que os tradutores de “Margens da filosofia”, além de usar *rastro*, usam outros termos da tradução brasileira de “Gramatologia”. Isso ocorre quando resolvem citar “temas chave de outros textos” de Derrida, “reunidos particularmente em *De la grammatologie*[...] e em *La dissémination*[...]” (cf. pp. 42-4). “Parece” que Magalhães e Torres Costa traduzem esses trechos, pois usam o termo *diferença* para traduzir *différance*, como já vinham fazendo. No entanto, usam também os termos *necessidade* e *Necessidade* (para traduzir *besoin* e *nécessité*, respectivamente), anteriormente usados por Janine Ribeiro e Schnaiderman, em “Gramatologia”. O curioso é que os tradutores não mencionaram nada sobre alguma apropriação que tivessem feito dos termos dos outros tradutores. Dizemos “parece” entre aspas, porque acreditamos que provavelmente Torres Costa e Magalhães se esqueceram de citar a apropriação dos termos de Schnaiderman e Janine Ribeiro, enquanto traduziram ou adaptaram os fragmentos citados de “De la grammatologie”, usando *necessidade* e *Necessidade*, contudo, usando *diferença*, e não *diferência* (contrariamente

¹¹² Podemos citar como exemplo várias páginas da tradução (pp 22, 23, 25, 29 n. rodapé 1 e 2, 30, n. rodapé 2, 55, 71 e 73).

a Schnaiderman e Janine Ribeiro). Essas atitudes geram um *movimento*, um *acontecimento* de reiteração, mas também de oposição.

Demorando ainda nessas duas citações dos tradutores portugalenses, um pouco para confirmar nossa hipótese de que *necessidade* e *Necessidade* realmente vieram da tradução brasileira, mas, muito mais para marcar essa referência ao trabalho de tradução já executado, como balizamento ou como reflexão (sem querer afirmar essa conduta como exclusiva desses tradutores), vemos o caso de “Posições”, outro texto do qual foram tirados fragmentos sobre “La Dissémination”, na mesma nota aludida. Lá, os tradutores não citam também se traduziram ou usaram outra tradução. No entanto, algumas páginas adiante (p. 57), eles citam novo fragmento e assumem-no retirado da edição portuguesa “(trad. port. p. 106)” de Posições.

Não queremos questionar “direitos autorais” de tradutores, omissões ou “erros” em citações. Simplesmente alertamos para o fato de que os tradutores claramente usam outras traduções em língua portuguesa, fazendo delas referências, pontos de partida, reflexão e continuidade, sendo que isto só contribui com o desenvolvimento de recursos e práticas em tradução.

António M. Magalhães e Joaquim Torres Costa mostram também uma constante tentativa de explicar ao leitor passagens do texto, esclarecendo a respeito do que o autor se referia¹¹³. Estas relações procuram também, algumas vezes, explicar os liames tomados pelos tradutores até que chegassem às suas opções de tradução. Um exemplo disto seria (p. 18, nota 2) quando os tradutores usam a etimologia para explicar o termo cunhado por Derrida *étantité*, por apropriação e em disseminação a *éntité* e *l'étant*. Esta nota visa justificar a tradução

¹¹³ Como exemplo podemos citar as notas de rodapé às páginas 17, 23 (nota 1), 25 (nota 3), 31 (nota 1), 37 (nota 1) e 38 (nota 1)

ente(i)dade, além de que remete o leitor ao texto *Ousia e grammé*.¹¹⁴, para obter melhores informações.

As indecidibilidades de tradução e discussões ao longo do texto mostram uma constante referência a outra língua, ao fato de que não se fala (ou se lê) uma só língua dentro da mesma língua, seja ela a língua-fonte ou a língua-meta.

No início, desde as epígrafes, já se apresentava problemas de tradução vindos do alemão de Hegel, passando por Husserl (pp. 48-9 nota 2) e pelo latim (p. 49, nota 1). Um ponto-chave desta pluralidade de línguas vimos na nota das páginas 63 a 65, onde os autores citam até três línguas envolvidas.

São questões que permeiam todo o texto, a qualquer instante, ou quem sabe o tempo todo, marcando a tradução e tornando-a, sempre, in-traduzível, isto é, impossível de ser traduzida em um único termo, ou de forma absoluta, mas traduzida de algum modo, algumas vezes não tão econômico, e outras de forma econômica e até mais profícua.

Assim se dá, por exemplo, com o termo *différance*, sempre traduzido e sempre intraduzível, à espera, postergando sua tradução. Este termo sempre será uma das origens da polêmica, não só *em torno de Derrida*, mas de toda a desconstrução, que já segue além deste próprio autor.

Adiamos, para não se falar em encerramento da análise sobre a tradução deste livro, um dos pontos-chave, que seria a discussão do texto *La différence*. No entanto, aproveitando uma falha gráfica, decidimos deixar este comentário *às margens*, para inaugurar um novo e breve parágrafo sobre as várias traduções de *différance*, não só neste livro, mas em todas as manifestações ocorridas no período contemplado nesta dissertação.

¹¹⁴ Outros exemplos podem ser vistos pelos rodapés nas seguintes páginas: 21, 22 (nota 2), 30 (nota 1), 32 (nota 1), 34 (nota 1), 39 (nota 1), 45 (nota 1), 46 (nota 1), 52 (nota 1) e 54-5 (nota 1).

9. Uma elipse

Antes de aportarmos é hora de começar um relatório de viagem. Às margens, prefácios, posfácios e notas, nossos elos aumentam nossa corrente, para que nosso barco ondule com as vagas que se oferecem.

Nossas pesquisas, em resumo, podem ser uma ponta de iceberg, ou um anel em uma corrente. Vimos, contudo, em cada fase, paralelos às nossas buscas, somarem-se alguns destaques. Cinco resultados de pesquisa, nos levantamentos de dados, todos relativos à questões editoriais, nos trouxeram incentivo (por menor que seja sua contribuição) e servirão também como um dos faróis de balizamento para reflexões e atitudes em prol do reconhecimento e melhoria das condições de trabalho do tradutor. De início vamos relembra-los como coisas que conseguimos a partir deste trabalho:

Pudemos precisar melhor datas de publicação de duas traduções de Derrida (em três momentos), que não constavam nas obras e nem nos levantamentos feitos até então:

1968 -

A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas, tradução de Antônio Ramos Rosa, publicado em “Estruturalismo – antologia de textos teóricos. In: Estruturalismo – antologia de textos teóricos” (Eduardo Prado Coelho org.). Portugália-Editora, Lisboa – Portugal, pp. 101 – 123.

Início dos anos 1980¹¹⁵ -

Edição brasileira do livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo – Brasil, pp. 101 – 123.

1986 -

¹¹⁵ Muito embora não seja uma data tão precisa assim.

Publicação de “Margens da Filosofia”, tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. RÉ S Editora, Porto - Portugal.

Pudemos confirmar a razão de dois “buracos” no interior das traduções de Derrida no período de 1968 a 1986:

a) a não publicação do texto *le puits et la pyramide* na tradução do livro “Margens da Filosofia” (1986), que se deu por questões editoriais.

b) a não publicação dos três textos de “L’écriture et la différence” (“*Cogito et histoire de la folie*”; “*Violence et métaphysique - Essai sur la pensée d’Emmanuel Levinas*” e “*De l’économie restreinte à l’économie générale - Un hegelianisme sans réserve*”) na tradução de “A Escritura e a diferença” (1971), que também se deu por questões editoriais.

Desta entrevista com a Editora Perspectiva obtivemos também a informação de que a mesma inserirá, na próxima publicação de “A Escritura e a diferença”, as três traduções faltosas desde a primeira edição.

Em toda publicação, o ofício do editor está subentendido, participando de uma forma que sempre influi, algumas vezes de forma positiva, outras não. Ocorre que, como porta-voz da editora, os objetivos muitas vezes são outros, diferentes do escritor ou do tradutor.

Os editores, por várias peculiaridades, principalmente as relativas à economia, muitas vezes retiram, “corrigem” (no caso de “Gramatologia”, onde trocaram o *ph* intencional dos tradutores, na palavra *phantasia*, pelo *f*, publicando *fantasia*), modificam partes significativas em traduções, omitem nomes de tradutores ou atribuem traduções a outras pessoas (como no caso aventado por Luiz Costa Lima, que disse não se lembrar se ele havia mesmo feito a tradução de *Semiologia e gramatologia*. Mesmo que a tradução seja dele, sua dúvida serve para suscitar práticas muitas vezes oportunistas e não incomuns de algumas editoras (sem querer e muito menos concretamente poder citar nomes). Tradutores desconhecidos muitas vezes se

sujeitam a trabalhos no anonimato. Tradutores reconhecidos, muitas vezes, sem conhecimento, ou por outras razões, têm seu nome ligado a traduções que nem sequer chegaram a ver).

Muitas vezes, os próprios contratos das editoras com os tradutores limitam o uso dos rodapés ou qualquer clara manifestação do tradutor a um mínimo, ou nada, além da tradução. A impossibilidade de um espaço em que o tradutor possa se manifestar, no corpus da própria obra traduzida, pode concorrer com a desinformação e a má conceitualização a respeito da tradução e da obra.

Não está em nosso objetivo fazer um levantamento para incriminar ou inocentar o trabalho dos editores. Qualquer tentativa de saber se a autoria de uma tradução está comprometida pela mão do editor necessitaria, no mínimo, e quando possível e importante, de pesquisas aprofundadas que incluíssem, por exemplo, entrevistas, análises nas “obras prontas” ou até mesmo análises técnicas de documentoscopia e grafoscopia, visando levantar estilos literários em documentos questionados, por questões paleográficas ou outras.

Sendo outro o nosso objetivo, nenhum levantamento foi feito sobre os editores, senão os que eventualmente se destacaram durante as análises, em rodapés ou notas¹¹⁶ a respeito das obras. Ademais, a forte ligação existente entre alguns editores e organizadores das obras¹¹⁷, além do desconhecimento a respeito do envolvimento dos editores de todas as traduções, nos impõem cautela para tratar de um assunto em que, dificilmente, poderemos chegar a alguns critérios de cientificidade.

Ainda assim, comprovamos forte influência editorial ao longo das traduções, a ponto de apresentar alterações significativas em pelo menos algumas obras, o que nos motivou a

¹¹⁶ Por exemplo, em “Gramatologia”, p. 111 e em “Margens da Filosofia”, p. 6.

¹¹⁷ Por exemplo, “Posições” faz parte da coleção Discurso Social, dirigida por Eduardo Prado Coelho, que também organizara a coletânea “Estruturalismo - antologia de textos teóricos” em que se consta a primeira tradução de Derrida para o português. Em outro momento, embora fora de nosso escopo, temos também a tradutora de Derrida (“Do Espírito: Heidegger e a questão”, 1990, “Limited Inc.”, 1991) Constança Marcondes César como revisora técnica da 2ª edição de “Margens da filosofia” (1991).

destacar brevemente o contorno dessa sombra. Sua constante manifestação ao longo do processo ocorreu como se fosse (e talvez seja, pelo menos no contexto brasileiro) de forma natural e irremediavelmente incontestável. Nosso papel, por ora, será expressá-la, ainda que continue em sua condição elíptica, para que possa ser devidamente tratada, não somente como um elemento a mais, eventual, mas como foco central de outra discussão.

Nossa denúncia, de momento, é que essa personagem, tão ou mais invisível do que o tradutor, muitas vezes pode promover outra leitura, distante da intencionada pelo autor, ou pelo tradutor. Nossa advertência é para o fato de que, no Brasil, mais do que ocorre com o tradutor, o editor não assina a obra, mas, em algumas circunstâncias, pode influenciar mais do que o tradutor. Ainda, se não assina, ou se assina, não se costuma indagar ou refletir sobre isso. Por impossibilidade até mesmo técnica, a crítica sempre é feita sobre o trabalho do tradutor, e de forma rara sobre a intervenção do editor.

As informações aqui coletadas são menos como denúncia, do que como anúncio, notícia e nota. Nossa denúncia seria contra a possível intervenção editorial que seja prejudicial ao trabalho de tradução. Os casos que aqui se encaixam, por princípios inerentes ao próprio objetivo de nosso trabalho, podem ser manifestados, discutidos e reparados. A questão não será o perdão, mas a re-conciliação¹¹⁸, a espera, a proposta e o propósito.

¹¹⁸ Embora a abordagem de Derrida em seu texto *O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*, (trad. Evando Nascimento, em “Jacques Derrida: pensar a desconstrução”), nos peça prudência ao tratarmos de perdão em uma questão aparentemente tão chã, diante das atrocidades e manejos de poder a que a humanidade assiste, a conciliação, o perdão e a reconciliação são práticas fundamentais nos primórdios e continuidades de toda relação social.

CAPÍTULO IV

1. AS MANIFESTAÇÕES DE “LA DIFFÉRENCE” NO PERÍODO E O MOVIMENTO QUE SE POSTERGA.

Propomo-nos, a partir de agora, a refletir sobre todas as variações da tradução da palavra *différance* em língua portuguesa até à primeira edição de “Margens da Filosofia”¹¹⁹, em 1986.

Tendo em vista os elos gráficos que as datas de 68 a 86 representam, vemos nelas a possibilidade de sempre serem suplementadas: a partir de qualquer uma das pontas da corrente, ou mesmo de seu interior e de onde se mire tal cena.

Faremos de início um relato resumido de cada opção de tradução da palavra *différance* durante o período de nossa análise, para, em seguida, procurar retratar seus efeitos no processo tradutório.

Em “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”, o tradutor optou por usar a palavra *diferença* entre aspas e em itálico (“*diferença*”), para representar *différance*, e *diferença*, sem aspas e sem grifo, para representar *différence*. Luiz Costa Lima, em *Semiologia e gramatologia*, usou quase o mesmo recurso, colocando a palavra *diferença* entre aspas, mas não grifada (“*diferença*”) para traduzir *différance*. Ambos não traduziram criando outro termo, mas inseriram a diferença visual da escrita, mantendo o mesmo som entre as duas palavras, tal como ocorre em *différence* e *différance*.

¹¹⁹ Ottoni escreveu uma reflexão completa, com todas as variações até a presente data, a respeito das várias traduções da palavra *différance* em língua portuguesa (A Tradução da *différance*: dupla tradução e double bind, pp 126-138, opus cit). Contudo, faremos uma apresentação de dados somente do período de 1968 a 1986.

Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, em “A Escritura e a diferença” preferiu usar *diferência*, que depois foi reutilizada por Schnaiderman e Ribeiro, em “Gramatologia”.

A tradutora de “A Escritura e a diferença”, como justificativa para seu uso, convida o leitor a “ver o artigo de Jacques Derrida *La Différance*, em *Théorie d’ensemble*, ed. Du Seuil, 1968” (p. 72). Ao fazer a citação, a tradutora elege o texto *La Différance* como a justificativa de tradução que poderia respaldar sua opção. Contudo, essa ausência de justificativa de próprio punho da tradutora deixa sem respostas, por exemplo, o fato de que sua opção não consegue refletir o primeiro efeito que a palavra *différance* exerce: a diferença visual, gráfica, e a semelhança oral entre as duas palavras (*différance* e *différence*).

Quem sabe a concordância de Ribeiro e Schnaiderman (“Gramatologia”), em usar também *diferência* ajudasse. Pelo menos, é mais um endosso a essa tradução. Se fôssemos procurar um comentário que acrescentasse algo, poderíamos então usar aquele, quando Ribeiro e Schnaiderman justificaram sua tradução de *besoin* e *nécessité* por, respectivamente, *necessidade* e *Necessidade*. Pelo menos uma parte daquela nota alude à autorização do tradutor em criar. “Autoriza-nos a esta distinção, puramente gráfica e sem expressão fonética, a justificativa que dá o autor para a palavra *différance* (port. diferença), inventada por ele mesmo para distinguir-se de *différence* (port. diferença)” (p. VII).

Em “Posições”, a escolha por *diferância* acaba por encontrar um *a* no lugar que “parece” ser o mesmo do *a* da *différance*. Mas, ainda que se focalize em português as mesmas letras (*e* e *a*) na busca de termos correlatos, acrescentou-se também um *i*, desfocando e aumentando a diferença visual inicialmente proposta em francês. A tradutora, ao propor o acréscimo do *i*, acabou manifestando outra diferença sonora, menor do que a existente em “A Escritura e a Diferença”, mas, ainda assim, inexistente em

différence/différance. A proposta derridiana insere-se numa diferença inaudível para criar um significado novo, de diferença, mas também de postergação da diferença. Em “Posições”, a tradutora apresentou a seguinte nota de rodapé: “em francês, “différance” (diferência) tem pronúncia semelhante a “différence” (diferença)” (p. 16). Nesta tradução em português, esta diferença não se efetivou.

Luiz Costa Lima, em *Semiologia e gramatologia*, assume a “impossibilidade de estabelecer-se, em português, a distinção” (p. 14) entre *différence* e *différance*, preferindo usar, para traduzir *différance*, a palavra *diferença* em itálico. A primeira vez em que este termo aparece no texto (p. 13), o tradutor usa a palavra *diferença* entre aspas (“diferença”) e coloca a palavra francesa *différance* entre parênteses – (*différance*). Nas demais ocasiões em que a palavra *différance* aparece, somente grifou-se (com itálico) a palavra *diferença*. Contudo, quando o texto refere-se ao *a* da *différance*, o autor prefere manter a palavra *différance*, em vez de “traduzi-la” como *diferença*. Esta atitude reforça a “impossibilidade de estabelecer-se, em português, a distinção” aludida pelo tradutor.

Em “Margens da Filosofia”, os tradutores fazem um resumo das traduções usadas até então, da palavra *différance*, omitindo “*diferença*” de Antonio Ramos Rosa e *diferença* de Luiz Costa Lima. Talvez pelo fato de que estes tradutores não promoveram alguma modificação na palavra, não criando outro termo. Depois de colocarem as traduções (“em Portugal optou-se por *diferância*, no Brasil por *diferência*”), apresentaram sua proposta de tradução: *diferança*¹²⁰. Disseram que “ao escrevermos *diferança* talvez não nos limitemos a ceder cegamente às exigências de um texto que a nossa língua não poderia «controlar»” (p. 27). Esta nota assume a impossibilidade da tradução, mas como opção, subverte e parece

¹²⁰ Muito embora a opção dos tradutores fosse *diferança*, o título *La différence* (p. 1 do original) está como *A diferença*, na tradução. Provavelmente é um erro gráfico, mas que se repete por várias vezes.

denunciar uma certa tentativa de “fidelidade” que os tradutores teriam buscado nas outras traduções existentes, uma vez que não concordaram com nenhuma, a ponto de segui-las. No entanto, logo adiante, Joaquim T. Costa e Antonio M. Magalhães acabam por se entregar aos “efeitos” positivos das duas traduções (*diferência* e *diferância*),

(1) A impossibilidade de tradução desencadeada mais atrás pela associação entre “*différance*” e o particípio presente do verbo “*différer*” culmina aqui: as palavras “*mouvance*” e “*résonance*” têm em comum com “*différance*” a sua terminação (fônica e gráfica). Para, em cada caso, mantermos essa comunidade, deveríamos, no primeiro, traduzir “*différance*” por *diferência* e, no segundo, por *diferância*. (N.T.) (p. 36)

Os tradutores, nesse ponto, admitem mais de uma tradução, além da tradução a que os mesmos se propuseram como resposta à não cegueira a um texto incontrolável. Nessa tentativa de tradução, ainda incompleta, devendo justificativas e suplementos.

Esta nota de rodapé, assim como muitas outras notas das que analisamos aqui, podem ser marcadas como *acontecimentos*, ou mesmo *eventos* na tradução em língua portuguesa. Não porque uma opção instituisse “a melhor” das traduções, mas porque elas formalizam uma reflexão que sempre ainda haverá, marcada pela in-traduzibilidade, ou pela traduzibilidade imanente, “dentro dos limites em que é possível” e que requer um movimento constante, em nome da (N)necessidade.

Muita coisa ainda há para se dizer, do que está em branco, do não dito, como a omissão dos tradutores de “Margens da Filosofia” em citar “*diferença*”, de Antonio Ramos Rosa e *diferença*, de Luiz Costa Lima. Para isso não há resposta (por ora e nossa).

Se especularmos, seria porque os tradutores de “Margens” entenderam que Rosa e Lima não teriam feito uma modificação “significativa” das letras nas palavras? Pode ser. De fato, “*diferença*” e *diferença* não fizeram o jogo das letras. Mas a cobrança do jogo de letras não pode ser um vestígio de uma lingüística saussuriana matemática já condenada por Bakhtin? Ademais, é inegável que Rosa e Lima, como todos, participaram do movimento da *différance* - e com uma tradução até de certa forma “desconstrutora”: conseguiram o efeito gráfico da escrita (pelo grifo e pelas aspas) e o efeito fônico do silêncio (já que não escutamos som de aspas ou itálico).

Nenhuma tentativa traduz de forma absoluta *différance*. Isto, por impossibilidade de linearidade em um certo ponto estrutural, fonético, sintático ou semântico que assemelhasse as línguas portuguesa e francesa (ou a língua francesa com outra língua qualquer (por exemplo, o japonês), ou assemelhasse qualquer língua a uma outra). Em contraponto a essa incompletude, a postergação da *différance* é o elemento de integração entre a língua portuguesa e a francesa, pela indecidibilidade e pela possibilidade de se traduzir de outra forma; a postergação (ou a *différance*) é a melhor tradução, até o momento.

Todo este movimento que tentamos destacar está em espera, elos naturalmente abertos e prontos para receber novos elos, novos comentários: em uma abertura de aspas, à espreita, um especular (verbo e adjetivo) diáfano espectro a arrastar correntes, a rever e recriar, entregue ao constante balanço que embate o rumo dessa nau no mar empolado, para que ela não se despedace contra as “massas submersas¹²¹” nas memórias de cada data.

¹²¹Bosi, Alfredo (1996), p. 19.

2. O QUE SE POSTERGA EM PROMESSA

Velas içadas e timão: uma corrente ancora a nau, enovelada nas águas. Pequenas linhas, do recente embalo do barco, continuam a empolar as águas; pequenos riscos e rascunhos que se rabiscavam atrás da nave desaparecem depois da âncora que fere fundo e quase freia. Talvez não seja uma boa estratégia aportar de imediato. Talvez seja mesmo impossível, diante das inconstâncias e nossa função seja somente olhar e apontar os rasos riscos que rascunham esse mar tão profundo.

Teria sido esse nosso objetivo: observar os riscos, os traços, os rascunhos, coletá-los e defender sua guarda e manifestação. Certamente eles são elementos para ajudar na formação de um mapa dos lugares de maior tormenta para os tradutores, podendo ajudar a nortear as reflexões e práticas advindas da tradução.

Contudo, em navegações desse tipo, esse nosso mar costuma trair até os mais experimentados. O que resta é ter uma boa comunicação, um gênio que nos posicione.

O tradutor viveria assim sua faina, não fosse a impossibilidade matemática de situar-se por um aparelho. Nossa esperança é que o ofício de tradutor possa se solidificar através do auxílio de movimentos às margens dos textos, de notas e de eventos.

Esperamos que nossa coleta de dados possa se juntar, como elementos, ou como arquivo, no sentido mais derridiano de abertura, amplitude e compromisso. Ainda que guarde em si o mal-de, inevitável, que se anarquiva e arde de paixão¹²² à disposição das discussões, sempre à espera de algo a mais, inaudito, até então impedido. Nessa discussão, alguns eventos importantes já foram realizados no Brasil, sob responsabilidade de alguns

¹²² Jacques Derrida, in: “Mal de arquivo – uma impressão freudiana”, pp. 118-119.

grupos de pesquisas ligados às desconstruções e à obra de Jacques Derrida. Destes eventos, podemos citar, por exemplo, as três vindas de Jacques Derrida ao Brasil.

A primeira ocorreu em 04 de dezembro de 1995, a convite de Leyla Perrone-Moisés, onde ele pronunciou a conferência *Histórias da mentira: prolegômenos*. A tradução para o português foi de Jean Briant, preparação de Hermínia Antonia G. Bernardini e revisão de Leyla Perrone-Moisés.– encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta. O evento teve a organização do Núcleo de Pesquisa Brasil-França (Nupebraf), do Instituto de Estudos Avançados da USP, Departamento de Filosofia da FFLCH-USP e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP); teve também apoio da *Folha de S. Paulo*.

Em junho de 2001, Derrida participou de debates em torno de sua obra, junto com o psicanalista René Major, intitulado “Os Estados Gerais da Psicanálise”. De 16 a 18 de agosto de 2004, Jacques Derrida veio ao Brasil, em sua última viagem ao exterior, a convite de Evando Nascimento, um dos organizadores do evento intitulado Jacques Derrida 2004: Pensar a Desconstrução – Questões de Política, Ética e Estética, que foi uma parceria do Consulado Geral da França e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFJF. A fala de abertura foi de Derrida, que pronunciou seu texto *O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*

Os participantes do Colóquio foram: Alcides Cardoso dos Santos (UNESP), Anamaria Skinner (UFRJ), Bernard Stiegler (Ircam), Denis Rosenfield (UFRGS), Evando Nascimento (UFJF), Fernanda Bernardo (Universidade de Coimbra), Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP), Kathrin Rosenfield (UFRGS), Lena Bergstein (Artista Plástica), Leyla Perrone-Moisés (USP), Luiz Fernando Medeiros de Carvalho (UFF/UES), Marcos Siscar (UNESP), Maria Clara Castellões de Oliveira (UFJF), Paula Glenadel (UFF), Paulo

Cesar Duque-Estrada (PUC/RJ), Paulo Ottoni (UNICAMP), Silvano Santiago (UFF), Wander Melo Miranda (UFMG).

Houve alguns outros eventos, como o Colóquio *Em Torno de Jacques Derrida*, em abril de 2000, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, que resultou no livro de mesmo título publicado pela editora 7Letras. O professor Evando Nascimento coordena o Projeto “Desconstruções da Cultura”, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Os participantes do evento que tiveram seus textos publicados no livro foram: Adriana Córner Lopes do Amaral, Alcides Cardoso dos Santos, Anamaria Skinner, André Rangel Rios, Andréia Delmaschio, Carlos Bernardi, Evando Nascimento, Kanavillil Rajagopalan, Lena Bergstein, Luiz Fernando Medeiros de Carvalho, Luiz Beatriz Amorim Mello Alvim, Marcos Leal Marques, Marcos Siscar, Paula Glenadel, Serge Margel e Véra Lucia dos Reis.

Outros Grupos de Pesquisa ligados à desconstrução:

O Grupo "Traduzir Derrida: Políticas e Desconstruções", que "tem como objetivo principal discutir e traduzir a obra de Derrida e promover pesquisas e reflexões, sobre a tradução e o traduzir, dentro do que hoje podemos chamar de desconstruções" atua sob a coordenação do Prof. Dr. Paulo Ottoni, na Unicamp, onde desenvolve-se um projeto rigoroso de estudos e traduções de Derrida¹²³. As principais atividades deste grupo são:

- 1- Traduzir a obra de Derrida;
- 2 – Organizar periodicamente eventos, encontros, colóquios, debates, para a divulgação das atividades tradutórias em torno da obra de Derrida e de pesquisas realizadas na área;
- 3 - Organizar, em conjunto com as bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas, mas,

¹²³ www.unicamp.br/iel/traduzirderrida.

principalmente, a do Instituto de Estudos da Linguagem e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, uma “Coleção Jacques Derrida”, que se comporia de livros e artigos de Derrida, traduções em várias línguas, documentos, já disponíveis nos acervos citados, e, ainda, de material informativo, a ser elaborado pelo Projeto. 4 - Criar e gerenciar um site para o Projeto, com o objetivo de divulgar, tanto nossas atividades acadêmico-tradutórias quanto nossas pesquisas em torno da obra de Jacques Derrida, abrindo, deste modo, uma via de interação com outros sites e grupos de pesquisas. A postura teórica subjacente a todo este Projeto é a da impossibilidade de estabelecer uma fronteira entre tradução e desconstrução (no plural), o que nos coloca (entre uma prática política e uma concepção de linguagem) a responsabilidade de traduzir o in-traduzível.

O Grupo Traduzir Derrida realizou dois eventos nomeados como Colóquio[s] Traduzir Derrida, sendo o segundo em conjunto com o GREEC, conforme dissemos acima. O primeiro foi realizado em 21 e 22 de agosto de 2003, tendo a participação de Leyla Perrone-Moisés, Evando Nascimento, Marcos Siscar, Kanavillil Rajagopalan, Anamaria Skinner, Antonio Romane, Olívia Niemeyer, Paulo Ottoni, Márcio Seligmann-Silva, Fábio Landa, Luiz Fernando Carvalho, Rogério da Costa, Alcides Cardoso dos Santos, Elida Ferreira, Francisco de Fátima da Silva e Cristina C. Rodrigues.

O Grupo realizou também, no mesmo período, uma exposição de obras, fotos e documentos denominada DERRIDA – A TRADUZIR, de 18 de agosto a 03 de outubro de 2003.

O GRECC (Grupo de Estudos em Crítica Contemporânea)¹²⁴, da Universidade Estadual Paulista, *campi* de Araraquara e de S. J. do Rio Preto, atualmente sob a coordenação do Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos, tem como propósito, "tais como a desconstrução, os estudos culturais, os estudos de gênero, a teoria da tradução e os estudos pós-colonialistas". O grupo organiza eventos de teoria sob inspiração derridiana.

Entre as publicações do grupo, destaca-se a obra coletiva "Os Estados da Crítica", que reúne artigos dos membros do grupo, pertencentes à UNESP, e trabalhos de pesquisadores de renome, oriundos da UNICAMP (Paulo Franchetti, Paulo Ottoni, Maria José Coracini), da UFF (Paula Glenadel, Luiz Fernando Medeiros Carvalho), da UERJ (Luiz Costa Lima) e da UFJF (Evando Nascimento). Parte desses artigos é o resultado dos trabalhos de 2002, quando o grupo organizou seu I Simpósio, intitulado "Os Estados da Crítica", na UNESP Campus de Araraquara, que contou com ampla audiência por parte de docentes e alunos de pós-graduação e graduação. Nessa oportunidade, ao discutir o estado das teorias ligadas ao texto, as discussões se encaminharam para a dimensão política do discurso crítico.

O GRECC realizou também o II Simpósio do GRECC, "Lugares Institucionais da Teoria", realizado entre 4 e 5 de novembro de 2003, na UNESP Campus de São José do Rio Preto e, de 20 a 22 de junho de 2005, o Simpósio Internacional: Desconstrução e Contextos Nacionais – III Simpósio do GRECC, na UNESP de Araraquara. Este Simpósio foi um evento em conjunto com o Projeto Traduzir Derrida, tendo sido também o II Colóquio Traduzir Derrida.

¹²⁴ Todas as informações deste grupo foram retiradas a partir de seu site, www2.fclar.unesp.br/grupos/framegrecc.htm.

O Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução, sob coordenação do Prof. Dr. Paulo César Duque-Estrada, desenvolve uma pesquisa em torno do pensamento de Derrida com seus alunos da PUC/RJ. Publicação: *Às Margens - A propósito de Derrida* (Rio de Janeiro: PUC/RJ, Loyola, 2002). Para maiores informações sobre esse grupo, entramos em contato com o Prof. Dr. Paulo César Duque-Estrada, que respondeu da seguinte forma:

O Need foi criado, oficialmente, logo após a publicação do livro "Às Margens: a propósito de Derrida", Ed. PUC-Rio. 2002, reunindo textos sobre Derrida e com base nos temas e discussões desenvolvidos nos meus cursos da pós-graduação. Nesta mesma linha, e já como realização oficial do Need, foi publicado, em 2004, pela mesma editora, "Desconstrução e Ética: Ecos de Jacques Derrida." O Need pretende ser um grupo permanente de pesquisas e discussões inspiradas e provocadas por Derrida, sem necessariamente se limitar à sua obra. O nosso site deverá estar pronto em breve; será um prazer informá-lo quando ele estiver disponível¹²⁵. No site da Editora PUC-Rio você poderá encontrar uma entrevista que dei, a propósito da publicação de "Desconstrução e Ética..." onde falo um pouco sobre o nosso núcleo de estudos. [...].

No site¹²⁶ da Editora PUC-Rio pudemos ver que, no livro, entre outros assuntos, mais algumas informações sobre o NEED, como as que seguem "O objetivo do NEED é garantir um ambiente permanente de pesquisas e discussões não somente sobre o

¹²⁵ http://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/filosofia/site_need/apresentacao.html

¹²⁶ http://sphere.rdc.puc-rio.br/noticias/editorapucRio/autores/autores_entrevistas_paulo_cesar_duque.html

pensamento de Derrida, mas também de outros pensadores e temas afins à desconstrução. É um núcleo, eu diria, transdisciplinar e transautoral.”

Já no momento de deixar em arquivo, à espera, cumpre ainda fazer algumas observações antes do fecho.

Quanto à nossa promessa, logo nas linhas introdutórias, de analisar prefácios e posfácios, não pudemos encontrar, no período delimitado, pelo menos um que fosse de tradutor. Contudo, optamos por deixar nossa proposta de análise até o fim dos trabalhos, porque a procura foi feita, embora sem sucesso. Contudo, o próprio impasse de não encontrarmos nada já é um passo que pode deixar uma contribuição às discussões, no sentido de que se consiga um espaço, sem freios editoriais ou qualquer outro que surja. A respeito de nosso questionamento inicial, acreditamos ainda que, embora tenha havido um certo número de manifestações que se mostraram úteis como informação e estratégia para a análise tanto acadêmica quanto profissional das traduções efetuadas, se houvesse uma política de incentivo aberta à presença manifesta do tradutor, a contribuição seria muito maior ao desenvolvimento das atividades de tradução. Os anexos desta dissertação, que nada mais são do que a coleta das manifestações tradutórias, podem servir ainda como fonte para trabalhos futuros de análise das obras e suas traduções. A reflexão crítica se instala a partir das análises e desconstruções de cada leitor-tradutor, que poderão, como fez Silvano Santiago e outros, aplicar-se ao seu campo teórico e refletir em tradução como transformação e formação.

ANEXOS

ANEXO I

TRADUTORES DE DERRIDA NO PERÍODO DE 1968 A 1986.

Neste anexo buscaremos apresentar a atividade de cada tradutor ou envolvido que pudemos contatar, nos questionamentos surgidos, a partir de nossas pesquisas durante esse período e das traduções analisadas. Apresentaremos um currículo dos tradutores brasileiros a partir do site da CAPES, quando possível, para tentar dirimir algumas dúvidas. Em caso de tradutores europeus, procedemos a uma pesquisa bibliográfica e a uma busca pela internet. Além das correspondências com os tradutores, ao final relacionaremos todas as correspondências que mantivemos com as editoras.

A forma de contato que buscamos foi sempre pela internet, através de sites de universidades, de editoras, de buscas e de o mais que esse recurso nos possibilitou. Infelizmente, não foi possível contato com todos os envolvidos pela forma proposta.

A tentativa de manter uma única linha de conduta e abordagem, de certa forma, nos impediu de proceder a um aprofundamento pertinente nas questões¹²⁷. Nossa decisão, contudo, ocorreu com base em vários aspectos decisão de pesquisas e entrevistas pela internet ocorreu por vários aspectos, entre eles, questões de economia.

Optamos por entrevistas semi-estruturadas, por entender que as mesmas, ao mesmo tempo em que dessem liberdade aos entrevistados, estariam ligadas entre si por uma seleção de interesses nossos.

Cada tradutor ou tradutora teve as seguintes perguntas, de um modo geral:

¹²⁷ Sugerimos um trabalho mais amplo de pesquisa e entrevistas, envolvendo novos parâmetros, que provavelmente necessite do apoio de alguma agência de fomento à pesquisa.

- a) Há algum fato ou data, relativo à sua tradução ou à discussão sobre desconstrução, de que V.Sa. se lembre, durante o período de 1968 – 1986, a respeito do qual queira se manifestar?
- b) Quais atividades V.Sa. vinha realizando no período em destaque?
- c) Por fim, as perguntas se referiram a particularidades inerentes a cada tradução.

Não conseguimos contato com os seguintes tradutores: Antônio Ramos Rosa, Eduardo Prado Coelho, Maria Eduarda Reis Colares (co-tradutora em “Estruturalismo – antologia de textos teóricos), Maria Beatriz Marque Nizza da Silva, Miriam Schnaiderman, Maria Margarida Correia Calvente Barahona, Carlos Alverto Vogt, Clarice Sabóia Madureira, Rui Magalhães e Joaquim Torres Costa.

ANTONIO RAMOS ROSA -

É considerado um dos melhores poetas portugueses contemporâneos, tendo sido fundador e co-diretor de algumas revistas, nas décadas de 50/60, colaborador em diversas publicações portuguesas, assim como em publicações francesas, espanholas e brasileiras. Organizou e prefaciou várias antologias, foi tradutor de algumas obras e publicou vários artigos em diversos jornais e revistas, revelando-se também como ensaísta.

Na lista de suas obras traduzidas, curiosamente não se fala de sua tradução de Derrida, ou da participação no livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”, uma vez que a maioria dos textos foram traduzidos por ele e Eduardo Prado Coelho. Em sua bibliografia também não aparece nada. No entanto, aparece um livro seu publicado em 1969, pela Portugália Editora (“A Construção do corpo”), a mesma editora que publicara o texto de nossa análise.

EDUARDO PRADO COELHO - embora não tivesse traduzido, foi o organizador do livro “Estruturalismo - antologia de textos teóricos” e dirigiu a coleção em que o livro

“Posições” foi publicado. O texto de introdução ao livro “Estruturalismo” foi de sua autoria e faz um panorama do Estruturalismo e o pós-estruturalismo na Europa, naquela época.

RENATO JANINE RIBEIRO – Professor Titular de Ética e Filosofia Política, Universidade de São Paulo. Diretor de Avaliação da Capes - Ministério da Educação – Brasília. Obteve Livre docência pela USP em 1991. Recebeu o Prêmio Jabuti em 2001 e o Prêmio da Ordem do Mérito Científico, de Ciência e Tecnologia. Seu último livro publicado foi “O afeto autoritário - televisão, ética, democracia” (2005). Janine Ribeiro gentilmente nos respondeu que estaria à disposição, embora, dada a longa data desde a publicação de sua tradução, disse não ter mais lembranças que acreditasse serem importantes (para nós, contudo, suas informações foram muito valiosas).

Fizemos três perguntas, que foram as seguintes:

- 1) Há algumas notas de tradutor onde não se consta "(N. dos T.)", sendo que a grande maioria delas ocorre quando Vsas. citam bibliografia brasileira de livros citados por Derrida ao longo dos textos. Isso foi uma coincidência ou uma posição de tradução?
- 2) Podemos notar, pelas notas de rodapé, que Vsas fizeram um trabalho muito extenso de pesquisa. No entanto, as palavras em grego não sofreram atenção especial nos rodapés. Há alguma razão de que se lembre, sobre isso?
- 3) Pude averigüar que muitos dos tradutores, de alguma forma, foram afetados pela ditadura, o AI-5 em específico. Algo também aconteceu com Vsa.? Lembra-se de suas atividades profissionais nessa época?

Suas respostas foram:

- 1) Faz tanto tempo que não lembro. Sei que o fato de traduzirmos autor tão atento à precisão da linguagem, quanto Derrida, nos levou a cuidados extremos, alguns dos quais hoje entenderia quase como preciosismos. Por

exemplo, na tradução que Lourival Gomes Machado fez do Ensaio sobre a origem das línguas, de Rousseau, ele traduz *Donnez de l'argent* por *Dai ouro*. Alteramos para *dai prata*, ou *dai dinheiro*, [p.367 – trata-se de uma nota à nota de rodapé, com um comentário dos tradutores] não lembro, mas de todo modo ficou mais preciso (era necessário adequar isso ao que Derrida dizia, sempre remetendo a metáforas etc). Como Derrida inventava palavras (p. ex. *différance*), demo-nos o mesmo direito ou dever. Um caso, pelo menos, ficou esquisito: quisemos, não lembro exatamente a propósito de quê, escrever *phantasia* em vez de *fantasia*, e justificamos isso numa nota de rodapé Mas o revisor da editora "corrigiu" nosso suposto erro, substituindo o PH pelo F. Dávamos como razão desta escolha o próprio fato de ser uma diferença (F e PH) inaudível, como a entre *différence* e *différance*. Mas o revisor, impávido, deixou a justificativa e mudou a nossa fantasia. [p. 110 – trata-se de uma nota de rodapé ao rodapé. Embora o revisor da editora “corrigisse”, escrevendo fantasma com *f* em vez de *ph*, ele não teve o cuidado de retirar então a nota dos tradutores].

2) Não lembro por quê. Provavelmente, não houve razão alguma para isso.

3) Não, que eu me lembre. Derrida não representava diretamente qualquer problema político. Lembro que, por aquela época, a ed. Zahar traduziu *Pour Marx* (Em favor de Marx), de Louis Althusser, e deu-lhe o título de *Análise crítica da teoria marxista*. É óbvio que esse título, com suas referências cartesiana (análise) e kantiana (crítica), não se sustentava, mas é mais óbvio ainda que foi a maneira de evitar que a repressão abrisse o livro. Ou seja, o livro de Althusser passou incólume pela repressão.

CARLOS ALBERTO VOGT – Pós- los A. Vogt é Pós-doutorado na McGill University, MCGILL, Canadá e em University of South Flórida, U.S.F., Estados Unidos. *Grande área:* Lingüística, Letras e Artes / *Área:* Lingüística / *Subárea:* Teoria e Análise Lingüística. Professor Titular da Unicamp desde 1986. Seu último livro publicado foi “Percepção

Pública da Ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai” (2003). Atualmente é diretor da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

CLARICE SABÓIA MADUREIRA - Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Letras.

LUIZ COSTA LIMA - Doutor em Letras pela USP. Autor de mais de 20 livros. Um dos livros que escreveu e estão relacionados de certa forma às discussões que encaminhamos foi: “O Estruturalismo de Lévi-Strauss” (1968). Escreveu durante o período em que estamos analisando vários outros livros sobre o Estruturalismo. O último livro publicado foi: Limites da Voz (Montaigne, Schlegel, Kafka) (2005).

Este tradutor gentilmente nos respondeu, embora nem se lembre de ter feito esta tradução. No entanto, seu relato foi muito importante e esclarecedor. Transcrevemos o mesmo abaixo, *ipsis literis*:

Apresso-me em responder sua pergunta, só lamentando que seja muito pouco o que tenho a lhe dizer, quanto ao que fazia este eventual tradutor. Como havia sido incluído entre os cassados pelo AI/1, quando iniciava minha carreira docente da Ufederal do Recife (hoje de Pernambuco) sobrevivi inicialmente como revisor da Editora da Vozes, logo depois, já nos anos de 1970, como colaborador da Enciclopédia Delta. Ao mesmo tempo, era professor horista da PUC (RJ), passando à condição de prof. de tempo contínuo em 1972. Como vê, minha atividade docente só aos poucos se restabeleceu, tendo antes de viver através das atividades paralelas de revisor de textos (eventualmente tradutor) e redator de verbetes para enciclopédia. No caso, não se trata tanto de falha da memória quanto de marginalidade política.

ANTÓNIO M. MAGALHÃES - este tradutor respondeu-nos da seguinte forma, transcrita *ipsi literis*.

Caro Senhor

Não sou, neste momento tradutor. O trabalho a que se refere tem mais de vinte anos. Entretanto o meu percurso académico, como investigador e professor, sem me ter afastado do desconstrucionismo inspirado em Derrida, faz com que não veja com muita oportunidade uma entrevista sobre algo tão afastado no tempo. Tenho imensos compromissos institucionais, e tomei como critério recusar assumir tudo aquilo que me afaste do meu trabalho actual, pelo que agradecia que seleccionasse outro entrevistado, nomeadamente alguém mais envolvido com o ofício da tradução do que eu. Espero que compreenda. Com os melhores cumprimentos. António M. Magalhães

Mesmo diante da resposta deste tradutor, insistimos e conseguimos uma breve entrevista, quando o Prof. António M. Magalhães respondeu a três perguntas:

- 1) qual a razão da editora Rés não ter publicado o texto O Poço e a Pirâmide na sua tradução de Margens da Filosofia, uma vez que na edição desta tradução em 1991, no Brasil (pela Papyrus Editora), já consta o texto?
- 2) Vsa. tem lembrança das atividades profissionais que estava realizando na época?
- 3) Vsa. tem contacto atualmente, ou o endereço eletrônico de Joaquim Torres Costa?

1. Tanto eu como Joaquim Torres, questionamos, obviamente, o facto do texto a que se refere não ter sido incorporado na tradução. A razão que nos foi dada foi que já constava de uma selecção de textos que a editora tinha, então, também editado (não tenho a referência dessa colectânea).
2. Na altura, era professor do ensino secundário, tal como Joaquim Torres.
3. Não tenho contacto, nem o endereço electrónico, de Joaquim Torres.

Fizemos uma consulta à editora Rés, perguntando sobre o fato do texto *O Poço e a Pirâmide*, ter sido publicado no livro “Hegel e o Pensamento Moderno”, 1979 (pp. 39 - 107) e não ter sido publicado na tradução “Margens da Filosofia” (1986), uma vez que este texto faz parte de “Marges de la philosophie”. Perguntamos se haveria alguma justificativa pela não publicação deste texto na tradução, se isto estaria relacionado ao fato desse texto já ter sido publicado em 1979, ao que a Editora Rés respondeu que “a inclusão ou não de textos nas obras abaixo mencionadas se deveu exclusivamente a razões de ordem editorial”¹²⁸.

¹²⁸ Veja cópia desta carta em *Correspondências das editoras*, p. 111.

Correspondências das editoras

Para que possa servir, pelo menos como levantamento em pesquisas futuras, mas também para que, de alguma forma possamos registrar a presteza das entrevistadas e, ao mesmo tempo, a forma “espontânea” com que lidam com questões editoriais que envolvem o resultado de um trabalho do tradutor e mesmo do autor, listaremos a partir de agora todos os contatos e tentativas de contato com as editoras que consideramos importantes para o nosso trabalho. Relataremos a razão e o resultado de cada busca. Começaremos pelas datas das publicações.

PORTUGÁLIA EDITORA

Não conseguimos endereço dessa editora. Pela busca que fizemos, provavelmente esta editora não existe mais. Pelo menos no mundo virtual. Procurávamos contato com esta editora para saber sobre a data de publicação do livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos” e para saber o endereço de Eduardo Prado Coelho e Antonio Ramos Rosa. Não conseguimos os endereços, e a data de publicação do livro (1968) só foi possível através da Biblioteca Nacional de Portugal.

LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA

Esta editora foi contatada para que nos desse a informação acerca da publicação da edição brasileira de “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”. A resposta foi a seguinte:

Penso que, infelizmente não poderei ajudá-lo muito.

A tradução do texto de Derrida é a mesma da edição da Portugália, publicada na *Antologia de textos teóricos do Estruturalismo* em 1968.

Para a edição feita no Brasil, para a Martins Fontes, foram usados filmes da edição portuguesa. Não se trata, portanto, de uma edição brasileira diferente, mas de uma impressão no Brasil da mesma edição. E isso deve ter ocorrido no início dos anos 80 .

Sinto não poder ajudar mais.

Cordialmente,

Luis Lorenzo Rivera

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330

01325-000 São Paulo-SP Brasil

Tel: + 55 11 3241-3677

fax: + 55 11 3105-6867

e-mail: lriviera@martinsfontes.com.br

<http://www.martinsfontes.com.br>

RÉS EDITORA

Perguntamos a esta edição principalmente a data de edição da obra “Margens da filosofia” (1986) que não constava impressa. A resposta foi a seguinte:

Com os n/ cumprimentos, e em resposta à V/ solicitação, somos a informar que ocorreu apenas uma edição de cada uma das obras referidas, pelo que não se verificaram modificações significativas no texto que as compõe.

Acrescentamos ainda quais foram as datas das nossas edições, em língua portuguesa:

Hegel e o Pensamento Moderno - 1979

Margens da Filosofia - 1986

Na expectativa de que tenhamos sido úteis a V. Sr.^a, somos

Atentamente

Rés-Editora, Lda

Praça Marquês de Pombal, 78

4000-390 Porto Portugal

[...]

E-Mail: res-editora@res-editora.pt

URL: www.res-editora.pt

Esta editora gentilmente também nos informou o endereço eletrônico de um dos tradutores: “Com os n/ cumprimentos, somos a facultar, de acordo com o solicitado, contacto electrónico do Professor Doutor António Magalhães: antonio@fpce.up.pt. Atentamente. Rés-Editora, Lda”

A Editora Rés respondeu ainda a respeito de suas duas traduções de Derrida, dando a razão de *O poço e a pirâmide* ter constado na obra “Hegel e o pensamento moderno” (1979) e não aparecer em “Margens da Filosofia” (1986).

Somos a informar que a inclusão ou não de textos nas obras abaixo mencionadas se deveu exclusivamente a razões de ordem editorial.

Na expectativa de termos sido úteis a V.Sr.^a, e desejando o melhor sucesso para o V/ trabalho, somos Atentamente

Rés-Editora, Lda

Praça Marquês de Pombal, 78

4000-390 Porto Portugal

EDITORA PERSPECTIVA

Entramos em contato com esta editora para questionarmos a respeito dos três textos (“*Cogito et histoire de la folie*”; “*Violence et métaphysique - Essai sur la pensée d’Emmanuel Levinas*” e “*De l’économie restreinte à l’économie générale - Un hegelianisme sans réserve*”) não terem sido publicados em “A Escritura e a diferença”, ao passo que obtivemos a seguinte resposta:

Agradecendo o seu e-mail a respeito do livro de Derrida: A Escritura e a Diferença, devo esclarecer que realmente os três textos arrolados haviam sido retirados do original por sugestão do Conselho Editorial, porém, estão traduzidos e na próxima reimpressão do título serão adicionados ao mesmo. Cordialmente.

Editora Perspectiva. Fany Kon

ANEXO II

NOTAS DOS TRADUTORES

Este anexo transcreve todas as notas e observações dos tradutores sobre as obras traduzidas em estudo, sem modificação alguma, fazendo anteriormente, a descrição de particularidades, acréscimos ou omissões das traduções. Isto será feito seguindo a ordem cronológica, ao longo de cada obra, na seqüência das páginas. Os comentários sobre as traduções estão apresentados, em sua grande maioria, nas análises feitas nessa dissertação, em especial em seu capítulo III.

Indicaremos primeiramente a página da tradução, e, a seguir, entre parênteses, quando acharmos possível ou necessário, o número da página do “original”.

1. *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas, in:*

Antologia de textos teóricos

Tradução: António Ramos Rosa.

Foram usadas notas de rodapé numeradas a cada página.

p. 101

1 Texto extraído de *L'écriture et la différence*, de Jacques Derrida, Collection “Tel Quel”, ed. du Seuil, pp. 409-428, 1967. Este texto reproduz uma conferência pronunciada no Colóquio Internacional da Universidade Johns Hopkins (Baltimore) sobre “As linguagens críticas e as ciências do homem”, a 21 de Outubro de 1966. – *N. do T.*

p. 111

Comentário sem identificação de autoria, mas que provavelmente é de responsabilidade do organizador da obra.

1 Este texto está incluído nesta antologia. Ver. p. 367. (sic)

p. 113

1 Ver chamada da p. 101 – *N. do T.*

p. 118

1 Este ensaio foi incluído nesta antologia. Ver. p. 149. – *N. do T.*

p. 120 (p. 425 FR)

No texto FR a palavra consta como *résumption*.

1 No original *résomption*. – *N. do T.* (sic)

p. 122 (p. 427 FR)

1 Em francês “trace”: o conceito de Derride (sic) para designar não a diferença, mas o movimento puro que produz a diferença e torna impossível um pensamento de origem. (*E.P.C.*)

(p. 428 FR)

2 No original, *différance*.

p. 123

(Trad. de A. R. R.)

2. A Escritura e a diferença

Tradução : Maria Beatriz Marques Nizza da Silva.

A obra só teve 03 notas de rodapé da tradutora. Ao manter as notas de rodapé do autor, as notas de tradução tiveram uma única numeração seqüencial ao longo de cada capítulo, enquanto nas notas do autor as notas foram numeradas separando-se seqüencialmente a cada página.

p. 72 (p. 116 FR)

“(*) Sobre *différence* e *différance*, que traduzimos por *diferância*, ver o artigo de Jacques Derrida, *La Différance*, em *Théorie d’ensemble*, ed. Du Seuil, 1968. (N. da T.)”

p. 76 - (p. 431 FR)

“(*) Valemo-nos da tradução portuguesa dos conceitos de *présence à soi* (presença a si) e *identité à soi* (identidade a si) do livro de Régis Jolivet, *As Doutrinas Existencialistas*, Livr. Tavares Martins, Porto, 1957. (N. da T.)”

p. 123 (p. 268 FR)

“(*) O jogo de palavras é feito em francês com a palavra *vol*, vôo e roubo. (N. da T.)

p. 128 (p. 272 FR)

“(*) Há aqui um jogo de palavras entre *propre*, *próprio*, e *propre*, *limpo*, do latim *proprius* e *proche* próximo, do latim *proprius*. (N. da T.)”

Na tradução não se colocou uma nota de rodapé do autor, com asterisco, que transcrevemos abaixo (p. 292 FR):

* Longtemps après avoir écrit ce texte, je lis dans une lettre d'Artaud à P. Loeb (cf. *Lettres nouvelles*, N° 59, avril 1958) :

“ce trou de creux entre deux soufflets
de force

qui n'étaient pas...

(septembre 1969).¹²⁹

3. Gramatologia

Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro.

As notas dos tradutores estão sempre marcadas inicialmente por asteriscos (*) e ao final por parênteses: “(N. dos T.)”, quando não fazem o corpo de algumas notas de rodapé do próprio autor (numeradas a cada capítulo do livro). Estas, ainda assim, ao final marcam-se com os parênteses (N. dos T.). Optamos nestes casos por transcrever somente os acréscimos dos tradutores, por sua vez usando a numeração da nota de rodapé do autor, em vez do asterisco, tal como consta na tradução.

Notamos que algumas notas do autor foram acrescidas de indicação de notas dos tradutores “(N. dos T.)” sem no entanto ter havido de fato qualquer nota destes. Não conseguimos precisar o porquê dessas ocorrências, mas acreditamos tratar-se de erros de edição. As notas que constarem estes erros serão listadas na ordem respectiva, quando serão apontadas.

p. VII (p. 7 FR)

*Para deixarmos clara a distinção existente em francês entre *besoin* (exigência nascida da natureza ou da vida social; estado de privação) e *necessité* (obrigação, coerção inelutável encadeamento necessário na ordem das razões ou das matérias – eventualmente também um *besoin* imperioso), decidimos representá-los respectivamente por *necessidade* e *Necessidade*, Autoriza-nos a esta distinção, puramente gráfica e sem expressão fonética, a justificativa que dá

¹²⁹ "Este buraco do oco entre os dois sopros de força que não eram sopros ..."

o Autor para a palavra *différance* (port. diferença), inventada por ele mesmo para distinguir-se de *différence* (port. diferença): “...este silêncio, funcionando no interior somente de uma escritura dita fonética, assinala ou lembra de modo muito oportuno que, contrariamente a um enorme preconceito, não há escritura fonética. Não há escritura pura e rigorosamente fonética. A escritura dita fonética só pode funcionar, em princípio e de direito, e não apenas por uma insuficiência empírica e técnica, se admitir em si mesmo signos ‘não-fonéticos’ (pontuação, espaçamento, etc) que, como se perceberia muito rapidamente ao examinar-se a sua estrutura e Necessidade, toleram muito mal o conceito de signo. Ou melhor, o jogo da diferença é ele mesmo silencioso. A diferença entre dois fonemas é inaudível, e só ela permite a estes serem operarem como tal” (“La différence, in *Théorie d’ensemble*, obra coletiva, Aux Editions du Seuil, 1968, pp 41-66). (N. dos T.) (sic)

p. VIII (p. 8 FR)

* Sobre este termo, ver a segunda nota que fizemos no capítulo IV da Segunda Parte. (N. dos T.)

p. 3 (p. 11 FR)

* Indicamos, nos locais apropriados, quando usamos tradução brasileira dos textos referidos pelo Autor. Muitas vezes, porém, devido à precisão vocabular de Derrida, fomos levados a alterar sensivelmente certas passagens das traduções citadas, o que fizemos sem indicação específica em cada caso. (N. dos T.)

p.4 (p.12 FR)

Consta nas notas de rodapé nº 1 e 2 a indicação de que haveria nelas também notas dos tradutores, no entanto nenhum acréscimo foi notado.

p. 5 (p. 13 FR)

* Descolocar: termo pelo qual traduzimos o verbo francês *disloquer*. Este difere de *déplacer* (deslocar), bem mais freqüente, por incluir uma idéia de *violência* no movimento que imprime. Também tem o sentido – importante em nosso contexto – de efetuar o despejo de um locatário do seu *alojamento*. N. dos T.)

** Referenciar: verbo pelo qual traduzimos o francês *repérer*, composto do substantivo *repère* que é, mais simplesmente, “ponto de referência”. O verbo derivado indica a ação de colocar ou instalar pontos de referência, que podem – em sentido mais concreto – ser postes ou marcos numa estrada, ou – também – a operação de introduzir marcos de referência num texto. (N. dos T.)

(Acréscimo à nota do autor)

4. (Observe-se que a definição de Littré é retomada, exatamente nos mesmos termos por Aurélio Buarque de Hollanda no seu *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* – onde se admite a variante *gramaticologia*.) (N. dos T.)

p. 8 (p. 16 FR)

*Sobre a noção de jogo e signo, convém ler “A Escritura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, in *A Escritura e a Diferença*. Ed. Perspectiva, 1971. (N. dos T.)

p. 12 (p. 18 FR)

*a expressão *donner le change* foi traduzida por *enganar*, pois tem esse sentido na linguagem corrente. (N. dos T.)

p. 15 (p. 22 FR)

* Em francês, os verbos *réfléter e réfléchir* - cuja distinção encontra correspondência, em português, nos substantivos *reflexo e reflexão*. (N. dos T.)

** Traduzimos por *acepção* o substantivo *affection*, visto que o Autor, ao empregá-lo, joga constantemente com o seu duplo sentido: *afeição e afecção*. (N dos T.)

p. 17 (p. 26 FR)

* Ao grafarmos desta maneira a tradução do termo *méconnaissance* (e seus compostos), quisemos frisar a atitude implicada de *recusa* ou *negação* de reconhecimento e conhecimento. Não se trata de simples ignorância, porém de um gesto ditado por má-fé (não reconhecer um parente ou ato seu) ou, mais geralmente, pela clausura da época (numa certa data, certos pensamentos e até percepções são impossíveis). – Mantivemos, porém, a tradução já consagrada de *irreconhecível* para o adjetivo *méconnaissable*. (N. dos T.)

** O verbo francês *entendre* é mais usualmente traduzido como *ouvir*; no entanto, também tem a acepção de “compreender”, “entender” – e o Autor pressupõe este duplo sentido ao utilizá-lo. Embora em português o verber *entender* seja mais freqüentemente usado como sinônimo de “compreender”, também pode significar “ouvir” – e, ao empregá-lo em certos contextos, procuramos manter a ambigüidade pretendida por Derrida. (N. dos T.)

p. 18 (p. 26 FR)

* O autor desenvolve esta análise no seu artigo *la pharmacie de Platon*, publicado inicialmente nos nºs 32 e 33 da revista *Tel Quel* (inverno e primavera de 1968) e mais tarde reunido em *La Dissémination*, Aux Éditions du Seuil, 1972. (N. dos T.)

p. 19 (p. 28 FR)

*Segundo Nathan Ausubel, porém, (em *Conhecimento Judaico*, Rio de Janeiro, Editora Tradição, 1964, p. 250), a citação é de Johanan ben Zakai, que viveu no século I, e o texto é o seguinte: “Se os céus fossem feitos de pergaminho, se todas as árvores da floresta fossem transformadas em penas de escrever, e se todos os seres humanos fossem escribas, ainda assim seriam insuficientes para que se escrevesse e registrasse tudo o que aprendi de meus mestres. E no entanto toda a sabedoria que adquiri nada mais é do que a água que um cão pode lambem do mar!” (N. dos T.)

p. 22 (p. 31 FR)

*O substantivo francês *trace* não deve ser confundido nem com *trait* (traço) nem com *tracé* (traçado), pois se refere a marcas deixadas por uma ação ou pela passagem de um ser ou objeto (*Dictionnaire Robert*). Por isso o traduzimos como *rastro*. (N. dos T.)

p. 23 (p. 32 FR)

* Em francês, *percée*: antônimo de *Clausura* (ou fechamento). Trata-se da abertura – feita à força – que “proporciona uma passagem ou dá um ponto de vista”; “ação de fender, romper as defesas do inimigo” (*Robert*). (N. dos T.)

p. 24 (p. 33 FR)

*O termo francês *devenir* traduz-se *devir* quando substantivo, *vir-a-ser* ou *tornar-se* quando verbo. (N. dos T.)

p. 25 (p. 34 FR)

**Encetar*, tradução do verbo *entamer*, que o *Dictionnaire Robert* define como: - “Cortar por incisão; tirar uma parte, cortando, de alguma coisa ainda intata; cortar, penetrar” (neste sentido, o dicionário remete ao verbo *percer*, traduzido por nós como *arrombar*); b – “Pôr a mão em (algo a fazer)”. No *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*, encontramos os seguintes sentidos para o verbo *encetar*: “principiar; começar a gastar ou a cortar; tirar parte de; estrear; experimentar; *pron.* estrear-se; fazer alguma coisa em primeiro lugar ou pela primeira vez”. (N. dos T.)

p. 27 (p. 36 FR)

* “A garantia da voz silenciosa das fontes ocultas”. (N. dos T.)

p. 27 (p. 36 FR)

12. [Recorremos para a *Introdução à Metafísica*, à tradução brasileira de E. Carneiro Leão, Tempo Brasileiro (Rio), 2ª edição, 1969. O texto citado acha-se nas pp. 67-68 – (N. dos T.)]

p.28-9 (p. 37 FR)

Esta nota de rodapé foi modificada com acréscimo de colchetes e grifos, intercalando a tradução brasileira na citação feita por Derrida, em vez da tradução francesa. Os colchetes e grifos compararam diferenças entre a tradução francesa e a brasileira. Imediatamente após o acréscimo dos tradutores na nota 13, mais duas notas foram inseridas pela tradução, comentando justamente a nota 13.

13. ...(p. 118 da tradução brasileira (sic)

... (Pusemos entre colchetes e em grifo as expressões usadas na tradução francesa, citada por Derrida, quando divergem de Carneiro Leão.) (N. dos T.)

* Sobre a palavra *Essencialização*, transcrevemos a nota de Carneiro Leão em sua tradução de Heidegger, já citada: “O verbo ‘wesen’ é arcaico em alemão. Usa-se apenas em algumas formas e palavras, como ‘gewesen’ (= sido), ‘ab-wesend’ (= ausente), ‘an wesend’ (= presente), ‘das wesen’ (= a propriedade, a essência), etc. Heidegger o reintroduziu na linguagem da filosofia. Como termo técnico de seu pensamento, significa a dinâmica pela qual um ente chega ao vigor de sua essência na existência humana. Esta dinâmica é sempre Historicamente instaurada pela vicissitude da Verdade do Ser. Para exprimir toda essa estrutura existencial usamos na tradução um neologismo, ‘essencializar’ ‘essencialização’.” (*Introdução à Metafísica*, p. 219). (N. dos T.)

** Nota de Carneiro Leão sobre História-Historiografia (*Geschichte- Histoire*): “Em geral a língua alemã tem duas palavras que se usam promiscuamente, ‘Geschichte’ e ‘Historie’. ‘Geschichte’ provém do verbo ‘geschehen’ (= acontecer, dar-se, processar-se), e significa o conjunto dos acontecimentos humanos no curso do tempo. ‘Historie’ de origem grega através do latim, é a ciência da ‘Geschichte’. Em sua filosofia Heidegger distingue rigorosamente as duas palavras, e entende, a partir de sua interpretação da História do Ser, ‘Geschichte’ dialeticamente como a iluminação da diferença ontológica. Daí poder falar em ‘Geschichte’ do ente e em ‘Geschichte’ do Ser. Traduzimos ‘Historie’ por historiografia e ‘Geschichte’ por história com minúscula e ‘Geschichte’ do Ser por História com maiúscula” (*Ibidem*, pp 77-78). (N. dos T.)

p. 29 (p. 38 FR)

*Texto publicado em português pela Livraria Duas Cidades (1969), com o título de *Sobre o Problema do Ser* e juntamente com *O Caminho do Campo*, em tradução de Ernildo Stein, revisada por J.G. Nogueira Moutinho. As citações referem-se às pp 44 e 45 desta edição. (N. dos T.)

p. 29 (p. 38 FR)

** O autor cria o termo *différance*, contrastando-o com *différence* (“diferença”) e justificando o neologismo no texto já citado, publicado em *Théorie d’ensemble*. Mantivemos a tradução *diferência*, já utilizada em *A Escritura e a Diferença*, trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, São Paulo, Perspectiva, 1971. (N. dos T.)

p. 30 (p. 39 FR)

*** Alusão a *Temor e Tremor*, de S. Kierkgaard. (N. dos T.)

Referindo-se a *Erinnerung*

* Substantivo alemão composto do verbo *erinnern* e que significa “recordação, lembrança”. Deriva-se do termo *inner*, “interior”, “interno”. (N. dos T.)

p. 31 (p. 40 FR), sobre o termo *Aufhebung*.

*Termo empregado por Hegel e que corresponde ao verbo *aufheben*, que Jean Wahl propôs traduzir em francês como “suprimir”, neologismo exemplar que dá conta do seu duplo sentido: suprimir algo, levando-o à sua máxima perfeição. (N. dos T.)

p. 32 (p. 41 FR)

14. ...(Para as citações da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, de Hegel, recorremos, com certas alterações à tradução brasileira de Lívio Xavier, em três volumes, São Paulo, Athena Editora, 1936.) (N. dos T.)

A nota nº 15 foi ligeiramente modificada pelos tradutores, colocando a indicação da tradução brasileira, embora nela não haja indicação como Nota de tradutor.

15. “A Palavra soprada”, em *A Escritura e a Diferença*, trad. De Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, São Paulo, Perspectiva, 1971.

p. 37 (p. 46 FR)

* Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 2ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1970. (N. dos T.)

Uma vez que os tradutores utilizam-se da tradução brasileira do livro de Saussure (*Curso de Linguística Geral*), a partir desta nota, todas as vezes em que se referem a esta obra, os tradutores utilizam as páginas da tradução, daí diferindo-se das páginas do *Cours de linguistique générale* em francês, citadas no original.

p. 42 (p. 52 FR)

**Efratura*, ou o mesmo que “efração” e “efracção” é termo médico para indicar – segundo Laudelino Freire – o “arrombamento”, e traduz aqui o francês *effraction*, que tem sentido jurídico de arrombar uma porta. Denomina-se “bris de clôture” a efratura cometida *de fora* da casa, segundo o *Robert*, sendo que “clôture” (palavra fundamental neste livro, por nós traduzida *clausura*) aqui se refere precisamente ao conjunto de peças que fecham e trancam uma porta. – Note-se que usamos “arrombamento” para traduzir *percée*. (N. dos T.)

p. 51 (p. 62 FR)

* Segundo o *Vocabulaire de la Psychanalyse* (Presses Universitaires de France, 1968), de Jean Laplanche e J.-B. Pontalis, o substantivo “investissement” (tradução do alemão *Besetzung*) corresponde ao inglês “cathexis” e, em português, aos termos *investimento* (que adotamos) ou *carga*. Trata-se, em Freud, de “conceito econômico: faz que uma certa energia psíquica se ache ligada a uma representação ou a um grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.” (N. dos T.)

p. 53 (p. 65 FR)

A nota de rodapé 8 (do autor) foi ligeiramente modificada pelos tradutores, que usaram a tradução brasileira da citação, em vez da francesa citada no original. Esta modificação, no entanto, não foi marcada como nota dos tradutores.

p. 55 (p. 67 FR)

* Referência à obra de Freud, *A Interpretação dos Sonhos*. (N. dos T.)

p. 58 (p. 70 FR)

Os tradutores mantiveram a citação do texto indicada na nota de rodapé 9 em inglês, assim como o original, para, no rodapé, traduzirem para o português como nota dos tradutores.

* “Símbolos crescem. Passam a ser, brotando de outros signos, particularmente de ícones ou de signos mistos que partilham da natureza de ícones ou símbolos. Pensamos somente em signos. Estes signos mentais são de natureza mista; as suas partes –símbolos são denominadas conceitos. Se um homem produz um novo símbolo, é através de pensamentos

envolvendo conceitos. Portanto, é só a partir de símbolos que um novo símbolo pode surgir. *Omne symbolum de symbolo.*” (N. dos T.)

p. 60 (p. 72 FR)

Os tradutores outra vez mantêm a citação em inglês respeitando o original, usando então o rodapé para traduzirem-na.

* “*Qualquer coisa que determina algo que não ela (o seu interpretante) para referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (o seu objeto) da mesma forma, o interpretante tornando-se por sua vez um signo, e daí, por diante ad infinitum...* Se a série de interpretantes sucessivos chega a um fim, o signo torna-se, então, pelo menos, imperfeito.” (N. dos T.)

p. 67 (p.80 FR)

* Há tradução brasileira: *A Linguística Sincrônica*, tradução de Lilian Arantes, Rio, Ed. Tempo Brasileiro, 1971. (N. dos T.)

p. 75 (p. 90 FR)

A nota de rodapé 28 teve acréscimo pelos tradutores, mesmo sem a indicação (N. dos T.). Este acréscimo, contudo, guarda um erro gráfico, ao trocar as iniciais de *Jacques Derrida* por *G. Derrida*.

28. ..., tradução francesa de G. Derrida).

p. 76 (p. 90 FR)

* O termo francês *empreinte* tem o sentido de marca por sulcos em baixo-relevo, deixadas por um corpo que é pressionado sobre uma superfície (imprensado). Ou seja, impressão deixada por uma prensa: *imprensão*. (N. dos T.)

p.78 (p. 93 FR)

* Ver nota 5, no capítulo I da Primeira Parte.

p. 80 (p. 96 FR)

* Como se vê da definição transcrita em epígrafe pelo Autor, esta palavra possui um duplo sentido, de que nem *rotura* nem *juntura* (alternativas estudadas, entre outras) conseguem dar conta. Por isso preferimos aporuguesar a palavra francesa *brisure*. (N. dos T.)

p.82 (p. 98 FR)

* *Nachträglich*: termo psicanalítico geralmente traduzido em francês como “après coup”, e que pode equivaler ao português “posterior”. Segundo o *Vocabulaire de la Psychanalyse*, já citado: “Termo freqüentemente empregado por Freud em relação com sua concepção de temporalidade e de causalidade psíquicas: experiências, impressões, rastros mnésicos são remanejados ulteriormente em função de experiências novas, do acesso a um outro grau de desenvolvimento. Pode ser-lhes então conferida, juntamente com um novo sentido, uma eficácia psíquica.” (N. dos T.)

p. 86 (p. 103 FR)

Embora não fosse marcada como nota dos tradutores, a nota de rodapé 33, do autor, foi ligeiramente modificada. Ao se referir ao texto *Violence et métaphysique, sur la pensée d'E. Levinas*, o original referiu sua origem no livro “Écriture et la différence”(1967). Os tradutores brasileiros, por sua vez, referiram-se à outra origem (1964), destacando ainda que na tradução brasileira de “Escritura e a Diferença” este texto não consta.

33. ... “Violence et métaphysique, essai sur la pensée d’Emmanuel Levinas”. *Revue de métaphysique et de morale*, 1964, 3 e 4. Este artigo foi também publicado na edição francesa de *A Escritura e a Diferença*, muito embora não faça parte da edição brasileira.

p. 88 (p. 105 FR)

* Obra de Martin Heidegger *O Ser e o Tempo*. (N. dos T.)

p. 100 (p. 120 do original)

Há um erro gráfico no original em que se pula o número 22 para notas de rodapé, indo direto para o número 23. A tradução brasileira, por sua vez, não comete esse erro, e, a

partir da página p. 100 da tradução, neste capítulo do livro, as numerações das notas de rodapé do autor não serão as mesmas das numerações do original.

p. 110 (p. 132 FR)

* Equivalente ao termo francês *fantasme*, cuja aparição data do século XII (com o sentido de “ilusão”) mas que só voltou a ser corrente, após longo intervalo, em nosso século, com a psicanálise. Valemo-nos, em francês, de ser termo pouco usual (“fantasma” diz-se “phantôme”) e de seu arcaísmo para grafá-lo como *ph*, evitando também, desta maneira, outras confusões. Trata-se de “roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a efetivação de um desejo e, em última instância, de um desejo inconsciente” (*Vocabulaire de la Psychanalyse*). (N. dos T.)

p. 127 (p. 151 FR)

Na nota de rodapé nº 1 do autor os tradutores acrescentam a tradução brasileira de “*Anthropologie structurale* (Antropologia Estrutural)” sem indicá-la como “(N. dos T.)”.

1. ... (tradução brasileira de Chalm S. Katz e Eginardo Pires, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967). ...

p. 127 (p. 152 FR)

Como a nota de rodapé 2 está entrecortada por intervenções dos tradutores, sem que se constasse como suas notas (“N. dos T.”), preferimos aqui transcrever o texto original, e, a seguir, a tradução.

Ce sont d’abord les *Tristes tropiques*, tout au long de cette “Leçon d’écriture” (ch. XVIII) don’t on retrouve la substance théorique dans le second des *Entretiens avec Claude Lévi-Strauss* (G. Charbonnier) (*Primitifs et civilisés*). C’est aussi l’*Anthropologie structurale* (*Problèmes de méthode et d’enseignement*, notamment dans le chapitre disant le “critère de l’authenticité” p. 400). Enfin, de manière moins directe, dans *La pensée sauvage*, sous un titre séduisant, *Le temps retrouvé*.

2. São inicialmente os *Tristes Trópicos*, (trad. De Wilson Martins, São Paulo, Anhembi), ao longo de toda esta “Lição de escritura” (cap. XXIII) cuja substância teórica se reencontra no segundo dos *Entretiens avec Claude Lévi-Strauss* (G. Charbonnier) (*Primitifs it*

civilisés). Trata-se também da *Antropologia estrutural* (“Problemas de método e de ensino”, notadamente no capítulo dizendo do “critério de autenticidade”, p. 407). Enfim, de maneira menos direta, no *Pensamento selvagem*, sob um título sedutor, *O tempo redescoberto*. (As citações referem-se a *O Pensamento selvagem*, tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar, Editora Nacional e Editora da USP, São Paulo, 1970.)

p. 132 (p. 157 FR)

Nesta página há um erro gráfico na tradução quanto à data de publicação da obra de Claude Lévi-Strauss “La vie familiale et sociale des Indiens Nambikwara” (1948), dizendo que a mesma teria sido publicada em 1848.

p. 133 (p. 157 FR)

Esta nota dos tradutores mostra uma questão inversa de tradução: Jacques Derrida refere-se a uma palavra brasileira (*picada*) sem traduzi-la para o francês, logo após tentando descrever seu significado.

* Em português no original. (N. dos T.)

p. 134 (p. 159 FR)

* Recordamos que em francês a palavra *sujet* possui, até em seu uso corrente, várias acepções que, embora dicionarizadas para seu equivalente português, não são usuais em nossa língua. Assim, *sujeito* deve e pode ser entendido como: o que sub-jaz (do grego *hyppokeimenon*) a todo o demais especialmente em ontologia; assunto, tema (de certa forma, é o que sub-jaz a uma conversa, a uma escritura); opondo-se a *objeto* (o que é posto diante), trata-se do sujeito cognoscente (em filosofia), do sujeito da frase (em gramática) e do titular de um direito (acepção jurídica); finalmente, o súdito (*sub-ditus*, aquele a quem é dita alguma coisa com valor de lei), em oposição a Soberano e distintamente do cidadão. (N. dos T.)

p. 148 (p. 175 FR)

Os tradutores acrescentam à nota de rodapé 18 o número da página do livro citado pelo autor, sem que se coloque isso como “nota dos tradutores”. A página referida (“p. 441”) é da edição brasileira.

p. 157 (p. 186 FR)

Os tradutores, a despeito do original não constar, colocam a fonte de onde se retirara o texto, sem se mencionar ter sido isto uma N. dos T.

23. ...(*Tristes trópicos*, cap. XXVIII , p. 316).

p. 293 (p. 343 FR)

* Em sua terceira nota de rodapé ao capítulo I do *Essai*, Rousseau explica: “Os salames são multidões das coisas mais comuns, como uma laranja, uma fita, carvão, etc., cujo envio possui um sentido conhecido de todos os amantes, nas regiões onde se usa esta língua.” (N. dos T.)

p. 317 (p. 369 FR)

* O Autor emprega a palavra *Midi*, que em francês designa o Sul da França (em sentido corrente) ou o Sul de modo geral, ou ainda, a hora do meio-dia. Para deixarmos clara esta ambigüidade entre o que é meridional e a hora que divide a manhã e a tarde usamos o termo *merídio*, adjetivo pouco empregado que recobre os dois sentidos. (N. dos T.)

p. 320 (p. 373 FR)

* Nas impressões de *De la Grammatologie* anteriores à de 1970, consta “proibição”, erro corrigido na que é datada de 30-IX-1970. (N. dos T.)

p. 331 (p. 383 FR)

* Até a impressão de 1969, citando Kafka, Derrida transcreve: “literatura”, “criação literária”, nisto seguindo a tradução francesa do *Diário*. Contudo, esta aparece corrigida, desde a edição de 1970, em função do original alemão, onde está “schreiben” (forma substantivada do verbo escrever) (N. dos T.)

p. 335 (p. 388 FR)

* A palavra francesa *sens* possui duas acepções básicas: uma, vinda do latim *sensus*, equivale a “sentido” como “forma ou órgão de receber sensações” ou ainda como “significação”; deste uso derivam-se as expressões *bom senso* e *senso comum*, onde “senso”

equivale a “juízo”, “faculdade de bem julgar”; outra acepção vem do germânico *sinno* (raiz do alemão *Sinn*) e é o mesmo que “direcção”. (N. dos T.)

p. 367 (p. 425 FR)

* Recordamos que *argens* refere-se em francês tanto ao metal “prata” como, mais abstratamente, ao dinheiro – duplo sentido conservado em nosso uso coloquial da palavra “prata”. (N. dos T.)

p. 381 (p. 439 FR)

* *Se jouer*, verbo pronominal. 1º) *Antigo*: jogar, brincar, folgar. *Mod.*: fazer algo *em se jouant*: com muita facilidade. 2º) *Se jouer* de (alguém, alguma coisa): agir sobre, sem se preocupar com as conseqüências; zombar de. “Ó sorte, como zombas de nós!” (Théophile Gautier). *Se joeur* das dificuldades: zombar delas, resolvê-las como brincando. 3º) (Passivo). Ser jogado, representado, executado (jogo, teatro, música ...) (Do *Dictionnaire Robert*) (N. dos T.)

4. Posições

Notas do tradutor

Tradução de Maria Margarida Correia Calvente Barahona. 1975, Plátano

Editora, Sarl, Lisboa - Portugal.

Este livro é a reunião de três entrevistas, considerados por Jacques Derrida como “diálogos” que “dizem respeito a publicações em curso” (p.7), originalmente publicado em 1972. Separaremos as notas seguindo a ordem das entrevistas no livro.

Implicações (pp 9-23)

A única nota a este ensaio foi inserida como nota de fim de texto (p. 23) e refere-se à página 16 (p. 16 também do original), primeiro momento em que se usa o termo *diferância*. Embora fosse uma tradutora, por um lapso único, em todo o livro, colocou-se desta vez como “nota do tradutor”:

Nota do tradutor: em francês, “différance” (diferância) tem pronúncia semelhante a “différence” (diferença).

Semiologia e gramatologia (pp 25-47)

As notas de rodapé do texto original foram publicadas como notas de fim de texto. A única nota da tradutora foi de rodapé (p. 28) e trata-se de uma citação, em que a tradutora refere-se às páginas do livro traduzido em português europeu (p. 177), enquanto no livro original a citação era do livro em francês (p. 145). Esta nota da tradutora ocorreu na página 28 (refere-se à p. 28 do original também):

N. T. – “Curso de lingüística geral”, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1971; tradução de José Victor Adragão.

Posições (pp 49-112)

As notas de rodapé do texto original também foram colocadas como notas de fim de texto, enquanto as notas da tradutora foram colocadas nos rodapés do texto:

pp. 53 (p. 55 FR)

* Nota da tradutora: intraduzível em português. O autor joga com a pronúncia idêntica de “sens blanc”, “sang blanc”, “sans blanc”, “cent blancs”, “semblant”.

pp. 55 (p. 58 FR)

* Nota da tradutora: o autor joga com semelhanças na pronúncia das palavras: “carrure”, “carte”, “charte” e “quatre”.

5. Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas, in:

“A Controvérsia Estruturalista – as linguagens da crítica e as ciências do homem”

Tradução Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira.

Neste texto houve somente uma nota dos tradutores. Um acréscimo ao primeiro rodapé do texto em inglês. Há, além do texto do autor, a tradução da discussão sobre este texto, que não teve nota alguma por parte dos tradutores brasileiros.

p. 260

Sem indicação de que seja uma nota, o acréscimo dos tradutores são três palavras a respeito das notas de rodapé dos tradutores da versão em inglês, quando dizem que “todas as notas a este artigo foram acrescentadas pelo tradutor.”

... [na versão inglesa].

6. *Semiologia e Gramatologia,*

in: “Ensaio de Semiologia I – Problemas gerais de lingüística cinésica”.

Tradução de Luiz Costa Lima.

Para este texto o tradutor acrescentou somente notas de rodapé.

p. 7 –

* Na presente tradução brasileira, os ensaios referidos aparecerão noutra volume (N. do T.)

p. 14 –

* Para marcar o conceito que intenta produzir, o autor fala em *différance*, distinguindo-o da forma lexicalizada corrente *différence*. Na impossibilidade de estabelecer-se, em português, a distinção, sempre grifaremos a palavra quando se tratar de *différance*. Quanto a *écriture*, a traduziremos por escrita, quando se tratar do sentido usual, por *escritura* quando do sentido próprio do autor (N. do T.)

7. O poço e a pirâmide,

In: Hegel e o Pensamento Moderno.

Tradução: Rui Magalhães.

p. 60 (p. 44 do original)

O tradutor “altera” nota de rodapé e coloca a citação, que já existia, mas com suas próprias palavras.

... [Derrida utiliza a tradução de L. Méridier, E. Bude].

8. “Margens da Filosofia”

Tradução Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães.

As notas dos tradutores estão inseridas no rodapé da obra e estão numeradas a cada página, contendo em seu final os seguintes parênteses (N.do T.), embora fossem dois tradutores. A partir da página 11, contudo, os parênteses passam a indicar (N.T.)

Foram acrescentadas algumas Notas do Editor (N.E.) que também serão transcritas.

Procuramos respeitar, nas notas, as particularidades do português de Portugal, as quais transcrevemos literalmente.

p.5

(1) No original, “relevée”. O verbo “relever” é sistematicamente usado pelo A. como tradução do célebre “aufheben” hegeliano, procurando dessa forma contornar as graves amputações de sentido que (no contexto do sistema de Hegel) comportam versões tais como “superação” ou “síntese”. De facto, o verbo francês “relever” tem em comum com o alemão “aufheben”, já nos seus empregos não filosóficos, duas polarizadas constelações de sentido: *levantar – reerguer – elevar/abolir – anular – substituir*. Perante a impossibilidade de encontrar em português um termo capaz de condensar essas duas vertentes de sentido arriscamos o “neologismo” sup(er)erar, recorrendo deste modo a uma antiga sugestão de Jean Wahal, que, ao procurar justamente transcrever em francês a complexidade do conceito hegeliano, propunha o neologismo “surprimer”. (N. do T.)

p. 6

(1) A locução francesa “à corps perdu” costuma traduzir-se, em português, “impetuosamente”. O contexto da citação de Hegel, todavia, justifica e exige uma tradução à letra. (N. do T.)

(2) Em francês, no original. (N. do T.)

Foi colocada nesta página uma nota de editor, remetendo-se à página seguinte, do capítulo Tímpano, embora já tivessem deixado de obedecer à disposição original desde a colocação das epígrafes, em que a segunda e a terceira já haviam sido colocadas lado a lado e na tradução foram colocadas uma após outra.

A colocação original dos dois trechos seguintes não foi respeitada na presente edição, dadas as naturais dificuldades gráficas, agravadas pelo transporte para língua portuguesa, do que nos penitenciamos. (N.E.)

p. 11 (p. I FR)

(1) No original : “... cela revient-il seulement à relever (aufheben) ce don’t elle relève...?”. Estamos, pois, em presença de um jogo intraduzível em que o mesmo verbo (“relever”) designa a sup(r)eração e a dependência (“relever de...”). (N.T.)

p. 12 (p. IV FR)

(1) Referência, naturalmente, ao célebre texto de Lautréamont. (N.T.)

p. 14 (p. VII FR)

Parece que esta nota está com sua numeração errada, pois, seguindo como vem sendo, deveria ser de nº1, por ser a única da página.

(2) O verbo francês “loucher” designa correntemente uma deformação visual, a miopia ou estrabismo, cujo o efeito geral pode ser considerado como um “enviesamento” da percepção. A sua utilização neste contexto permite manter em francês a identidade fónica com o *loxôs* grego, o que em português é naturalmente impossível. (N.T.) (sic)

Na nota de rodapé do autor de nº 3 os tradutores indicaram a tradução portuguesa de um dos livros citados: “Positions”.

3. ... (trad. Portuguesa, *Posições*, Ed. Plátano).

p. 17 (p. XIII FR)

(1) *La voix et le phénomemène*, (1967, livro de Derrida sobre Husserl e a fenomenologia). (N.T.)

p. 18 (p. XIII FR)

(1) No original, “*signature*”. Traduzindo-o deste modo, por “*marca*”, reservamos para o termo “*Trace*”, que surgirá em outros passos deste livro (cf. “A diferença”, nº 14), e que poderia igualmente inscrever-se “*marca*”, a versão “*rastro*”. (N.T.)

(2) No original, “*étant*”, forma do particípio presente do verbo ser que, substantivada, resulta naquilo que na nossa língua designamos como *ente*. É exactamente nessa unidade de sentido que o termo deve ser aqui entendido. Sobre este problema, cf. mais adiante “Ousia e grammé”, nº 18. (N.T.)

p. 21 (p. VII FR)

Nota acrescida dentro da nota do autor na tentativa de explicar a que Derrida se referia.

(1) ..., (referência ao famoso quadro de Rembrandt. N.T.)

p. 22 (p. XX FR)

(1) O substantivo “*marche*”, além do seu sentido mais corrente (marcha, andamento, etc), comporta ainda o sentido da marca fronteira ou divisão territorial (assim são designadas, por exemplo, as famosas divisões administrativas do império de Carlos Magno). (N.T.) (sic)

(p. 11 FR)

(2) No original, “*Question de maintenant...*”, o que poderia traduzir-se simplesmente por “*Questão de agora...*”. O que em português se perde, porém, é exactamente a fundamental comunhão de sentido entre o verbo “*maintenir*” (manter, ou seja, fazer permanecer no agora-

presente) e o advérbio “*maintenant*” (agora). A verdadeira dimensão deste problema está equacionada no segundo estudo desta compilação, “Ousia e grammé” (v. particularmente n. 5) (N.T.)

p. 23 (p. XXI FR)

(1) Referência à *Nota sobre o bloco mágico* de Freud (1925), onde este reflecte sobre os mecanismos psíquicos em termos de escrito e de traço escrito (cf. J. Derrida, *L'écriture et la différence*, ed.. du Seuil). (N.T.)

(p. XII FR)

(2) No original, “*marche*”, exactamente no sentido já atrás explicitado (cf. n. 18) N.T.).

p. 25 (p. XXV FR)

(1) Sobre os motivos que nos levam a “traduzir” deste modo o neografismo (*différence*) de J. Derrida, cf. mais adiante “A diferença”. (N.T.)

(2) Aqui, mais uma vez, o substantivo “*marche*” nos coloca um delicado problema de tradução. Desta feita, o A. joga com o seu duplo sentido (cf. n.18), porque “*marche*” é aqui, não apenas a “marca fronteira”, mas também o movimento (“a marcha”) da sua “incisão” (N.T.)

(3) A última citação é justamente extraída de um texto de Antonin Artaud sobre os Tarahumaras do México. (N.T.)

A diferença (sic)

Neste texto o primeiro asterisco (p. 27 da tradução e 1 do original) é usado pelo autor para indicar a procedência do texto. Os tradutores, por sua vez, colocaram dois asteriscos para sua nota de rodapé, embora, no decorrer do texto, continuem ainda a usar numeração algébrica para indicar suas notas.

pp. 27-8 (p. 1 FR)

** O neografismo *différance* desencadeia em português um naturalmente complexo problema de tradução. O jogo *semelhança fônica/ alteridade gráfica* instaurado pela troca do e “legítimo” (*différence*) pelo *a* transgressor não é para nós, como o é em francês, (*in -) audível* e, por isso, é igualmente impossível que (o que para Derrida, pensando em francês, é decisivo) que apenas escrito o possamos apreender. Outras traduções que conhecemos tentaram já grafar em português a “silenciosa” mas fundamental extensão filosófica da “palavra” *différence* (*Posições*, Plátano Editora, trad. De Maria Margarida Correia Calvente Barahona; *A escritura e a diferença*, trad. de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, São Paulo, Ed. Perspectiva; *A gramatologia*, trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro, São Paulo, Ed. Perspectiva): em Portugal optou-se por *diferância*, no Brasil por *diferência*. A leitura da importante conferência que agora se transcreve, torna, porém, notório, que, apesar das vantagens que qualquer dessas versões implica, uma e outra, neste contexto, bloqueariam quase por inteiro o trabalho de pensamento desenvolvido sobre a permutação entre o *e* e o *a*.. Contudo, ao escrevermos *diferança* talvez não nos limitemos a ceder cegamente às exigências de um texto que a nossa língua não poderia “controlar”. É que não apenas parece manter-se um mínimo de identidade fônica necessário entre *diferança* e *diferença* (maior do que entre esta e *diferância* ou mesmo *diferência*), como também, e sobretudo, no “artificialismo” desta transcrição portuguesa se preserve talvez (dentro de compreensíveis limites) o impacto (refratado ou, se quisermos, *diferido*) desse outro “artificialismo” que justamente Derrida assume em francês num contexto de pensamento em que (não por acaso) se encontra em causa, entre outras distinções, aquela que opõe a *physis* à *mimesis*, a “natureza” ao “artifício”. (N.T.)

p. 29 (p. 4 FR)

(1) O verbo francês “*entendre*” comporta um duplo sentido: ouvir e entender (= compreender). Essa unidade de sentido é aqui muito importante porque, através dela, J. Derrida pode visar simultaneamente quer a face “sensível” da apreensão (e, por aí, a própria “sensibilidade”) quer a sua face “intelectual” (e, por aí, tudo aquilo que, classicamente, a filosofia designou por “entendimento”). Perante isso, e uma vez que no verbo português “entender” essa unidade, ainda que presente em certos usos, se encontra muito atenuada, privilegiando habitualmente o sentido de “compreensão”, pareceu-nos indicado transcrever separadamente as duas vertentes do termo francês. (N. T.) (sic)

(2) “Atravessar deve ler-se aqui nos dois sentidos que o verbo francês “*passer*” igualmente comporta: o de passar “pelo interior” de alguma coisa assim como o de “transpor” para além dela os seus limites. (N. T.)

p. 30 (p. 4 FR)

(1) Cf., mais à frente, “O Poço e a pirâmide”. (N.T.)

(2) Naturalmente, J. Derrida joga aqui com a já referida duplicidade do verbo “*entendre*”. (N.T.)

p. 31 (p. 5 FR)

(1) “Historial” e não “histórico”. Ressoa aqui a distinção de Heidegger entre *geschichtlich* (“historial”), que diz a essência do pro-vir histórico, e “*historich*”, que designa tão só a “investigação historiográfica” ou os seus resultados. (N.T.) (sic)

p. 32 (p. 6 FR)

No espaço em que logo após aparece a próxima nota dos tradutores, omite-se o que no texto original por duas vezes aparece: a palavra *est* com um X sobre ela, representando uma rasura.

(1) Será talvez interessante transcrever aqui as seguintes palavras do A. em *Positions*: “...Através desse duplo jogo, marcado em certos lugares decisivos por uma rasura que deixa ler aquilo que oblitera, inscrevendo violentamente no texto o que tentava comandá-lo do exterior, tento pois respeitar o mais rigorosamente possível o jogo interior e regulado desses filosofemas ou epistememas fazendo-os deslizar sem maltratá-los até ao ponto da sua não-pertinência, do seu esgotamento, do seu fechamento”. (N.T.)

p. 34 (p. 7 FR)

(1) Cf. “tímpano”, n.1 (N.T.)

p. 35 (p. 8 FR)

(1) Em francês, os termos *différent* (diferente) e *différend* (diferendo) são fonicamente idênticos, o que permite ao A. grafar: *différen (d) (t)s*. (N.T.)

p. 36 (p. 9 FR)

(1) A impossibilidade de tradução desencadeada mais atrás pela associação entre “*différance*” e o particípio presente do verbo “*différer*” culmina aqui: as palavras “*mouvance*” e “*résonance*” têm em comum com “*différance*” a sua terminação (fônica e gráfica). Para, em cada caso, mantermos essa comunidade, deveríamos, no primeiro, traduzir “*différance*” por *diferência* e, no segundo, por *diferância*. (N.T.)

p. 37

(1) A categoria aristotélica *pachein*, “ser afectado”, oposta ao *hábito* (*ékein*) e à qualidade (*posin*) pela sua transitoriedade, foi, como se sabe, vertida em latim por “*passio*”. (N.T.)

(2) “Faire signe” deveria traduzir-se literalmente por “produzir” ou “utilizar um signo”. Ao grafarmos deste modo (signi-ficar), todavia, procuramos acentuar a estreita correlação entre o *acto* e *facto* da “significação” (N.T.)

p. 38 (p. 10 FR)

(1) J. Derrida escreve “*étantité*” e não “*entité*”(entidade), sublinhando assim o *ente* como raiz da palavra. (N.T.)

p. 39

(1) A este propósito, cf. mais adiante *Ousia e grammè* (N.T.)

p. 41 (p. 12 FR)

(1) A palavra francesa “*trace*” não deve ser confundida com traço (em francês “*trait*”),designando, pelo contrário, os vestígios, as marcas deixadas por uma acção ou por uma passagem (tal como *spur*, em alemão, que mais adiante o autor traduzirá por “*trace*”). Seguindo a sugestão dos já citados tradutores brasileiros de *De la grammatologie*, optamos, com eles, pela versão “rastro”. (N.T.)

p. 42

(1) Num código, um signo “*reenvia*” necessariamente para outros (s) de que é diferente.
(N.T.)

p. 42-44 (p. 13 FR)

(2) Jacques Derrida recorda aqui alguns temas chave de outros textos seus, reunidos particularmente em *De la grammatologie* (Ed. de Minuit, 1967) e em *La dissémination* (Ed. de Seuil, 1972). Permita-se nos que respiguemos aqui ou além certas passagens que podem tornar mais imediatamente acessível ao leitor o papel que esses temas desempenham na escrita do A. Em *De la grammatologie*: “... A arqui-escrita, movimento da diferença, a arqui síntese irreduzível abrindo simultaneamente, numa única e mesma possibilidade, a temporização, a relação com o outro e a linguagem, não pode, enquanto condição de todo o sistema linguístico, fazer parte do próprio sistema lingüístico, ser situada como um objeto no seu campo”. – “Arqui-escrita cuja Necessidade aqui queremos indicar e cujo novo conceito pretendemos desenhar, e que continuamos a denominar escrita porque ela se comunica essencialmente como conceito vulgar de escrita. Este só pôde, historicamente, impor-se pela dissimulação da arqui-escrita, pelo desejo de uma fala expelindo o seu outro e o seu duplo e trabalhando para reduzir a diferença. Se continuamos a chamar escrita a esta diferença, é porque, no seu trabalho de repressão histórica, a escrita estava, situacionalmente, destinada a significar o mais terrível da diferença”. – “O conceito de arqui-rastro deve fazer jus tanto a esta Necessidade quanto a esta rasura. Ele é, com efeito, contraditório e inadmissível na lógica da identidade. O rastro não é somente a desaparecimento da origem, ele quer dizer aqui – no discurso que proferimos e segundo o percurso que seguimos – que a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem. Desde então, para arrancar o conceito de rastro ao esquema clássico que o faria derivar de uma presença ou de um não-rastro originário e que dele faria uma marca empírica, é mais do que necessário falar de rastro originário ou de arqui-rastro. E, no entanto, sabemos que este conceito destrói o seu nome e que, se tudo começa pelo rastro, acima de tudo não há rastro originário”.

Em *Positions* (recapitulando alguns textos reunidos em *la dissémination*): “... O *pharmakon* não é nem o remédio, nem o veneno, nem o bem, nem o mal, nem a fala, nem a escrita: o *suplemento* não é nem um mais nem um menos, nem um exterior nem o complemento de um interior, nem um acidente nem uma essência etc; o *húmen* não é nem a confusão nem a distinção, nem identidade nem a diferença, nem a consumação nem a virgindade, nem o

disfarce nem a revelação; nem o interior nem o exterior etc; (...) Nem/nem é simultaneamente *simultaneamente* ou *ou*; a *marca* é também o limite *marginal*, a *marcha* etc”. (N.T.)

p. 45 (p. 14 FR)

(1) “*L’excluant em général*” no original, ou seja, aquele que se define pela sua propriedade de excluir. (N.T.)

p. 46 (p. 15 FR)

(1) Cf., por ex., “De l’économie restreinte à l’économie générale”, in *L’écriture et la différence*. (N.T.)

p. 47 (p. 16 FR)

(1) *De la grammatologie*. (N.T.)

p. 48 (p. 16 FR)

(1) Neologismo formado diretamente a partir do grego *arkhê*. (N. T.)

p. 48-49 (p. 17 FR)

(2) Em *La voix et le phénomène*, o A. propôs esta tradução (“querer –dizer”) para transcrever a utilização por Husserl do verbo *bedeuten*. Na verdade, para este, *Bedeutung*, ao invés do que estabelecera Frege, não significava “referência”, ou “denotação” oposta ao “sentido” (*sinn*), mas, em particular, o “sentido” da expressão (*Ausdruck*) lingüística, distinguindo-se assim do “sentido” (*Sinn*) como propriedade geral de todas as experiências de consciência. (N.T.)

p. 49 (p. 17 FR)

(1) Mais adiante, o A. recordará que, em “velho latim”, *sollicitare* significa “abalar como um todo, fazer tremer na totalidade”. (N.T.)

(2) “Auprès de soi” poderia ainda traduzir-se como “perto de si”. (N.T.)

p. 51 (p. 19 FR)

(1) Em francês “mêmeté”. A distinguir violentamente de identidade (N.T.)

p. 52

(1) Derrida refere-se aqui ao *Esboço de Psicanálise* de Freud. (N.T.)

pp. 52-3

(2) No original “*frayage*”. O verbo francês *frayer* designa, tal como o alemão *bahnen*, o ato de abrir, trilhar ou marcar um caminho. Falta-nos em português um substantivo que dê conta deste mesmo sentido. Nos textos de Freud em que o conceito de *Bahnung* se anuncia, acentua-se que este rompimento de um “caminho” ou de um percurso implica, por seu turno, uma certa resistência do “meio” em que ele é traçado. O verbo português que melhor nos parece exprimir este duplo movimento de “pressão” e “resistência” na abertura de um percurso (mas também na produção de um “rastro”) é o verbo *sulcar*. Daí que tenhamos optado por esta substantivação pouco usual: *sulcamento*.

Para melhor justificar esta escolha e simultaneamente fornecer ao leitor o contexto das reflexões de Derrida sobre Freud que aqui é apenas liminarmente evocado, permita-se-nos a transcrição do seguinte passo do seu “Freud et la scène de l’écriture” (in: *L’écriture et la différence*, Ed. du Seuil, 1967):

“Tratava-se, em 1895, de explicar a memória no estilo das ciências naturais, de ‘propor uma psicologia como ciência natural, isto é, de representar os acontecimentos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais distintas’”. Ora, “uma das propriedades principais do tecido nervoso é a memória, isto é, de uma forma inteiramente geral, a aptidão para ser alterado de uma forma durável por acontecimentos que se produzem apenas uma vez”. (...) Recusando a distinção, corrente na sua época, entre “células de percepção” e “células de recordações”, Freud constrói então a hipótese das “grades de contato” e do “sulcamento” (*Bahnung*), do rompimento do caminho (*Bahn*). O que quer que pensemos da fidelidade ou das rupturas por vir, esta hipótese é notável, desde que a consideremos como um modelo metafórico e não como uma descrição neurológica. O sulcamento, o caminho traçado, abre uma via condutora. O que pressupõe uma certa violência e uma certa resistência perante a efração. A via é rompida, cortada, *fracta*, sulcada (“*frayée*”). Ora haveria dois tipos de neurônios: os neurônios permeáveis, () que não ofereceriam nenhuma resistência e não reteriam, portanto, nenhum rastro (“*trace*”) das impressões, seriam os neurônios da percepção;

outros neurônios () oporiam grades de contato à quantidade de excitação conservando-lhe assim o rastro impresso: estes oferecem, portanto, uma possibilidade de representar-se (*darzustellen*) a memória. “Primeira representação, primeira encenação da memória. (...) Freud não atribui qualidade psíquica senão a estes neurônios. Eles são os “portadores da memória e portanto, provavelmente, dos acontecimentos psíquicos em geral”. A memória não é, pois, uma propriedade do psiquismo entre outras, é a própria essência do psiquismo. Resistência, e, por isso mesmo, abertura à efração do rastro.

Ora, se supor que Freud fala aqui somente a linguagem da quantidade plena e presente, se supor, como aparentemente parece acontecer, que ele se instala na oposição simples da quantidade e da qualidade (estando esta reservada para a transparência pura de uma percepção sem memória), o conceito de sulcamento mostra-se quanto a isso intolerante. A igualdade das resistências ao sulcamento ou equivalência das forças de sulcamento reduziria toda e qualquer *preferência* na escolha dos itinerários. A memória ficaria paralisada. A diferença entre os sulcamentos, eis a verdadeira origem da memória e, portanto do psiquismo”. (N.T.)

pp. 54-5 (p. 20 FR)

(1) A noção de *dispêndio* (*dépense*) foi particularmente desenvolvida por Georges Bataille sobre que J. Derrida descreveu um importante texto já atrás referido. “De l'économie restreinte à l'économie générale”. As linhas que se seguem têm precisamente como pano de fundo esse texto onde Derrida reflete sobre as relações entre Bataille e Hegel. (N.T.)

p. 55 (p. 20 FR)

(1) O A. estabelece um jogo de palavras intraduzível entre “*tenir compte*” (ter em conta, ter calculado) e “*trouver compte*” (tirar proveito, benefício ou vantagens em qualquer coisa). (N.T.)

pp. 56-7 (p. 21 FR)

(1) Pode talvez ler-se aqui uma referência indirecta ao discurso lacaniano. De facto, a partir de certo momento, estabeleceu-se entre Lacan e Derrida um conflito surdo e nem sempre expresso, particularmente animado por certos “aportes” do primeiro, ao que não será estranho o facto de, em pleno apogeu do magistério lacaniano, Derrida ter publicado uma série de textos directa ou indirectamente decorrentes de Freud quase sem qualquer alusão a esse magistério. Numa longa

nota de *Positions* (trad. port., p. 106), Derrida procura esclarecer a sua posição quanto a esse conflito. Permita-se-nos citar dessa nota este passo onde a questão aqui levantada pelo A. parece encontrar alguma ressonância: “Seguro da importância desta problemática (de Lacan) no campo psicanalítico, assinalei também aí um certo número de motivos maiores que a retinham das questões críticas que eu estava a formular, e *no* campo logocêntrico, ou mesmo fonologista, que eu tentava delimitar e solicitar. Estes motivos eram, entre outros, os seguintes: 1º) Um *télos* da ‘palavra plena’ na sua ligação essencial (e por vezes efeitos de identificação encantatória) com a Verdade. Aqui, releer em toda a amplitude das suas ressonâncias o capítulo sobre ‘Parole vide e parole pleine dans la réalisation psychanalytique du sujet’: ‘Sejamos categóricos, na anamnese psicanalítica não se trata de realidade, mas de verdade, porque o efeito de uma palavra plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades futuras, tal como são constituídas pelo pouco de liberdade através da qual o sujeito as faz presentes’ (p.256), ‘o nascimento da verdade na palavra’, ‘a verdade dessa revelação’ na ‘palavra presente’ (*ibidem*) e tantas outras proposições desse tipo. Apesar de muitas variações elípticas e rapsódicas, nunca encontrei um pôr em questão rigoroso sobre este valor de verdade no seu mais pertinente lugar histórico e arquitectónico’. (N.T.)

p. 58 (p. 22 FR)

(1) O grande texto de Derrida sobre Levinas é “Violence et métaphysique, essai sur la pensée d’Emmanuel Levinas” publicado primeiramente na *Révue de métaphysique et de moral*, 1964, nºs 3/4 e depois recolhido em *L’écriture et la différence*. (N.T.)

p. 59 (p. 23 FR)

(1) O termo francês que o A. emprega – “*tracement*” – significa, literalmente, “traçado”. Mas convém ter em conta que os “traços” deste “traçado” não são representações “originárias” (como o são, por exemplo, as linhas do arquiteto em relação a sua “idealização”, por um lado, e ao edifício construído, por outro), mas “rastros”, marcas, sulcos, em que a “origem” se retira. Perante isso, corremos o risco de repetir a mesma palavra com que traduzíramos já um conceito diverso (“*frayage*”, em Freud), na certeza, porém, de que, para Derrida, o que nesse conceito freudiano se anunciava já era o movimento fundamental do rastro e do seu “traçamento”.(N.T.)

p. 60

(1) No original “border”, “limitar”. (N.T.)

p. 61 (p. 24 FR)

(1) “A fala de Anaximandro”, texto incluído em *Holzwege* (trad. franc. *Chemins qui mènent nulle part*, Gallimard, 1962, trad. Wolfgang Brokmeie. (N.T.)

p. 62 (p. 25 FR)

(1) “*Faire défaut*” em francês. Por isso poderíamos dizer que a “diferença” *está em falta*. (N.T.)

p. 63 (p. 26 FR)

(1) Em francês “*regardée*” jogando assim com o termo anterior “*gardée*” (guardada). (N.T.)

pp. 63-5

(2) Heidegger propõe a tradução *der Brauch* (termo que normalmente se verte em português por *uso* ou *prática*) para o *to khreôn* de Anaximandro cuja tradução consagrada é “necessidade” [(o *apeiron*), a fonte de geração das coisas que existem é aquela em que se verifica também a destruição “segundo a necessidade”, “*kata to khreôn*...”]. Todavia, o contexto de pensamento em que essa proposta toma lugar inviabiliza de fato a sua tradução vulgar, uma vez que aquilo que Heidegger visa é um sentido “mais original” do próprio *uso*: “Habitualmente”, diz Heidegger, “compreendemos *brauchen* no sentido de utilizar e de ter necessidade, no interior do uso e da utilização. Aquilo de que sempre temos necessidade no exercício da utilização torna-se usual. O utilizado está em uso. De modo algum pensamos aqui *der Braunch*, enquanto tradução de *to khreôn*, nessas acepções derivadas e correntes. Ater-nos-emos, pelo contrário, à sua significação fundamental: *brauchen* é *bruchen*, em latim *frui*, que deu em alemão, a partir de *fructum*, *Frucht* e *fruchten*. Traduzilo-emos aqui livremente por “fruir”; ora, “fruir” significa: regozijar-se com alguma coisa, estar no seu regozijo e, assim, tê-la em uso”. O já citado tradutor francês de *Holzwege* chama atenção para o fato de esta significação original não parecer, “em rigor, *forçada* ao leitor alemão”. Mais se deverá acrescentar que o não será de todo para o português, já que encontramos na nossa língua um verbo onde parece reunir-se maravilhosamente o jogo de sentido que Heidegger sublinha: “*usufruir*”. Poderíamos, por certo, retirar daqui preciosas conseqüências para uma tradução

portuguesa de Heidegger, mas uma necessária fidelidade de tradução exige-nos que aceitemos aqui um jogo a três línguas e não a duas. O mesmo tradutor francês acentua que a tradução *maintien* é um “mal menor” que exige uma forte “solicitação” de sentido. Para esse termo poderíamos encontrar na nossa língua duas traduções literais: *manter*, aquilo que mantém ou sustenta e *mantenedor*, aquele que mantém ou sustenta. Em qualquer dos casos impõe-se a noção de um *ente* original que é “fruído” e do qual decorre aquilo que é mantido, percurso expressamente recusado por Heidegger (“Nesta tradução de *to khreôn, der Brauch* é pensado como aquilo, que no ser mesmo, se desdobra. A fruição, *frui, bruchen*, não se liga já, presentemente, a uma atitude de fruição do homem, logo na relação com um ente, nem que este seja um ente supremo, *fruito Dei* como *beatitudo hominis*”). Perante isso, pareceu-nos mais indicado escolher, entre os sentidos comuns daqueles dois substantivos, aquele que nos pareceu mais passível de se libertar de uma determinação estritamente “ôntica” e de se abrir a uma ressonância “ontológica”, libertação e abertura que a grafia artificial “sustento” procura justamente acentuar. (N.T.)

p. 68 (p. 29 FR)

- (1) Como se sabe, o grego *kirion* designa o sentido próprio das palavras. (N.T.)
- (2) O A. joga aqui com a combinação inesperada de duas expressões: “maiuscular” (grafar com maiúscula) e emascular (ou seja, castrar, figura central da “perda” em psicanálise). O que na “emaiusculação” se produz é, de fato, a perda essencial da maiúscula enquanto sinal gráfico do nome “próprio”. (N.T.)
- (3) No original “*ésperance*”, termo cuja ressonância “escatológica” (e é essa ressonância que pode tornar “chocante” o seu emprego neste contexto) é muito mais forte do que a encontramos na palavra corrente “*espoir*”. (N.T.)

Ousia e grammé

p. 71 (p. 33 FR)

- (1) Em francês “*souci*”, traduzindo o alemão “*Sorge*”. Em qualquer dos casos, está presente uma amplitude de sentido que o termo “preocupação” não parece abranger. (N.T.)

p. 73 (p. 34 FR)

(1) O conceito de *Vorhandensein* pode ser traduzido como *ente-subsistente* ou *ente-permanente*, distinguindo-se do *Zuhandensein*, *ente-disponível*, traço existencial do utensílio. (N.T.)

(2) Em francês “*maintenance*”. Estabeleceu-se aqui um jogo lingüístico e de pensamento intraduzível que, como se verá, há de tornar-se decisivo no desenvolvimento deste ensaio: a qualidade do que se mantém no “agora” presente (em francês: *maintenant*) é, naturalmente, a “*maintenance*” (ou seja, a “permanência”, a “susbsistência”, a *ousia*). (N.T.)

p. 76 (p. 37 FR)

A partir desta página os tradutores passam a usar asteriscos para representar notas que fazem aos rodapés do autor. Daremos o número do rodapé, e, a seguir, a nota dos tradutores.

(1) (...)

* O jogo de semelhança *contre/contrée*, em francês, *gegen/Gegend*, em alemão, é intraduzível, porque nenhuma palavra portuguesa designando “lugar”, “território” etc se assemelha à palavra “contra”. Por outro lado, este “lugar” (*Gegend*) não deve de forma alguma ser pensado em termos físicos ou matemáticos de “espaço”, mas como o Aberto em que os *eonta* justamente se “abrem” desabrocham, “eclodem”, na presença. (N.T.)

p. 78 (p. 38 FR)

(1) (...)

* *A razão na história, Introdução à filosofia da História Universal*. (N.T.)

p. 79 (p. 39 FR)

(1) Recordar a comunhão de sentido, em francês, entre *maintenir* (manter) e *maintenant* (agora). (N.T.)

p. 82 (p. 42 FR)

(1) Mantemos a tradução sup(e)rar para o verbo francês *relever* pelas razões já atrás explicitadas (cf. “A diferença”). (N.T.)

p. 84 (p. 43 FR)

(1) No original, *né-ant*, entrando em imediata ressonância fônica com *étant*.

(2) Mantemos a tradução do francês *étantité* por ente(i)dade pelas razões já explicitadas mais atrás (cf. “A diferença”). (N.T.)

p. 85 (p. 44 FR)

(1) No original, *né-antité*, palavra directamente formada a partir de *né-ant* (cf. penúltima nota), operação naturalmente intraduzível em português (N.T.)

(2) Em grego, no original. (N.T.)

(3) Heidegger sublinha, de um outro ponto de vista, a dominância historial da terceira pessoa do indicativo presente do verbo ser em *Introdução à metafísica*, tr. Fr. P. 102-103. Sobre este problema, cf. mais adiante, “O suplemento de cópula”.

pp. 85-6

(4) De facto, uma tradução “literal” do *Seiend* alemão ou do *étant* francês seria, não “ente”, as “sendo”, ou seja, o participio presente do verbo ser. Fica-se nos, aliás, a dúvida, se não deveríamos nesta tradução, e contra a tradição sedimentada na nossa língua, optar desde o início por esta segunda versão (atitude assumida, por exemplo, por Delfim Santos em *Da Filosofia*). (N.T.)

p. 89 (p. 47 FR)

(1) Sobre as relações entre “temporalização” e “espaçamento”, cf. “A diferença”. (N.T.)

p. 90

(1) O autor escreve simplesmente: “... détermine la *maintenance*”. (N.T.)

Houve um erro gráfico, ao se colocar a nota dos tradutores como n.2, dando seqüência à numeração das notas dos tradutores, em vez de iniciar uma numeração do autor.

p. 104 (p. 59 FR)

(1) A necessidade de recorrer ao particípio presente do verbo ser (sendo) para designar o *ente* (cf. nota mais atrás) torna-se aqui absolutamente incontornável se não se quiser perder uma parte fundamental do sentido do texto francês. Por isso, onde o A. escreve simplesmente *étant* optamos, nas linhas que se seguem, por conjugar da forma o mais adequada possível os dois lexemas em que o termo francês se difracta na nossa língua. (N.T.)

p. 109 (p. 63 FR)

(1) Em francês o particípio presente do verbo *maintenir* (manter) – *maintenant* – é idêntico ao substantivo “agora” (*maintenant*). Daí decorre um jogo de sentido que em português não pode senão ser sugerido. (N.T.)

p. 113 (p. 66 FR)

Nota acrescida à nota de rodapé do autor nº (1) iniciada à página 112.

* Mantemos a forma francesa que justamente individualiza e marca a originalidade do conceito bergsoniano (N.T.)

p.116 (p. 69 FR)

(1) No original *tracement*. Pelos motivos explicados em “A diferença”, mantemos esta versão (“sulcamento”) para designar a *incisão* (a “escrita”) do rastro (*trace*). (N.T.)

p. 123 (p. 75 FR)

(1) Em alemão no original: “presente (*Anwesende*) não-presente (*ungegenwärtig*)” . (N.T.)

p. 127 (p. 78 FR)

(1) N.E. – Ver *O Poço e a Pirâmide*, de Derrida, incluído no livro *Hegel e o Pensamento Moderno*, ed. Rés.

Os fins do homem

p. 139 (p. 139 FR)

(1) Sobre esta tradução do termo “relever”, cf., mais atrás, “Tímpano”, n. 1 (N.T.)

p. 145 (p. 144 FR)

(1) Assinále-se a correspondência fônica e gráfica, conceptualmente significativa, entre este termo “relevance” e o neografismo *différance*, “conceito” cujas relações com o pensamento hegeliano são abordadas no estudo “A diferença” (N.T.)

p. 147 (p. 145 FR)

Em grego no original. Como se sabe, *phainestai* (“aparecer”, “vir-à-presença”) é o verbo grego do qual se formou *phainomenon*. (N.T.)

p. 149 (p. 147 FR)

* Cf. “A diferença”, n° 5. (N.T.)

p. 150 (p. 148 FR)

(1) Em alemão no original. *Die Kehre* designa aqui concretamente a “viragem”, viragem que se teria operado entre as preocupações e o estilo dos primeiros escritos de Heidegger (*Ser e Tempo, Kant e o problema da metafísica*, p. ex.), e os escritos posteriores, dando assim lugar à distinção usual (mas discutível) entre um “primeiro” e um “segundo” Heidegger. (N.T.)

p. 175 (p. 161 FR)

* Cf. mais atrás, “Tímpano”. (N.T.)

p. 164 (p. 159 FR)

Os tradutores, dentro da nota de rodapé do autor, traduzem uma palavra (*Dichtung*).

(1) (...) [N.T.: poesia].

p. 166 (p.161 FR)

(1) Cf., mais atrás, “Tímpanos” (N.T.)

p. 168 (p. 163 FR)

(1) Em alemão no original. “Quando o sinal chega”. (N.T.)

p. 169 (p. 164 FR)

(1) O A. estabelece aqui um jogo semântico intraduzível, facultado em francês pelo facto de “vigília” (no duplo sentido é estar –desperto e estar-vigilante) e “véspera” se designarem pela mesma palavra – “*veille*” – e ainda da palavra “*éveiller*” (“despertar”) ter o mesmo radical de “*veille*”. (N.T.)

(2) No original “*veille*”; pelas razões já aduzidas, decompomos a palavra francesa nos seus dois sentidos possíveis. (N.T.)

(3) No original: “*Nous sommes peut-être entre ces deux veilles...*” ou seja, “entre as ‘duas’” “*veilles*”, entre os dois sentidos da “*veille*”. (N.T.)

O Círculo lingüístico de Genebra

p. 172 (p. 161 FR)

Nesse texto há a indicação de notas de rodapé não presentes no original e que são indicadas pelas iniciais finais (N.A.).

(1) Grande parte destes aspectos da reflexão de Rousseau foram profundamente abordados pelo A. em *De la grammatologie*, parte II, “Nature, culture, écriture” (N.A.)

p. 174 (p. 162 FR)

(1) O A. refere-se ao *Discurso sobre as origens e fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754) (N.A.)

A forma e o querer dizer – nota sobre a fenomenologia da linguagem.

p. 215 (p. 203 FR)

O tradutores agem de forma diferente ao usar seu rodapé. Colocam, junto do texto, as iniciais (N.T.). Logo no rodapé, começam a nota com as iniciais (N.T.)

(N.T.) “*Étant*” no texto assume, no jogo dos contextos, ora o valor de “ente”, ora o de participio presente.

O suplemento de cópula – A filosofia face à lingüística.

Não há notas de tradutores.

A mitologia branca – a metáfora no texto filosófico

Os tradutores continuam a apresentar suas notas de rodapé como fizeram no texto *A forma e o querer dizer – nota sobre a fenomenologia da linguagem*.

p. 267 (p. 251 FR)

(N.T.) O autor joga no texto com a palavra *efazer*, escrevendo neste passo, *ef-facemente*, apagar a face, difícil de verter para o português sem perdas.

Qual quelle

p. 357 (pp. 328- 329 FR)

Os tradutores acrescentam uma nota no interior da nota do autor usando os parênteses (N. T.) no interior do texto para a única identificação neste caso.

(1) (...) N.T. em português esse jogo é imperceptível pois a palavra *faia*, “*hêtre*” não é homófona de ser “*être*”, em francês), (...) (N.T. em francês “*arbre*”, árvore, é do género masculino).

p. 358 (p. 329 FR)

(N.T.) Jogo de significações que não é possível traduzir completamente para português, “*être altere*” significa ‘estar sequioso’ e ao mesmo tempo, “*altérer*”, significa, obviamente, alterar.

Assinatura, acontecimento, contexto

p. 418 (p. 381 FR)

(N.T.) Como é evidente, o autor joga aqui com a homofonia de “ou” – “ou” e “vert” - “verre”.

p. 427 (p. 388 FR)

(N.T.) Por não haver em português uma palavra que possa equivaler a “*évènementialité*” o tradutor optou por “evenemencialidade”.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. “Dicionário de Questões Vernáculas”. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O Positivismo no Brasil, uma apresentação do problema para um leitor europeu*. Novos Estudos, 21. Cebrap, São Paulo. Julho de 1988, pp 185-194.

_____. Um Departamento francês de ultramar – Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994.

BEIDEIR, Liba. *A Disseminação do texto literário*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, RJ. Janeiro – março 1979, pp. 23-27.

BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*, in: Tempo e História. Adauto Novaes org., Companhia das Letras, São Paulo, 2 ed., 1996, pp 19-32.

_____. *O Positivismo no Brasil: Uma Ideologia de Longa Duração*, in: Do Positivismo à Desconstrução – Idéias Francesas na América, p 17 – 47. Leyla Perrone Moisés (org.) Edusp, 2004.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros de. *Tempo Brasileiro e Novos Estudos nos anos 80*, in: [http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de Pesquisa1/texto mlucia.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa1/texto_mlucia.htm)

CAMPOS, Haroldo de. *Da tradução como criação e como crítica*, in: Metalinguagem, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1970, pp 21-38

_____. *O Tempo e os Tempos*. In: NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.19-32

CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. Novos Estudos, 37, Cebrap, São Paulo. Novembro de 1993 ,pp. 21-35.

- CORREIA, Roberto Alvim. Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês. Ministério da Educação e Cultura – Fename, Maria da Graça, GB, 1972.
- DERRIDA, Jacques. A Escritura e a Diferença. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. Editora Perspectiva, Coleção Debates, São Paulo, 1971.
- _____. A Voz e o fenômeno. Tradução de Lucy Magalhães. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ, 1994.
- _____. *Cogito e História da Loucura*, tradução de Pedro Leite Lopes. In: “Três Tempos sobre a História da Loucura” (Maria Cristina Franco Ferraz org.). Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2001, pp. 8 - 65.
- _____. “De la grammatologie”. Les Éditions de Minuit, Paris, 1967.
- _____. Do Espírito: Heidegger e a questão. Tradução de Constança Marcondes César. Papyrus Editora, 1990.
- _____. *Fazer justiça a Freud - A história da loucura na era da psicanálise*, tradução de Maria Inês Duque Estrada. In: “Três Tempos sobre a História da Loucura” (Maria Cristina Franco Ferraz org.). Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2001, pp. 90 - 149.
- _____. Gramatologia. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Miriam Schnaiderman. Editora Perspectiva e Edusp. Coleção Estudos. São Paulo, 1973.
- _____. Mal de Arquivo – uma impressão freudiana. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Relume Dumairá, Rio de Janeiro – RJ, 2001.
- _____. Margens da Filosofia. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Rés Editora, Porto – Portugal, 1986.

- _____. Margens da Filosofia. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Revisão Técnica Constança Marcondes César. Papyrus Editora, Campinas S.P., 1991.
- _____. Marges de la philosophie. Collection Critique. Les Éditions de Minuit, Paris, 1972.
- _____. L'Écriture et la différence. Éditions Du Seuil, Paris, 1967.
- _____. Limited Inc. Tradução Constança Marcondes César. Papyrus Editora, Campinas, S.P., 1991.
- _____. *Le Puits et la pyramide*. In: Hegel et la pensée moderne. Presses Universitaires de France, Paris (Jean Hippolite org.), 1970, pp.
- _____. *O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?* Tradução de Evando Nascimento, in: Jacques Derrida: pensar a desconstrução. Estação Liberdade, 2005.
- _____. *O Poço e a Pirâmide*, in: Hegel e o Pensamento Moderno. Tradução de Rui Magalhães. Rés Editora, Porto – Portugal, pp. 39 – 107, 1979.
- _____. *O que é uma tradução “relevante”?* (1999), tradução de Olívia Niemeyer Santos (Conferência proferida no Encontro de Tradutores em Arles - França - em 15 de novembro de 1998). In: ALFA - Revista de Linguística, UNESP, número 44 - *Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo - Brasil, 2000, p. 13 - 44.
- _____. Posições. Tradução de Maria Margarida Correia Cavalcante Barahona Coleção O Discurso Social. Eduardo Prado Coelho, dir. Plátano Editora, Sarl, Lisboa, Portugal. 1975

- _____. Positions. *Entretiens avec Henri Ronse, Julia Kristeva, Jean- Louis Houdebine, Guy Scarpetta*. Collection Critique. Paris: Éditions de Minuit, 1972.
- _____. *Semiologia e Gramatologia*, in: “Ensaio de Semiologia I” (Júlia Kristeva, Rey-Debove e Umiker orgs.). Tradução de Luiz Costa Lima. Revisão de Márcio Tavares D’Amaral. Editora Eldorado, Rio de Janeiro, RJ, p. 7 – 22, 1976.
- _____. *Sémiologie et grammatologie*. In: Recherches sémiotiques. Information sur les sciences sociales, 1968, pp. 11-27.
- _____. *Sémiologie et grammatologie*, in: Essays in Semiotics – Essais de sémiotique. Mouton & Co. N.V, 1971.
- _____. Writing and Difference. Tradução de Alan Bass. Routledge & Kegan Paul Ltd, London, 1997
- FAWCETT, Peter. Translation and Language. – Linguistic Theories Explained. St. Jerome Publishing. Manchester, UK, 1997.
- FERNANDES, Florestan. *Florestan Fernandes, História e Histórias - Depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn*. Novos Estudos. São Paulo: Cebrap, nº 42, julho de 1995, pp 3-31
- FOUCAULT, M. “Folie et Dérison. Histoire de la Folie à l’âge classique. Paris: Pron, 1961.
- _____. “Folie et Dérison. Histoire de la Folie à l’âge Classique”. Paris: Gallimard, 1972.
- GOUGENHEIM, Georges. “Dictionnaire fondamental de la langue française”. Librairie Marcel Didier, Paris, 1978

- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Nova Fronteira, 2.ed., 1986.
- _____. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Companhia Editora Nacional, 11ª ed. 1976.
- HOUAISS, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.
- LÜDKE, M. & André, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo; E.P.U., 1986.
- MACKSEY, Richard e DONATO, Eugênio orgs. The Structuralist Controversy – The Languages of Criticism and the Sciences of Man. The Johns Hopkins University Press, Balimore, Maryland, 1970.
- MADEIRA, Maria Angélica, & Motta Santos, Mariza Veloso, in: Leituras Brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura, Paz e Terra, São Paulo, 1999.
- MEDINA, A. Rodrigues, et al. Antologia da Literatura Brasileira: textos comentados. Vol. 1, São Paulo, Marco editorial, 1979
- MIESZKOWSKI, Jan. *Derrida, Hegel, and the language of finitude*. In: Philosophy in a time of terror: dialogues with Jurgen Habermas and Jacques Derrida. Giovanna Norradoni, ed. Chicago: University of Chicago Press
- MOISÉS, Leyla-Perrone (org). Do Positivismo à desconstrução – idéias francesas na América. Edusp, São Paulo, 2004.
- MOUNIN, Georges. Os Problemas Teóricos da Tradução. Tradução Heloysa de Lima Dantas. Editora Cultrix, São Paulo, 1975.
- NOBRE, Marcos. *A Filosofia da Usp sob a ditadura military*, ni: Novos Estudos, nº 53, março de 1.999, pp 137-150, Cebrap, São Paulo.

- OTTONI, Paulo. Tradução Manifesta – double bind & acontecimento. Ed. Unicamp, Campinas, SP. Edusp, São Paulo, SP, 2005.
- PEIXOTO, Fernanda. *Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo*, in: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- PEREIRA NETO, André de Faria. *Foucault, Derrida, e a história da loucura: notas sobre uma polêmica*. “Cad. Saúde Pública”. Julho/Setembro 1998, vol.14, no.3, p.367-641. <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1998000300022&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X
- PEÑALVER, Patrício. *Dos heterologías. El pensamiento sin el ser en Lévinas y en Derrida*. In: Argumentos de alteridad. La hipérbole metafísica de Emmanuel Lévinas, Madrid, Caparrós Editores, 2000, pp. 195-215.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. org. Do Positivismo à Desconstrução – Idéias Francesas na América. São Paulo, Edusp, 2004.
- PIETZSCHKE, Fritz e WIMMER, Franz. Novo Michaelis Dicionário Ilustrado. Melhoramentos, São Paulo, 9. ed., 1994.
- PRENOWITZ, E. (1996) Translator’s Note - Right on [à mêmme]. In: Archive Fever - A Freudian Impression. The University of Chicago Press, p.104 - 111.
- ROSA, António Ramos. *A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*. In: Estruturalismo – antologia de textos teóricos. Eduardo Prado Coelho org.) Portugália Editora, Lisboa, Portugal, p. 101-123, 1968.
- ROSA, António Ramos. *A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, in: Estruturalismo – Antologia de Textos Teóricos. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo, início dos anos 1980.

SANTIAGO, Silviano. *Desconstrução e descentramento*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, RJ, janeiro – março 1973, pp. 76-97.

_____. Glossário de Derrida. Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ, 1976.

_____. Uma Literatura nos trópicos – ensaios sobre dependência cultural. Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 2ª ed., 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Um Seminário de Marx*, in: *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 50, março de 1998, pp. 99-114).

SORÁ, Gustavo. Resenha de *Destinos Mistos*. Os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940 – 1968), de Heloísa Pontes. Companhia das Letras, São Paulo, 1998. – www.scielo.br/pdf/mana/v5n2a14.pdf)

SPIVAK, G. *Translator's Preface*. In: *Of Grammatology*. 1997, p. ix – lxxxvii.

STRAUSS, CLAUDE-LÉVI. *Tristes Trópicos*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. 2. ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

TERRA, Ricardo R. *Atualidade de Schiller*. *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 34, novembro de 1992, p. 230 (Apud nota de rodapé 29, p. 148).

VENUTI, LAWRENCE. *A Invisibilidade do tradutor*. Tradução de Jorge Wanderley, in: *Palavra* 3, 1986. pp. 111-134.